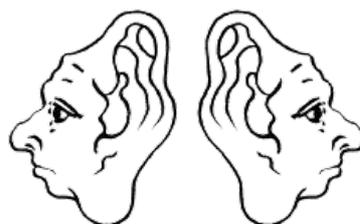




# **cantos de aparições**

**cantos diversos de diversos cantos**



# **cantos de aparições**

cantos diversos de diversos cantos

**Mestrado do programa de Pós-Graduação em Artes**

Universidade Federal do Pará

**Pesquisa**

Paulo de Araújo Meira Junior

**Orientação**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria dos Remédios de Brito

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES  
MESTRADO EM ARTES

**Cantos de aparições**

Cantos diversos de diversos cantos

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal do Pará,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação  
em Artes, linha de pesquisa I  
- Poéticas e Processos de  
Atuação em Artes, para a  
obtenção do título de Mestre.

**Pesquisa**

Paulo de Araújo Meira Junior

**Orientação**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria dos Remédios de Brito

Belém, Pará, Brasil, 2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

D278c de Araújo Meira Junior, Paulo.  
Cantos de aparições : Cantos diversos de diversos cantos /  
Paulo de Araújo Meira Junior. — 2021.  
170 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria dos Remédios de Brito  
Coorientação: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marisa Mocarzel  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em  
Artes, Belém, 2021.

1. rádio performance. 2. escuta. 3. som. 4. artes visuais. 5.  
arte e política. I. Título.

CDD 730

---



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**Ao um (01) dia do mês de outubro do ano de dois mil e vinte (2020)**, às quatorze (14) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se remotamente, sob a presidência da orientadora professora doutora Maria dos Remédios de Brito, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Paulo de Araújo Meira Junior, intitulada: **Rádio Performance – Transições em Transmissões**, perante a Banca Examinadora composta por : Maria dos Remédios de Brito (Presidente) ; José Afonso Souza (Examinador interno) ; Marisa de Oliveira Mokarzel (Examinador Externo à Instituição) ; Edson Carlos de Barros (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Maria dos Remédios, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, Aprovado com conceito **Excelente** do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Maria dos Remédios de Brito agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando. Belém-Pa, 01 de outubro de 2020.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO

Prof. Dr. JOSÉ AFONSO MEDEIROS SOUZA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARISA DE OLIVEIRA MOKARZEL

Prof. Dr. EDSON CARLOS DE BARROS

PAULO DE ARAÚJO MEIRA JUNIOR

## Resumo

A pesquisa “Cantos de Aparições” consiste em práticas artísticas, acerca do potencial da experiência auditiva, relacionada ao campo das artes visuais, sobretudo seu aspecto performático vocal. A pesquisa propõe: o som, como principal referência na criação de acontecimentos performativos; o deslocamento da referência visual para a auditiva na concepção de rádio performances. O meio rádio é utilizado como suporte e ambiente de onde emergem os cantos. Por se tratarem de textos para rádio, sua escrita foi construída para ser falada, o que a caracteriza como uma escrita performativa, ou escrita falatória. Compõem o resultado da pesquisa: sete cantos, em formato de programas de rádio, transmitidos pela Rádio Catimbó. Além da própria rádio, outras e outros personagens narram os cantos.

As reflexões e escutas presentes neste memorial foram compartilhadas de autoras e autores como Achille Mbembe, Ailton Krenak, Hilda Hilst, Eliana Alves Cruz, Eduardo Galeano, bell hooks, entre outras e outros, e contribuíram na busca pela diversidade do olhar pela escuta, do ver no tempo da escuta, liberar o corpo do imobilismo da arte Ocidental, diversificando experiências estéticas. Boa escuta.

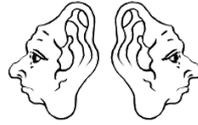
**Palavras chave:** rádio performance; escuta; som; artes visuais; arte e política

## Resumen

La investigación "Cantos de Aparições" consiste en prácticas artísticas, sobre el potencial de la experiencia auditiva, relacionadas con el campo de las artes visuales, especialmente en su aspecto performático vocal. La investigación propone: el sonido, como principal referente en la creación de eventos performativos; el desplazo de la referencia visual a la auditiva en la concepción de las performances radiofónicas. El medio radiofónico es utilizado como soporte y ambiente del que emergen los cantos. Por tratarse de textos para radio, su escritura fue construida para ser hablada, lo que la caracteriza como escritura performativa, o escritura "hablatoria". El resultado de la investigación es compuesto por: siete canciones, en formato de programas de radio, transmitidas por Rádio Catimbó. Además de la propia Rádio, otros personajes narran las canciones.

Las reflexiones y escuchas presentes en este memorial fueron compartidas por autores como Achille Mbembe, Ailton Krenak, Hilda Hilst, Eliana Alves Cruz, Eduardo Galeano, bell hooks, entre otras y otros, y contribuyeron a la búsqueda por la diversidad de la mirada a través de la escucha, el 'ver' en el tiempo de la escucha, liberar el cuerpo de la inmovilidad de la arte Occidental, diversificando las experiencias estéticas. Buena escucha.

**Palabras clave:** radio performance; escucha; sonido; artes visuales; arte y política



**cantos de aparições**

cantos diversos de diversos cantos

Para meus pais, Celanira e Paulo

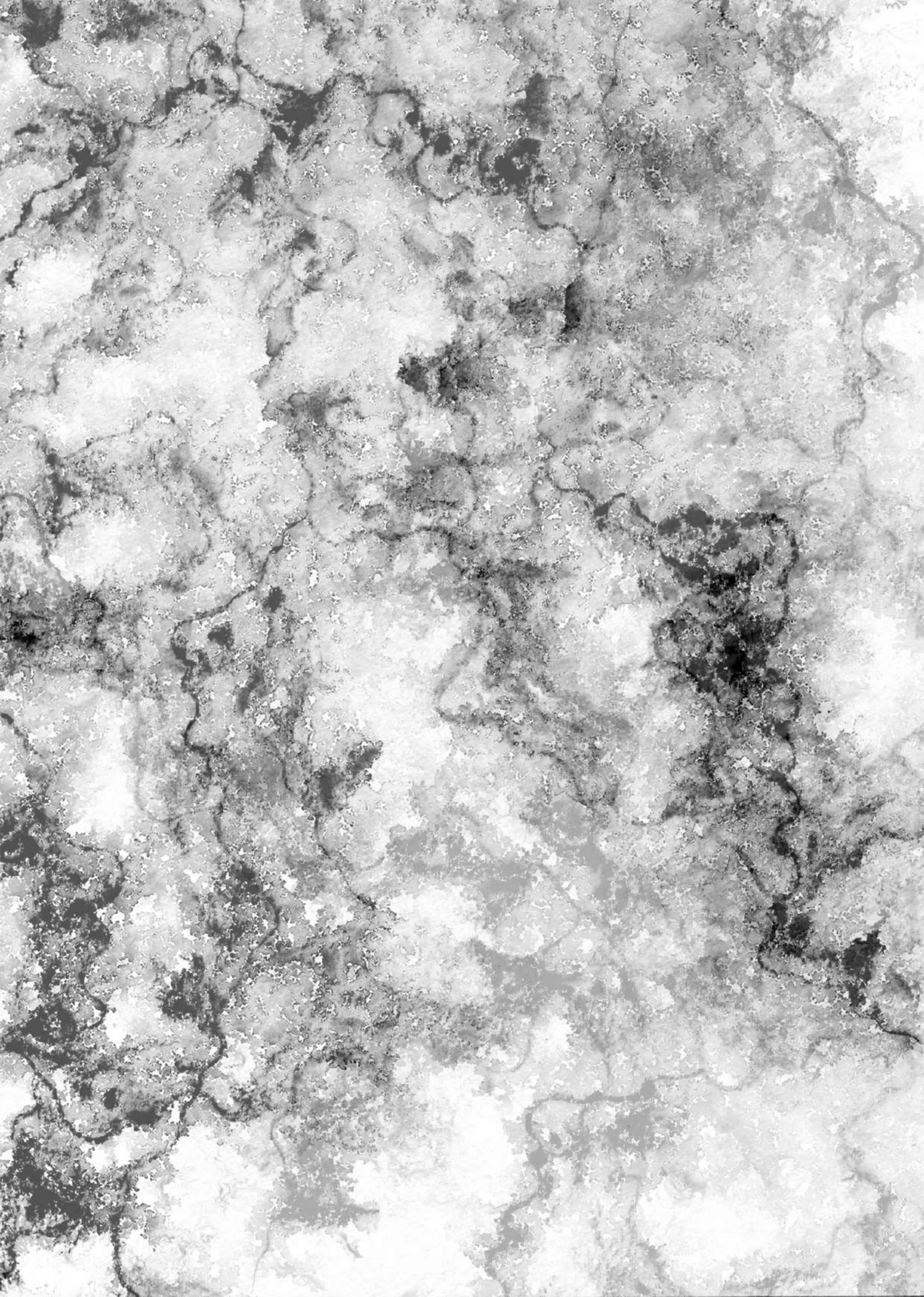
Para minha parceira de amor e estrada, Cláudia

Para minhas professoras Vania Brandão e Solange Coutinho

Para as amigas e amigos que, direta ou indiretamente,  
compartilharam as escutas desses cantos e que estão presentes  
neste trabalho.

## Sumário

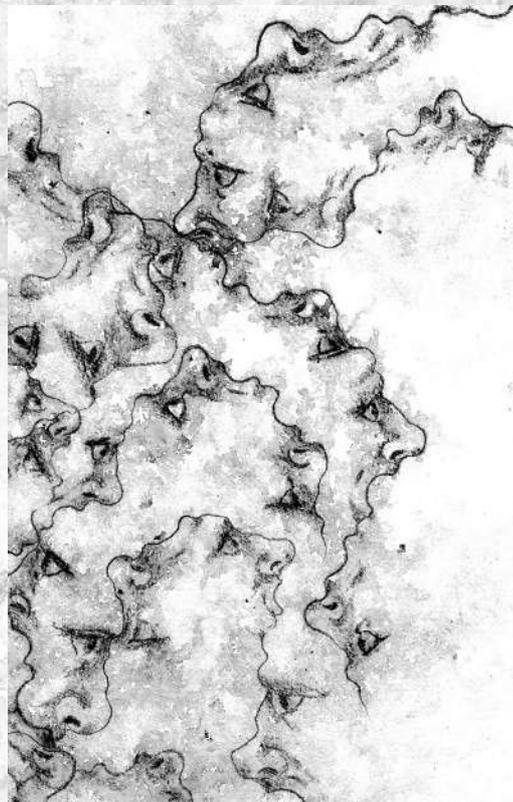
Eu já escuto teus sinais	[10]
Navegando nas ondas do rádio	[35]
Transições em transmissões	[58]
Incenson	[81]
Mensagens sonoras	[94]
Histórias d'escutas	[115]
Nunca mais	[138]
Notas & referências	[162]





**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

**Eu já escuto teus sinais**



**RÁDIO CATIMBÓ**

## Eu já escuto teus sinais



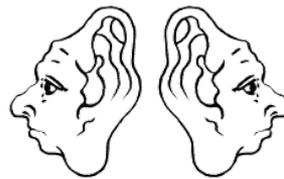
Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó! Música: Hermeto / Artista: Hermeto Pascoal / Álbum: Hermeto, 1970. Vai a BG Vinheta da rádio: Catimbó!



Uma das ilhas de Belém, onde foi realizada a pesquisa **Cantos de aparições**.

E.V. - Bom dia caras e caros ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, trazendo para vocês o programa: **Eu já escuto teus sinais!** Um oferecimento **Incensom!**

**Incensom** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú<sup>1</sup> abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!



**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

Logomarca da pesquisa Cantos de aparições.

E.V. - **Eu já escuto teus sinais** é o Programa de estreia da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilharam as escutas desses **Cantos de aparições**:

As professoras e orientadoras Marisa Mokarzel e Maria dos Remédios; ao corpo docente e funcionários do PPG Artes: Cláudia Leão, Orlando Manesch, Bene Martins, Cesário Augusto, Afonso Medeiros, Jacqueline Estumano, Lilian Silva, Tarcísio Túlio, Larissa Lima; aos queridos Tamaras Tijuca: Tom Lobato, Marise Maués, Karla Pessoa, Patrícia Abud, Rose Karimme, Iva Rothe, Allyster Fagundes, Amanda Modesto, Heloa Rodrigues, Rodrigo José, Maria Isabel Veiga, Suelen Nino, Rafaella Corrêa, Glauce Santos, Robson Gomes, Paulo César Junior, Enoque Paulino, Edson Palheta, Ailson Tanaka, Kika Cristancho e Eder Monteiro; ao CNPq; e as autoras e autores consultados e citados neste programa. Vamos abrir os trabalhos com o nosso editorial. E, para uma melhor sintonia em nossa comunicação, falaremos de alguns conceitos, linguagens e proposições da nossa pesquisa. No final, faremos um breve resumo dos programas que compõem toda a série. **Eu já escuto teus sinais** é, portanto, um programa introdutório da pesquisa **Cantos de aparições**.

Vinheta do programa:  
Eu já escuto teus sinais!  
Música:  
Chegada /  
Artista: Naná Vasconcelos  
Álbum: Naná Vasconcelos, 2005.  
Vai a BG



E.V. - Iniciaremos falando sobre a arte da performance, já que nossa pesquisa propõe a prática de rádio performance. Vocês já devem ter ouvido esta palavra: performance. Hoje em dia, ela é utilizada em diversas áreas da vida, como por exemplo no esporte, é comum ouvirmos: a performance de tal atleta, ou a performance de tal equipe; ou a performance do funcionário de tal empresa.

É comum a palavra performance substituir outra que é desempenho. Em nossa pesquisa utilizaremos a palavra performance para designar, uma linguagem artística, uma arte do corpo, ou sempre relacionada ao corpo.

Na obra *A arte da performance - do futurismo ao presente*<sup>2</sup>, a historiadora e crítica de arte Roselee Goldberg, resume assim a história da performance no século XX, vamos escutá-la:

A História da performance no século XX é a história de um meio de expressão maleável e indeterminado, com infinitas variáveis, praticado por artistas insatisfeitos com as limitações das formas mais estabelecidas e decididos a [colocar] a sua arte em contato direto com o público. Por esse motivo, tem sempre uma base anárquica. Devido a sua natureza, a performance dificulta uma definição fácil ou exata, que transcenda a simples afirmação de ser uma arte feita ao vivo pelos artistas. Qualquer definição mais rígida negaria de imediato a própria possibilidade da performance, pois os seus praticantes usam livremente quaisquer disciplinas e quaisquer meio como: literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitetura, pintura; assim como vídeo, fotografia, slides, e narrações, utilizando-os nas mais diversas combinações. De fato, nenhuma outra forma de expressão artística tem um programa tão ilimitado, uma vez que, cada performer cria a sua própria definição através de processos e modos de execução adotados (GOLDBERGE, p. 10, 2007).

Para Goldberg, a performance confere ao artista uma presença na sociedade, que ela se refere como esotérica, xamanística, educativa, provocatória, ou de mero entretenimento.

Portanto, a performance é uma arte de transição em contínuo movimento de ruptura, com o que podemos denominar de arte-estabelecida. Uma performance artística pode ser pública ou privada. Pública quando há a presença de espectadores no ambiente em que ocorre; privada quando não há a presença do público, nestes casos, ela é registrada e exibida posteriormente. Uma performance pode ser orientada para ser registrada em vídeo, fotografia ou, no caso de performance vocal, registrada em gravador de áudio.

Ela pode ser apresentada em lugares como museus, galerias de arte, espaços alternativos, bares, cafés, escolas, esquinas...

Para o artista, pesquisador e professor Renato Cohen, autor do livro “Performance como linguagem - criação de um tempo-espaço de experimentação”, a performance penetra caminhos e situações antes não valorizados como arte, [ela] acaba tocando nos tênues limites que separam arte e vida.

E se estamos falando de performance, é preciso falar sobre transe performático. Transe performático, é a situação que ocorre quando performer e expectador participante, entram em uma mesma sintonia, em um mesmo regime temporal do ato da performance, o que Rolselee Goldberg nomeou de “suspensão do tempo”.

Um transe performático pode ocorrer em diversas situações: em um show de música, uma gira de umbanda, uma torcida em um estádio de futebol, ou uma passeata popular. Para falar sobre transe performático, o medievalista Paul Zunthor, relembra situações vividas durante sua infância com cantores de rua. Ele descreve toda cena: o camelô que vendia as canções; os risos das meninas; a rua em volta; os barulhos do mundo; o céu ao entardecer... mais ou menos tudo isto fazia parte do acontecimento. Tentar reviver tal experiência é, portanto, impossível. Zunthor descreve situações semelhantes, no sentido pleno da palavra, como uma “forma”, vamos ouvi-lo:

Uma forma não fixa ou estável, uma forma-força, um dinamismo formalizado; uma forma finalizadora... não um esquema que se dobra a um assunto, porque a forma não é regida pela regra, ela é a regra. Uma regra a todo instante recriada, existindo apenas na paixão [de quem] a todo instante, adere a ela, num encontro luminoso (ZUMTHOR, p. 28-29. 2007).

Mas em uma performance artística, nem sempre o clima é festivo ou catártico como nos casos citados. Nem sempre uma performance pos-

sui aspectos sedutores em seu comunicado, pelo contrário, ela pode trazer em sua mensagem algo fora do habitual, fora das normas, estranhamentos, violência. Nesses casos, faz-se necessário uma pré-disposição, ou um acordo entre os participantes, tanto de quem executa a performance, quanto de quem assiste, para que ocorra o transe performático. Daqui a pouco voltaremos a falar de transe performático.

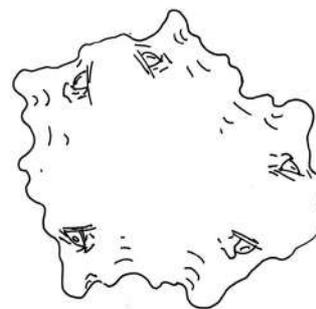
Vamos falar agora de rádio performance e para isto, podemos usar como referência, procedimentos utilizados na realização de vídeo performance. Uma obra de vídeo performance é construída a partir de uma, ou várias performances, privadas ou públicas que são registradas/gravadas em vídeo e editadas. O registro das imagens da performance, são realizados em função da narrativa e só ao final, o vídeo é sonorizado. Portanto, seu principal elemento de referência é a imagem; seu resultado final é um arquivo de imagem e vídeo. Já uma rádio performance é realizada, também, a partir de uma ou várias performances, privadas ou públicas, gravadas e editadas, mas, as imagens, quando ocorrem, figuram em plano secundário; em obras de rádio performance, as ações artísticas gravitam em torno do meio rádio, considerando esse meio rádio, em suas diversas dimensões, tanto simbólica, como técnica. Como elemento simbólico o rádio pode ser suporte narrativo de filmes, elemento sonoro de instalações, de objetos, esculturas, personagem; como meio técnico pode ser utilizado para transmissão e exibição de rádio performance, emissão de sinal analógico em instalações, performances públicas. Os principais elementos de obras de rádio performance são: música, paisagem e arquitetura sonora, ruídos, silêncio e principalmente, a voz; o resultado final de uma rádio performance pode ser tanto um arquivo de áudio, quanto de áudio e vídeo. Em nossa pesquisa, nomeamos de rádio performance, todas as experiências com o meio rádio.

Como falamos a pouco, um dos elementos que podem compor uma rádio performance é uma paisagem sonora. Geralmente quando escutamos essa palavra - paisagem - logo pensamos nos elementos que formam a imagem de uma paisagem: montanhas, árvores, rio. Uma paisagem sonora também é formada por diversos elementos, neste caso auditivos, como: o som do vento e das árvores agitadas por ele; dos animais; das águas de um rio. Uma paisagem sonora é composta por sons de elementos da natureza, sons que a descrevem. O equivalente pode ocorrer com a arquitetura. Um bom exemplo é um estádio de futebol lotado: os cantos e gritos da torcida, instrumentos musicais e, principalmente a reverberação dos sons na arquitetura, o apito do árbitro, formam o ambiente sonoro. Paisagem ou arquitetura sonora são, portanto, conteúdos sonoros criados a partir da escuta de lugares e situações, com o intuito de descrevê-lo.

Você está ouvindo o programa **Eu já escuto teus sinais** com transmissão da Rádio Catimbó. Rádio Catimbó é uma obra ficcional concebida como agenciador, suporte, personagem de performances em rádio. A Rádio Catimbó não possui estúdio fixo, nem sinal ou frequência modular perene, o que a caracteriza como uma rádio *fantasma*, ela traz no próprio nome, *catimbó*, sua dinâmica de ocorrência, que é por *aparuições*.

Vocês acabaram de ouvir o editorial do programa **Eu já escuto teus sinais**, faremos um breve intervalo, apenas um sopro sonoro.

Vinheta da rádio:  
Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa:  
Eu já escuto teus sinais!  
Música: El capitalismo foráneo. Artista: Gotan Project.  
Álbum: La revancha del tango, 2001.



Música: El capitalismo foráneo. Artista: Gotan Project. Álbum: La revancha del tango, 2001.



Rádio H.H., 2013.

Vai a BG

E.V. - Caríssimas e caríssimos ouvintes, vocês estão ouvindo pela Rádio Catimbó, **Eu já escuto teus sinais!** No final deste programa, apresentaremos um resumo dos programas que compõem toda a série Cantos de Aparições.

Como vocês ouviram, em nosso editorial, falamos sobre alguns conceitos e linguagens relacionados à pesquisa. Falaremos agora sobre suas proposições. **Cantos de Aparições** é uma pesquisa acerca do potencial da experiência auditiva, relacionada ao campo das artes, sobretudo a performance, na concepção de rádio performance. Propomos que a referência para concepção de ações performáticas, seja o som; que haja um deslocamento da referência visual para a auditiva, na criação de acontecimentos performativos. Quando escutamos uma transmissão radiofônica, o espaço-tempo é preenchido pelo som: vozes, ruídos, música, etc. Esses elementos que preenchem o espaço-tempo sucessivamente, compõem o tecido da escuta. O ato de escutar, de estar receptivo, já se configura como uma pré-disposição ou acordo entre os participantes de uma rádio performance. Em uma performance, o tempo é o principal elemento de tensão. Estão inscritos no fluxo do tempo seus diferentes elementos: o corpo, o som e o espaço. Esses elementos são necessários para que a performance ocorra, como uma experiência singular, e, portanto, é no tempo que se concentra a maior tensão. É sobre o tempo que se torna necessário uma consciência, tanto da ou do performer quanto da ou do espectador/ouvinte, para que se instaure o transe da performance.

Como já falamos, um transe performático pode ocorrer em diversas situações, vocês lembram? Em uma situação de rádio performance, essa tomada de consciência dos participantes pode ocorrer mesmo remotamente, pois, som e escuta são parte do mesmo fluxo espaço-temporal e seus principais indutores do transe performático. Sobre tais processos, vamos escutar um fragmento do livro *Performance, Recepção e Leitura*, do medievalista Paul Zumthor:

“performance designa um ato de comunicação, um momento tomado como presente... a performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca” (ZUMTHOR, p. 31, 2007).

Podemos pensar, portanto, que performance é uma operação cognitiva, tanto daquele ou daquela que desempenha, como daquele ou daquela que escuta. Falamos a pouco que, na concepção de uma obra de rádio performance, são utilizados vários elementos sonoros, como: música, paisagem sonora, ruídos, silêncio, mas principalmente a voz. E é sobre a voz que falaremos um pouco. Na excelente obra “*Performance, recepção e leitura*”, Paul Zumthor elabora um conjunto de teses sobre a voz, das quais selecionamos alguns trechos. Vamos ouvi-los:

**[A voz]**

...é o lugar simbólico por excelência; mas um lugar que não pode ser definido de outra forma que por relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, *inobjetivável*.

**[A voz]**

...é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se

reduz à localização pessoal. Nesse sentido a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite e me libera dele.

**[A voz]**

...não é espetacular; [ela] não tem espelho. Narciso se vê na fonte. Se ele ouve a própria voz, isto não é absolutamente um reflexo, mas a própria realidade (Zhumtor, p. 84, 2007).

A voz é um acontecimento do mundo sonoro, e está para a escuta, da mesma forma que o movimento corporal, que é um acontecimento do mundo da imagem, está para a visão.

Para Paul Zumthor, mais do que pelo olhar, podemos ser traídos por nossa voz. Quando falamos, nossa voz se sexualiza, quando transmitida, ela se erotiza. Ela, a voz, “é consumação do outro”, já que, não necessita invadir fisicamente o objeto de seu desejo, “o som vocalizado vai [de um a outro] interior e liga, duas existências” (ZUNTHOR, p.14-15, 1993).

A pesquisa “**Cantos de aparições**” propõe como principal referência na criação de acontecimentos performativos, o deslocamento da imagem, para o som, da referência visual para a auditiva. Quando falamos de rádio performance, podemos pensar o rádio como um amplificador, mas também como indicador do local da fala. A voz, escutada no rádio, indica que há um corpo que fala, mas que não está presente, pois fala de outro local, distante de quem escuta. Isso implica que, quando escutamos a voz no rádio, escutamos em nosso silêncio a voz que vem de outra parte, fora de alcance da visão. Em uma rádio performance a concretização dos participantes ouvintes, ocorre de maneira imediata e simultânea no tecido da escuta.

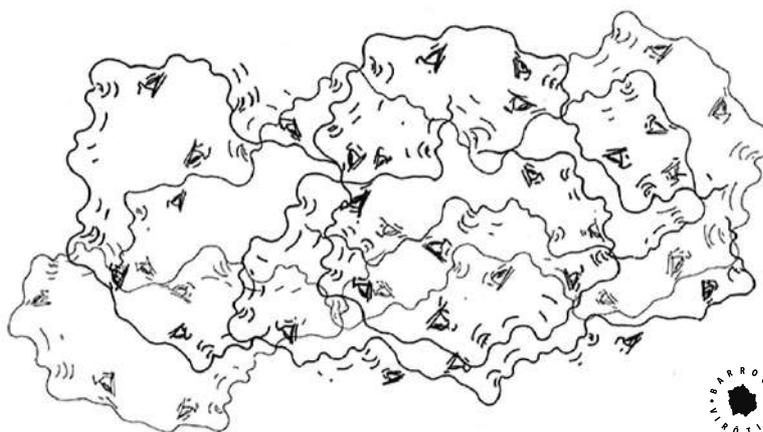
Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor intensidade. Outro aspecto de uma experiência com rádio performance, é a ampliação das possibilidades de criação de

subjetividades. Ela é mais aberta, pois, quando escutamos um rádio, podemos sempre nos resguardar em um espaço-tempo subjetivo, autônomo, já que quando ouvimos, temos os olhos livres e, conseqüentemente mais liberdade de movimentos. Já para ver imagens, assistir um vídeo por exemplo, temos que direcionar nosso olhar para algum objeto ou imagem e quando fazemos isto, somos obrigados a permanecer imóveis. Enquanto ouvimos rádio, podemos realizar outras atividades, em contextos variados e relacionadas ou não ao que estamos ouvindo. Todos os caminhos e ações relacionados ao rádio convergem para a escuta.

A escuta é um ato político, um zelo, é a criação do outro em nós.

Faremos um brevíssimo intervalo, apenas um cafuné sonoro.

Vinheta da rádio:  
Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa:  
Eu já escuto teus sinais!  
Música:  
Zombie /  
Artista: Fela Kuti / Álbum:  
Zombie, 1976.



Vai a BG

E.V. - Caras e caros ouvintes, estamos de volta. Lembrando que você está ouvindo pela Rádio Catimbó, o programa **Eu já escuto teus sinais**, Programa de abertura da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

“...a visão nos proporciona mais conhecimento do que todas as outras sensações e nos torna manifestas numerosas diferenças entre as coisas.” (Metafísica, A, 980<sup>a</sup> - 25).

Essa afirmação foi dita pelo filósofo grego Aristóteles, falaremos sobre ele já já. Agora vamos falar sobre a visão e talvez vocês questionem: por que falar de visão se estamos trabalhando com a escuta? Precisaremos falar de visão, não para falar das maravilhas desse sentido e o que ele nos possibilita. Vamos falar da visão como um dispositivo de poder e a escuta como um ato político, um exercício de descolonização do olhar.

Atenção ouvintes, uma nota aqui se faz necessário, e nela, vamos escutar o filósofo camaronês, Achille Mbembe, sobre decolonialismo:

...O discurso decolonial, especialmente como ele foi teorizado pelos latino-americanos... propõe um julgamento da “razão ocidental”, de suas formas históricas de predação e do impulso genocida inerente ao colonialismo moderno. O que os teóricos decoloniais chamam de “poder colonial” não se refere apenas aos mecanismos de exploração e predação de corpos, recursos naturais e seres vivos. Também se refere à falsa crença segundo a qual só existe um conhecimento, um único local de produção da verdade, um universo e, fora disso, há apenas superstições. O discurso decolonial quer destruir esse tipo de monismo e derrubar esse projeto de demolição dos diferentes saberes, práticas e modos de existência (MBEMBE, p.5, 2020).

Como nossa proposição é um exercício que busca a ampliação do olhar pela escuta, de *ver no tempo da escuta*, se faz necessário questionar a supremacia e centralidade da visão em relação à escuta, na produção de conhecimento e na criação das categorias de poder da civilização Ocidental. Nossa proposição com escuta busca liberar o corpo do imobilismo da visão Ocidental, ampliando experiências estéticas. Há, portanto, aqui, uma aproximação das ideias decoloniais, sobretudo nos questionamentos acerca da “razão ocidental”.

A visão tem um papel central na construção da cultura hegemônica ocidental. Suas epistemologias, com bases em experiências visuais, quase sempre estiveram ligadas à maneira como o conhecimento se desenvolveu.

Para a ciência moderna o conhecimento está associado à iluminação, à visão e à verdade como luz, uma visão imparcial diretamente relacionada à objetividade.

Na arte, o desenvolvimento da ótica e da perspectiva teve papel determinante na produção das imagens da modernidade. Quando o artista Inglês David Hockney, publicou o livro *O Conhecimento Secreto*, sobre o uso da ótica na produção de imagens no ocidente, foi execrado por muitos historiadores. A principal queixa deles era de que um artista usar dispositivos óticos seria trapacear e que, de algum modo Hockney estava atacando a ideia do gênio artístico inato. Escutemos o que diz Hockney:

“A concepção popular de um artista é a de um indivíduo heroico como, digamos, Cézanne ou Van Gogh, para representar o mundo de um modo novo e vivo. O artista medieval ou renascentista não era assim. Uma analogia melhor seria a CNN ou um estúdio cinematográfico de Hollywood. Os artistas possuíam amplos ateliês, com uma hierarquia de tarefas. Ateliês atraíam os talentos e os melhores seriam depressa promovidos. Eles produziam *as únicas* imagens existentes. O mestre era parte da poderosa elite social. Imagens falavam e imagens tinham poder. Ainda tem” (HOCKNEY, p. 15, 2001).

É importante refletirmos sobre o poder da imagem que nos fala Hockney e, ao mesmo tempo, porque o ocultamento do uso de lentes, sobretudo, quando se trata de ocultamento de um conhecimento técnico admirável, afinal, a ótica faz marcas, não faz pintura, quem faz pintura é o artista, mas ela é ocultada em nome do gênio humano Ocidental. Mesmo antes do advento da fotografia a maior parte das imagens produzidas no ocidente eram decorrentes do uso da ótica. No capítulo *Pequena História da Fotografia*, do livro *Magia e Técnica, Arte e Política*, o filósofo alemão, Walter Benjamin, mostra a reação publicada em um jornal Alemão sobre a recém descoberta da fotografia. Vamos ouvir:

“Querer fixar efêmeras imagens de espelho não é somente uma impossibilidade, como a ciência alemã o provou irrefutavelmente, mas um projeto sacrílego. O homem [ocidental] foi feito à imagem e semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano. No máximo o próprio artista divino, movido por uma inspiração celeste, poderia atrever-se a reproduzir esses traços ao mesmo tempo divinos e humanos, num momento de suprema solenidade, obedecendo às diretrizes superiores do seu gênio, e sem qualquer artifício mecânico” (BENJAMIN, p. 92, 2010).

Atenção ouvintes! Uma nota:

Sobre a afirmação de Hockney, de que “imagens falavam e imagens tinham poder. Ainda tem, é importante lembrar que a produção de imagens na arte Ocidente, levou ao pé da letra a máxima: “O homem ocidental como a imagem e semelhança de Deus”, e virou aquele que tudo embranquece. As representações de Jesus Cristo, do escritor Alexandre Dumas, do também escritor Machado de Assis, da compositora Chiquinha Gonzaga, tem em comum o fato de serem pessoas negras ou não brancas que foram representadas pela arte ocidental, como brancas.

Para além da arte, foi a partir do desenvolvimento da ótica que o homem criou telescópios para observar o universo macro do céu e microscópios para observar o universo micro das células; criou mapas, esquadrinhou os mares e desenvolveu sistemas de navegações. Começamos a falar sobre a visão citando uma afirmativa do filósofo grego Aristóteles, porque foram os gregos que começaram a *ver* a Terra como um mecanismo. Posteriormente a visão, centrada no perspectivismo e no racionalismo, teve papel central no paradigma científico moderno que desconectou o homem da natureza, que a enquadrou como algo distinto dos seres humanos, uma humanidade “desacoplada” do organismo vivo da Terra.



A cultura da imagem, foi ao longo dos séculos se desenvolvendo e se sofisticando, em efetividade, velocidade e voracidade como se pode perceber na “dimensão maquínica” do universo visual (fotografia, cinema, televisão, vídeo, computador) que produz e articula os discursos contemporâneos. No artigo “A Cultura do Ouvir”, Norval Baitte Junior afirma que:

Sob a hegemonia da visualidade, passaremos a não ver mais nexos nas conexões produzidas pelo mundo da audição, dado ao fluxo lento e a temporalidade da escuta, semelhantes ao tempo da leitura e sua exigência de um languido movimento de tempo, que é análogo ao tempo da escuta (BAITTELO, 1997).

A comunicação digital, por exemplo, é essencialmente visual, estamos perdendo todos os sentidos, não só a audição. Não seria estranho se alguém perguntasse a você:

Será que de tanto ver e de tanto desprezar nossa capacidade de ouvir, não estamos ficando surdos? Surdos por não querer ouvir, por não ter tempo de ouvir?

A hipertrofia da visão, está diretamente relacionada à hipertrofia do trabalho. Podemos associar o ver ao fazer, ao agir, a velocidade.

A visão tem um tempo muito mais rápido que a escuta, e esta velocidade é uma marca do sistema capitalista, cujo lema é “tempo é dinheiro” que é também o mundo da mercadoria, do descarte, do perecível, do efêmero; um mundo onde não há tempo para “a languidez do ouvir, para a passividade, para o sentimento, para o sentir que são marcas da escuta” (BAITTELO, 1997).

Nesse mundo de consumo, o olhar se tornou o novo valor do capital, pois o sistema precisa de olhares desejosos. É a lógica que inverte aquele ditado: o que os olhos não veem o coração não sente, para “o que os olhos veem, o coração deseja”.

Portanto, não esqueçamos ouvinte, tempo não é dinheiro, tempo é o tecido da vida, é nele que *bordamos nossa história*.

Civilização da imagem não significa somente ver e produzir imagens, mas também projetar imagens onde elas não estão visualmente presentes, atribuir-lhes valores - o olhar é uma categoria política e um poderoso dispositivo de poder. Foi a partir do olhar que o ocidente criou um de seus fantasmas mais ocultados - a raça e o racismo. No livro “Crítica da Razão negra, Achile Mbembe nos fala desse fantasma. Vamos ouvi-lo:

A raça é um lugar de realidade e de verdade - a verdade das aparências... a verdade do indivíduo designado a uma raça está simultaneamente alhures e nas aparências que lhes são designadas. Está por traz da aparência, por baixo daquilo que percebemos... A força da raça deriva precisamente do fato de que, na consciência racista, a aparência é a verdadeira realidade das coisas (MBEMBE, p. 70, 2018).

A ideia do exótico, do outro, daquilo que está fora de nossa percepção ótica - centralizada no olhar - determinaram a forma de ver do mundo ocidental. Esse olhar e não ver, está fora da humanidade, ou é parte de um processo de desumanização, de mercantilização. Mais uma vez, vamos escutar Mbembe:

Ver não é a mesma coisa que olhar. Pode-se olhar sem ver. E não há garantia de que o que se vê seja efetivamente aquilo que é. Olhar e ver têm em comum solicitar o juízo, encerrar o que se vê ou o que não se vê em inextricáveis redes de sentido - as tramas de uma história. Na distribuição colonial do olhar, sempre existe quer um desejo de objetificação ou de supressão, quer um desejo incestuoso, quer um desejo de posse ou quicá de estupro. Mas o olhar colonial tem também por função ser o próprio véu que esconde essa verdade. O poder na colônia consiste, pois, fundamentalmente, no poder de ver ou de não ver, de ser indiferente, de tornar invisível o que não se faz questão de ver. E se é verdade que o mundo é aquilo que vemos, pode-se então dizer que, na colônia, é soberano o que decide quem é visível e quem deve permanecer invisível (MBEMBE, p. 199, 2018).

Esse olhar ocidental, carrega a voracidade e virulência, do olhar racista, sexista, patriarcal, homofóbico, transfóbico que é exercido devorando-se corpos e culturas, sem que haja uma redistribuição imaginária e real dos lugares dos sujeitos que têm o poder (os que veem e consomem) e dos que não têm (que são vistos e podem ser descartados). Para a educadora, jornalista, ativista, Rosane Borges, “o lugar do ex-ótico foi construído com base nessa assimetria, seja no campo das artes, da ciência e da cultura audiovisual” (BORGES, 2020). Este olhar devorador de corpos traz em si a imposição a transparência e a visibilidade, como a tirania das câmeras de vigilância eletrônica, as imagens de satélites, os dispositivos eletrônicos, as redes sociais e todo um aparato de monitoramento que, recolocam várias questões relacionadas à função do olhar na contemporaneidade.

No prefácio da obra *Olhares Negros* (2019), da educadora, pensadora, feminista, ativista, Bell Hooks<sup>01</sup>, Rosane Borges afirma que “as invenções tecnológicas da modernidade impactam diretamente na construção do visível, modificaram a cultura e os sujeitos, constituindo um universo visual congestionado” (HOOKS, p.12, 2019).

Mais uma nota ouvintes: Sempre que utilizamos aparelhos eletrônicos: telefone celular, computador, estamos sendo monitorados, escutados e filmados. Tudo que falamos, mesmo com nossos aparelhos em repouso está sendo registrado. Quando usamos qualquer rede social, nossos dados estão sendo acessados. Estamos perdendo o controle de nossas vidas para os algoritmos. O sistema não escolhe por nós exatamente, mas nos induz, organizando conteúdos relacionados as nossas principais demandas. Essa tecnologia tem um lado perigoso, se pensarmos que, confiando nossos dados aos algoritmos, damos a eles cada vez mais poder e controle sobre nossas vidas. Quando uma entidade externa passa a escolher por você, não há mais livre-arbítrio, não é mesmo?

A Inteligência Artificial possibilita também o sistema de reconhecimento facial. O *DeepFace*, o mais popular deles, foi criado por um grupo de pesquisa do FaceBook, para identificar rostos humanos em imagens digitais. O programa emprega rede neural e atinge uma precisão de 97% de acerto, em alguns casos, chega a ser mais eficiente que o reconhecimento facial humano. Essa ferramenta tem como objetivo cruzar dados e identificar padrões faciais que certifiquem a identidade de uma pessoa.

Este é o olhar Ocidental, colonizador, vigilante, que olha, mas não vê e sim monitora, quantifica e induz. Muita gente fala de colonialismo como algo passado, mas ele não só permanece, como ampliou e aprimorou suas formas de ocupação que, além de territoriais, penetrou todo processo social e cultural. Seus métodos, mais do que nunca, dominam a produção global de conhecimento e determina nossos modos de vida. Seu raciocínio continua a ser reproduzido nas instituições de ensino e nos meios de comunicação. O colonialismo está entranhado em nós de tal forma que nem percebemos quanto. Dentro desse pacote de domínio e destruição se incluem as categorias estéticas e práticas artísticas. Rever as bases de construção dessas categorias estéticas, limitadas e limitantes pela insistente centralidade na visão, pode ser uma das estratégias de desconstrução do olhar colonial, de desalienação cultural, no sentido *Freiriano*. Vamos ouvir algumas palavras de Paulo Freire, sua fala cheia de bonitezas:

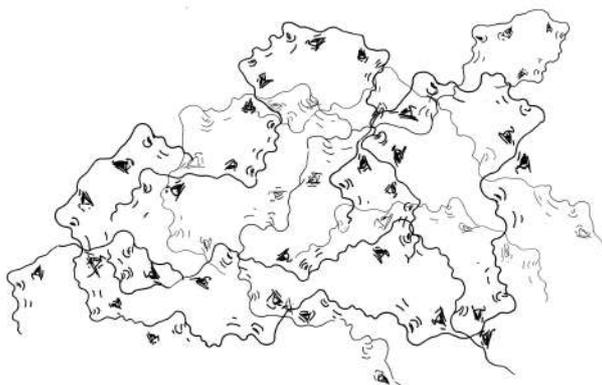
Posição típica ou atitude normal de alienação cultural, a de se voltar messianicamente para as matrizes formadoras ou para outras consideradas em nível superior ao seu, em busca de solução para os seus problemas particulares. Inadvertidos de que não existe soluções pré-fabricadas e rotuladas para estes ou aqueles problemas, inseridos nestas o naquelas condições especiais de tempo ou de espaços culturais. Qualquer ação que se suponha aos problemas, implica numa inautenticidade, por isso mesmo no fracasso da tentativa (FREIRE, p. 79, 1977).

Nossa proposição com escuta, busca liberar o corpo do imobilismo da visão da arte Ocidental, ampliando experiências estéticas. Nossa proposição é um exercício de *ver* no tempo da *escuta*.

Não temos intenção de demonizar a visão, nem de negar as maravilhas desse sentido para a arte e a ciência, muito menos as experiências que ela nos possibilita, ou, como nos fala o poeta paraense Vicente Franz Cecim, no texto “O colonialismo na Amazônia” (2007), não se trata de matar o olhar ocidental (arrancar os olhos), esse ancião em franco declínio está dentro de nós, infiltrado como um fantasma. Esse olhar colonial precisa ser repensado e, para tanto, o poeta sugere o exercício da escuta, da natureza e do entorno onde se está. Ele nos lembra que, escutar é dar atenção, é andar indagando. Vamos ouvi-lo:

*“Bastará deixar que ele nos diga algo,  
e escutar com muita humildade,  
muita exasperação também e  
sonhando bastante os nossos sonhos,  
a todo instante”.*

*Vicente Franz Cecim*



E.V. - A partir do complexo teórico apresentado, se desenvolve a pesquisa **Cantos de aparições**. A pesquisa consiste em práticas artísticas, acerca do potencial da experiência auditiva, relacionada ao campo das artes visuais, sobretudo seu aspecto performático vocal. A série Cantos de aparições é composta de sete cantos, em formato de programas de rádio.

Sua escrita foi construída como conteúdo para programas de rádio, foi pensada para ser falada, o que a caracteriza como uma escrita performática, ou escrita *falatória*. O programa **Eu já escuto teus sinais** pode ser concebido como introdutório da pesquisa, mas não há ordem de escuta pré-estabelecida dos demais programas da série, muito menos um programa conclusivo. Neste momento você está ouvindo o final da transmissão do nosso primeiro canto, o programa **Eu já escuto teus sinais**, que traz agora, para vocês ouvintes, um resumo de nossa programação completa. Confira nossas próximas atrações:



### **Navegando Nas Ondas do Rádio**

Neste segundo programa da série, navegaremos em diversas órbitas do mundo do rádio, tanto em contextos artísticos como político. O programa **Navegando Nas Ondas do Rádio**, tem o seu conteúdo organizado em pequenos blocos sonoros, divididos entre si pelo ruído de estática de rádio.

### **Transições em Transmissões**

Este programa apresenta uma entrevista com o artista e pesquisador Paulo Meira, sobre seus processos de criação e realização de obras com rádio, tanto de sua autoria como em coautoria.

### ***Incensom***

Falando direto do mundo encantado da Jurema. Trata-se de um programa publicitário.

É **Incensom** que toca Rádio Catimbó e oferece a série **Cantos de aparições**. É ele que abre os caminhos para os Cantos. **Incensom** é uma proposição de *incenso sonoro*, uma fabulação em performance.

### **Mensagens Sonoras**

Este programa, é um documentário ficcional. Na estória contada, dois lugares são unidos pelas ondas da Rádio Catimbó. O lugar que escuta o programa, chamado Raso da Jurema e ambientado no semiárido nordestino; e o lugar de onde é transmitido o programa e contada a história, chamado Vale do Silêncio, e ambientado na Amazônia Equatorial. O programa é um documentário sobre acontecimentos ocorridos no Vale do Silêncio, que sugerem uma invasão alienígena, uma invasão lenta, invisível e silenciosa. Aos poucos se percebe, que os acontecimentos ocorridos na Amazônia, também ocorreram, no Nordeste.

### **Histórias d'escuta**

Este programa é um convite à escuta de *fantasmas* surgidos no processo de expansão da civilização ocidental: O colonialismo. Esses fantasmas, serão revelados no tecido da escuta. Escutaremos, tanto aqueles fantasmas que habitam as ruínas do processo de expansão do colonialismo, como os que estão sendo criados na atualidade, que não cessam de se multiplicar.

### **Nunca mais**

Este programa, é sobre os contextos de surgimento de pandemias, como a de Covid-19, fala sobre a relação da civilização Ocidental com a vida e a morte, e o quanto, a atual crise civilizatória está associada a patologias da humanidade.

Com este breve resumo de nossa programação, chegamos ao final do primeiro programa da série **Cantos de aparições**. Convidamos você a embarcar em nossa nave, para um passeio no programa **Navegando nas ondas do rádio**, nossa próxima atração, mais um oferecimento *Incensom*.

Encerraremos o programa escutando o poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo, na voz deste que vos fala:

Quando eu morder  
a palavra,  
Por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro na íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento



Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar pra quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra

(EVARISTO, p121. 2017).

Vocês acabaram de ouvir, em altíssima intensidade de boniteza, o poema, “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo.



Vinheta da  
rádio:  
Rádio Catimbó!  
a sua nave do  
som!  
Música 6: Eu  
quero é botar  
meu bloco na  
rua /  
Interprete:  
Ney Matogross  
/ Autor: Sergio  
Sampaio /  
Álbum: Bloco  
na Rua, 2019

Neste programa foram citados diretamente as seguintes autoras e autores: Roselee Goldberg, Renato Cohen, Paul Zunthor, Achille Mbembe, Norval Baittelo, Paulo Freire, Walter Benjamin, Bell Hooks, David Hockney, Rosane Borges, Vicente Franz Cecim.

Com epígrafe do filósofo grego Aristóteles e poema de encerramento de Conceição Evaristo.

O nome do programa, “Eu já escuto teus sinais”, que acabamos de ouvir, foi pescado da música “Anunciação”, do álbum Anjo Averso, gravado em 1983 pelo eterno Alceu Valença. E é com ele que nos despedimos.

Participaram deste programa:

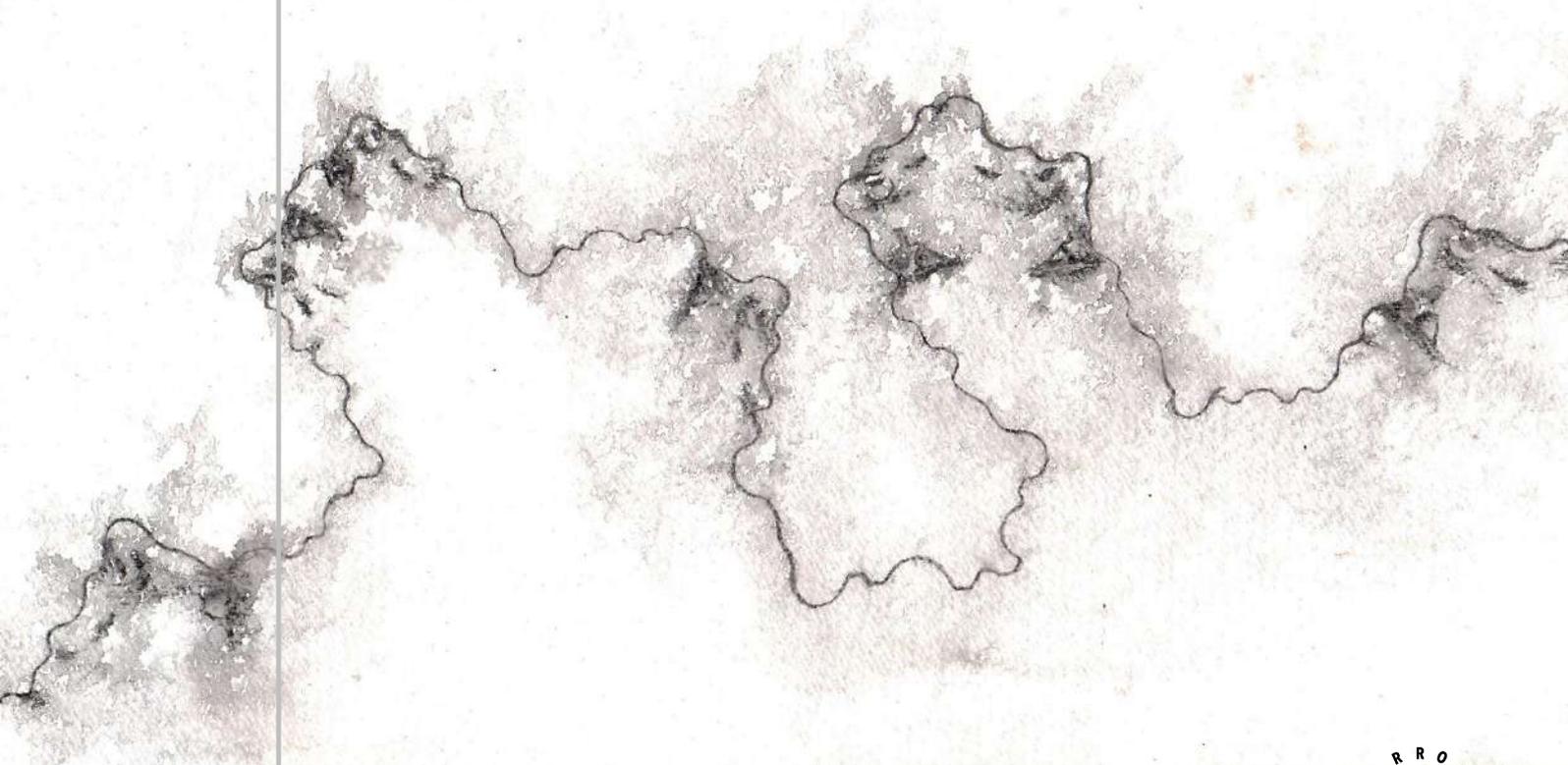
Na técnica, Carolina Lima.

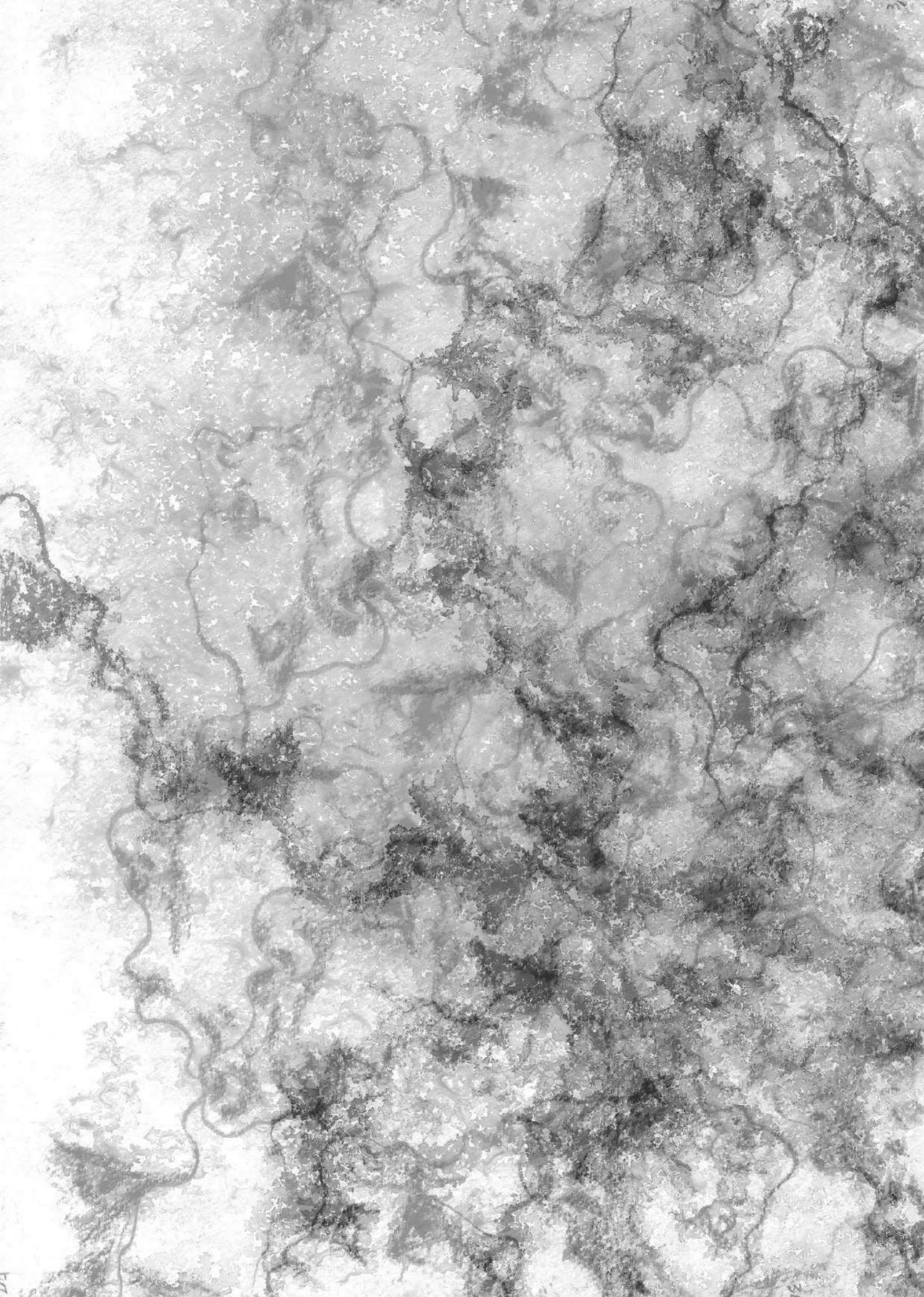
Na locução, eu Elsom Veludo.

Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

Viva a escuta!

Sobe a música

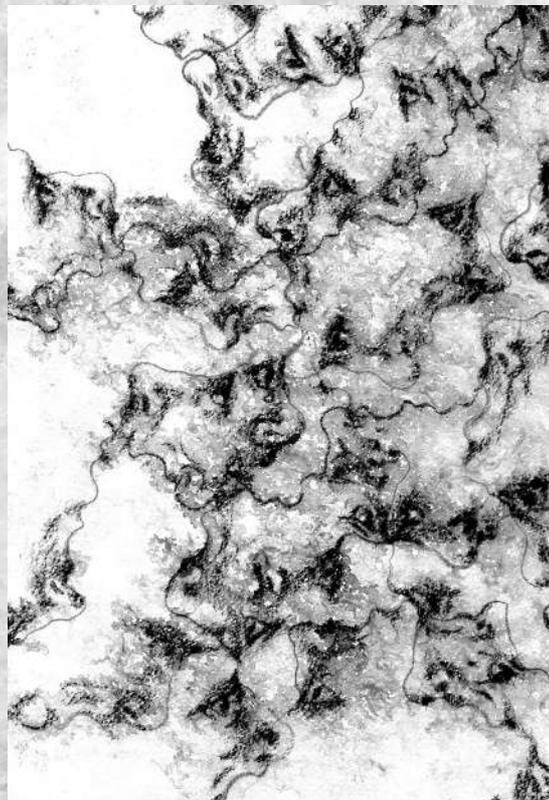






**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Navegando nas ondas do rádio**

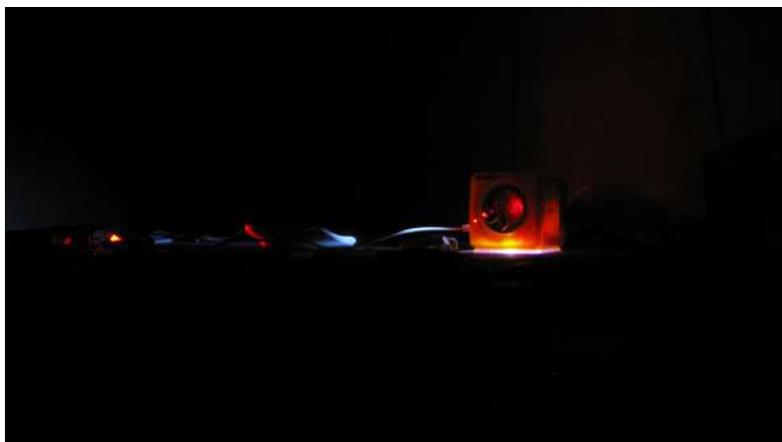


**RÁDIO CATIMBÓ**

## Navegando nas ondas do rádio



Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó! Música: Passenger / Artista: Iggy Pop / Álbum: Lust for life, 1977. Vai a BG Vinheta da rádio: Catimbó! a sua nave do som!



Rádio H.H., 2013.

Música extra: toque de Exu

E.V. - Bom dia ouvintes, eu sou Elsom Veludo e está é a Rádio Catimbó, trazendo para vocês o programa: **Navegando nas ondas do rádio!** Um oferecimento ***Incensom!***

***Incensom*** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú<sup>1</sup> abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!

E.V. - **Navegando nas ondas do rádio** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilharam as escutas desses **Cantos de aparições**:

Oriana Duarte; Mario Rios; Paulo André; Thelmo Cristovam;, Fernando Cochiaralle; Wilson Sukorski; Victor Hugo Guidinni; Chico Sciense (em memória); Zé Cafofinho; Givanildo Maciel; Carlos Melo; Marcio Harun; José Rufino; Sidnei Brito; Napoleão Assunção; as autoras e autores consultados e citados neste programa. E um agradecimento, mais que especial, à Cláudia Leão.

Sobe música  
 Passager /  
 Artista: Iggy  
 Pop / Álbum:  
 Lust for life,  
 1977.  
 Vai a BG  
 Vinheta da  
 rádio:  
 Rádio Catimbó.  
 Vinheta do  
 programa:  
 N.N.O.R.!  
 07...06...05...0  
 4...03...02...01  
 !  
 Um  
 oferecimento  
*Incensom!*  
 Sobe música

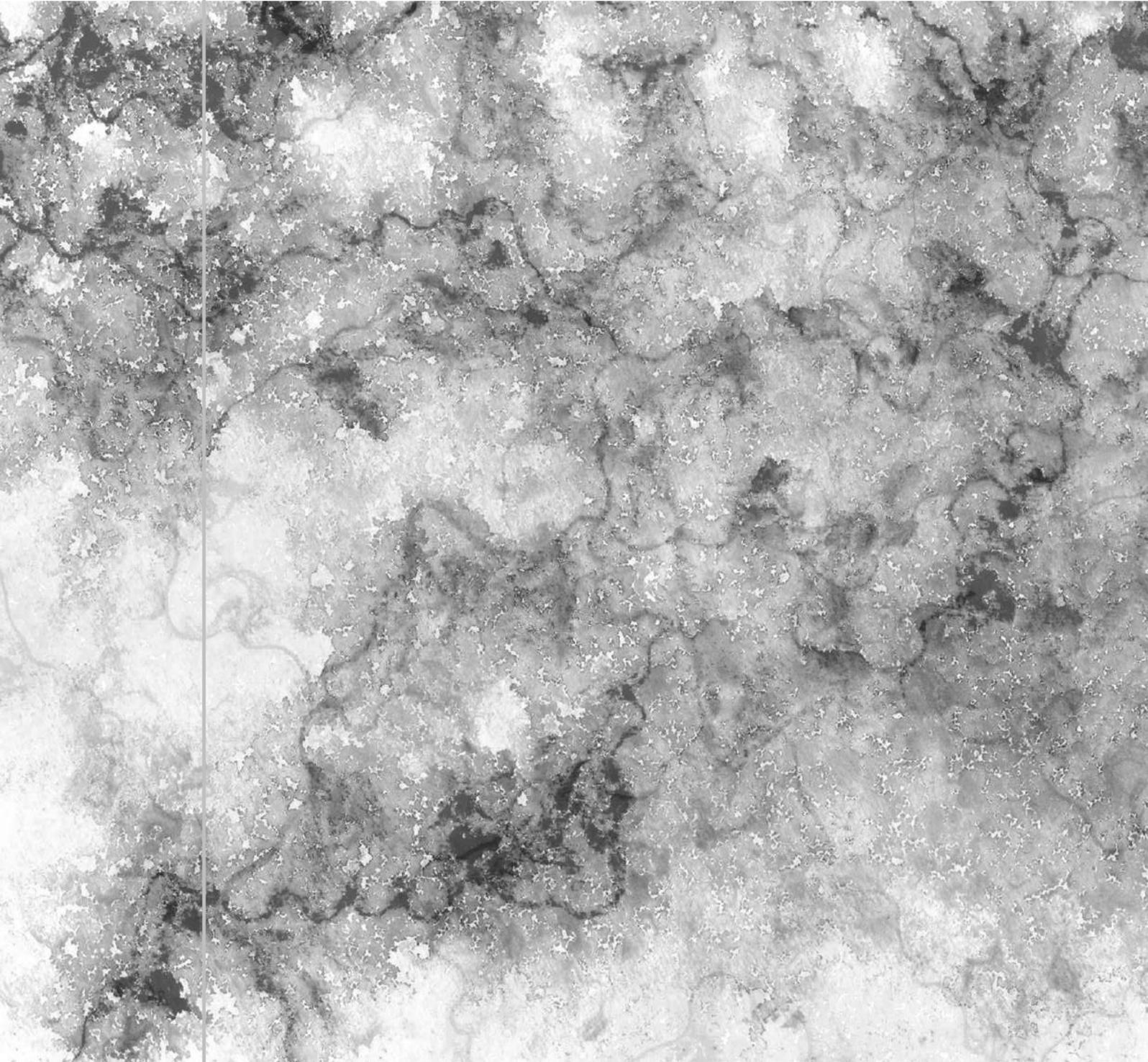


Ilha de Colares, Pará.

Vai a BG

E.V. - Atenção passageiras e passageiros, sejam bem-vindos a bordo da Rádio Catimbó, a sua nave do som!

Acomode-se no melhor lugar, porque neste segundo programa da série **Cantos de aparições**, vamos navegar por diversas órbitas do mundo do rádio. Mas atenção, nosso passeio não contempla os lugares e contextos hegemônicos do rádio, ele tem sua escuta voltada para situações consideradas fora dos padrões normais do meio rádio. O programa **Navegando nas ondas do rádio**, tem o seu conteúdo organizado em pequenos blocos sonoros que vão se alternando. Essas transições, de um bloco a outro, são marcadas pelo som de estática de rádio. Som de estática, são ruídos produzidos quando mudamos a frequência de aparelhos de rádio, provocados pela eletricidade atmosférica. Vamos ouvir um pouco o som de estática de Rádio.

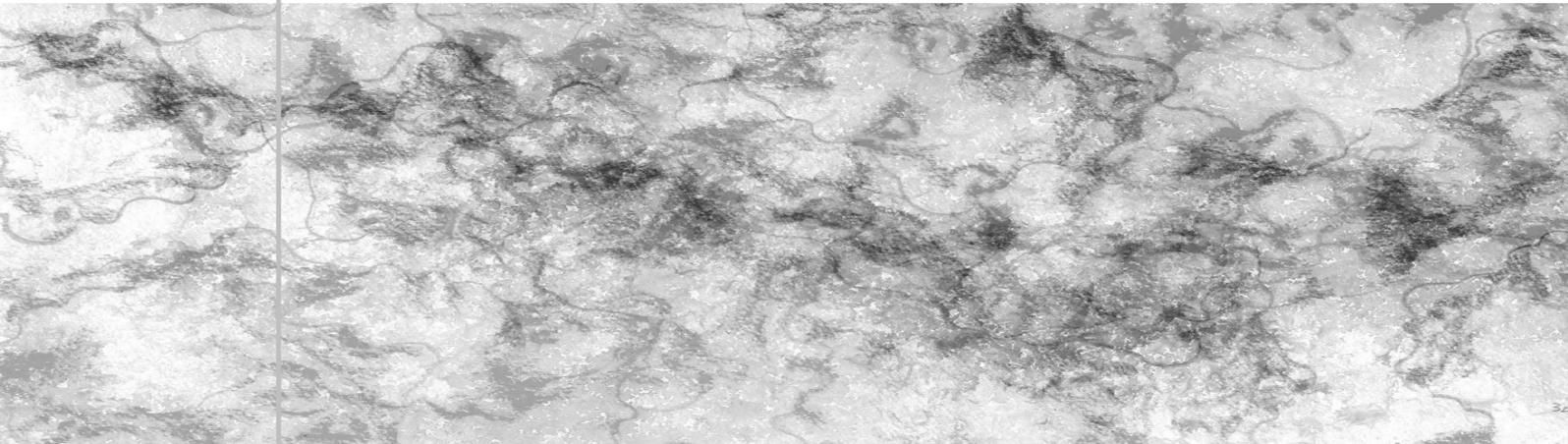


Durante nossa viagem, estes sons de estática de rádio, serão como portais sonoros, que marcam a passagem entre as diversas órbitas do rádio, que visitaremos a partir de agora.

Música: Lili  
Marleen /  
interpretado  
por Marlene  
Diertrich / de  
autoria de  
Norbert  
Schultze e  
Hans Leip.  
Vai a BG

E.V. - Vamos iniciar nossa viagem na melhor hora!

A Hora das Crianças / narrativas radiofônicas, foi publicado em 2015 pela NAU editora. Esta obra reúne uma seleção de programas escritos e apresentados pelo filósofo alemão Walter Benjamin. Apesar de fazer rádio como uma forma de manter o próprio sustento, Benjamin via na relação do rádio com a literatura uma forma de acessar o público. Para ele, a popularização proposta pelo rádio orienta não apenas o saber em direção ao público, mas o público em direção ao saber. Entre 1929 e 1932 Benjamin apresentou programas em várias emissoras de rádio da Alemanha. O contexto dessas apresentações era de uma nova tecnologia que surgia - o rádio, havia surgido há apenas três anos na Alemanha. Essas apresentações eram palestras radiofônicas sobre livros e questões culturais, em sua maioria apresentadas pelo próprio Benjamin. A belíssima publicação “A hora das crianças” traz uma seleção desses textos que serviram de base para os programas de rádio, e apresentam de forma miniaturizada os grandes temas que atravessaram a obra do autor: arte; técnica; política; cultura; história; memória. É notório e sedutor o esforço de Benjamin para colocar em debate com as crianças temas que ele julgava ser fundamentais à vida social.



Música:  
Quando canta  
Rabagliati /  
Artista:  
Alberto  
Rabagliati /  
Álbum:  
Quando lá  
rádio, 1941.  
Vai a BG

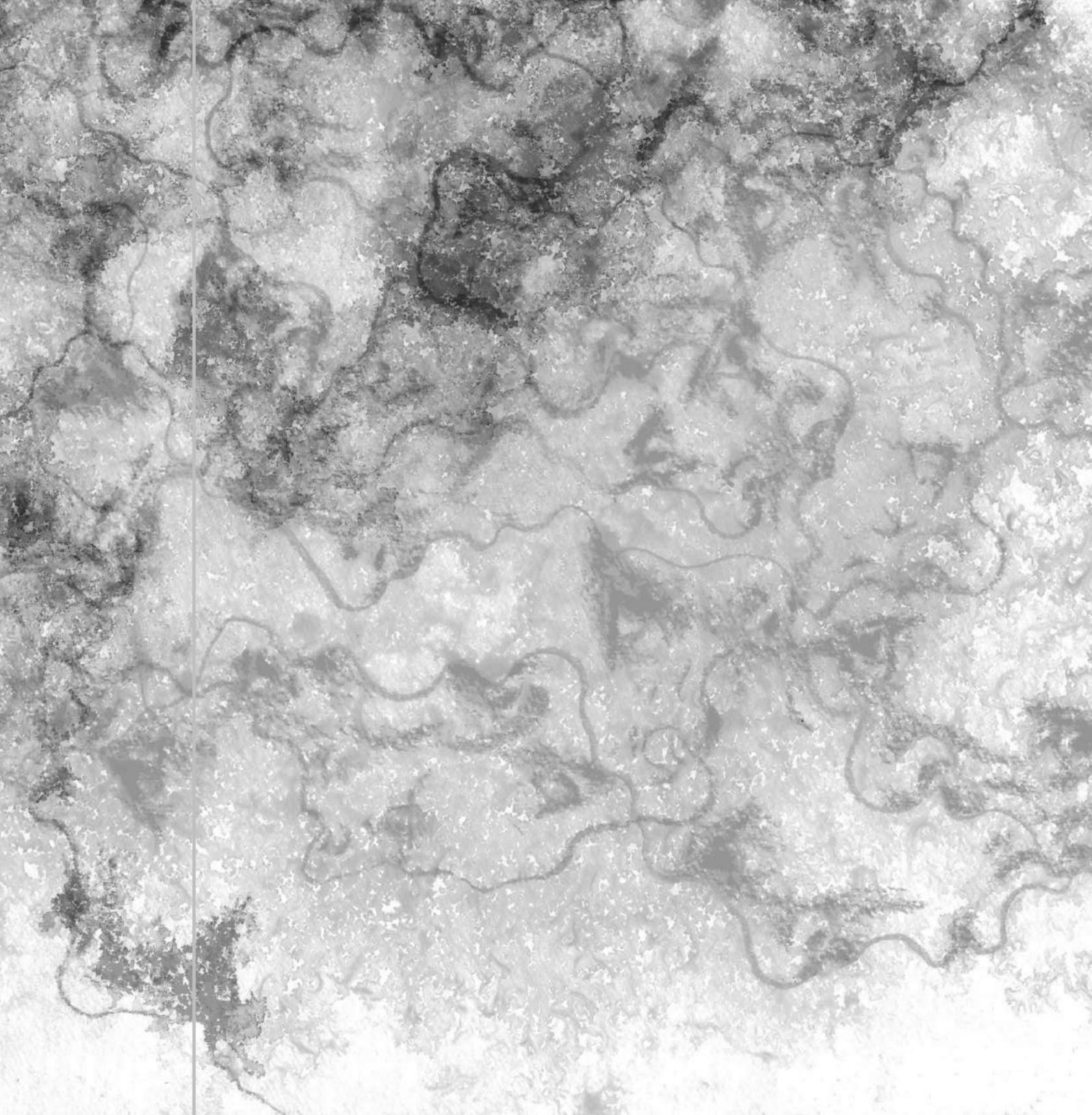


E.V. - A relação do meio rádio com as artes visuais tem seus primeiros registros no derradeiro manifesto futurista, de 1933, elaborado pelos italianos F.T. Marinetti e Pino Masnata, e propunha o uso expandido desse meio. Eis as recomendações:

*...uso dos sons, dos acordes, das harmonias em simultaneidade musical ou dos barulhentos silêncios. Todos com suas gradações de dureza, tanto crescentes quanto decrescentes e funcionando como pinceis para colorir a escuridão infinita das ondas do rádio.*

*...para além do aspecto poético, o rádio se revela um potente meio de veiculação dessas obras, obras que privilegiam a escuta, onde através dela uma obra seja viável... liberdade de todos os pontos de contato com a tradição literária e artística...<sup>3</sup>*

Os futuristas eram entusiastas da tecnologia, das máquinas velozes, da guerra. O rádio ainda engatinhava com treze anos de existência, era um novo meio de comunicação, decorrente de uma nova tecnologia, e isso deve tê-los encantado de primeira.





Música: La vie  
en rose /  
Artista: Edith  
Piaf / Álbum:  
Cabaret, 1947.  
Vai a BG

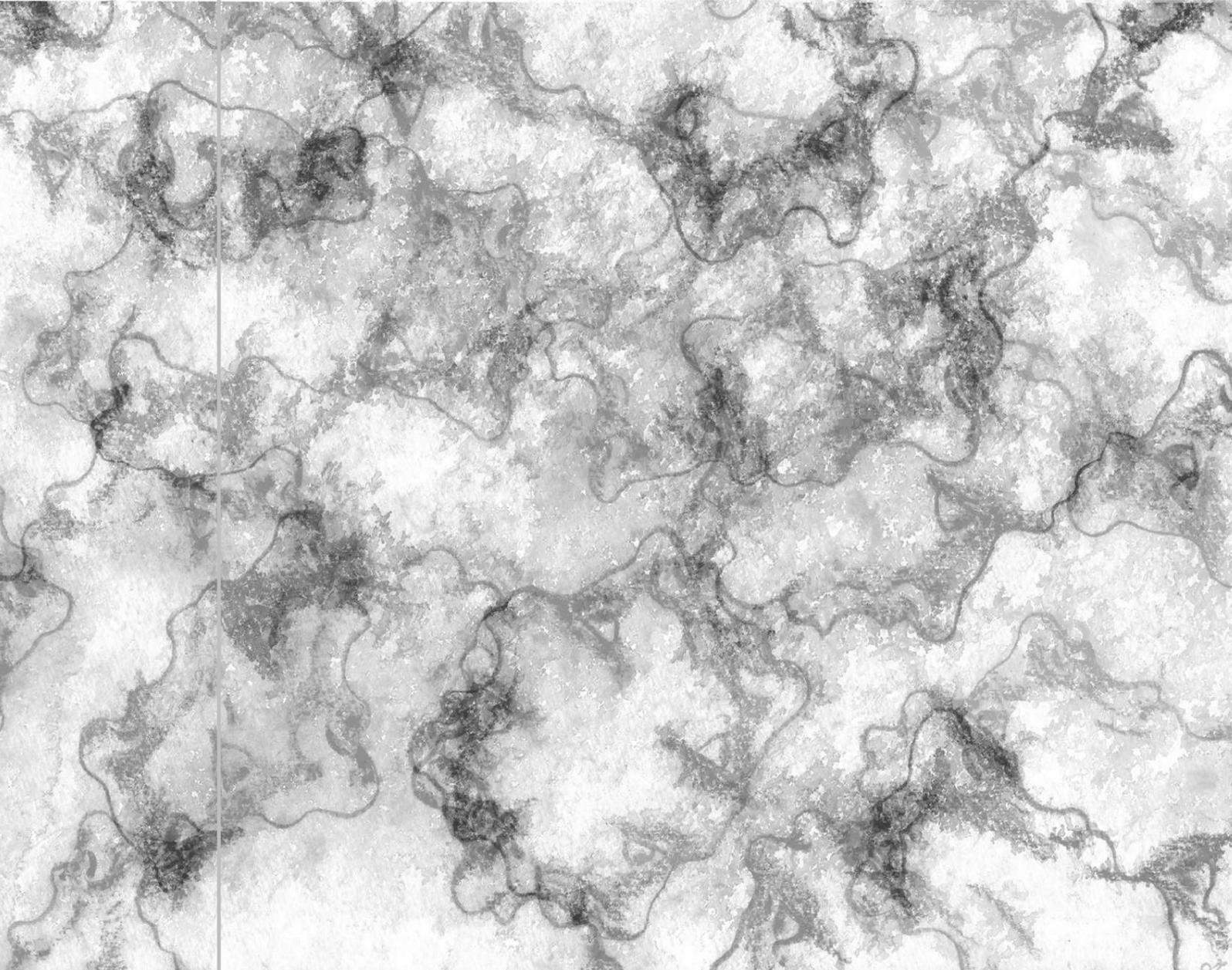
### E.V. - Rádios Corpo sem Órgãos

A expressão *Corpo sem Órgãos*, nasceu em um programa de rádio escrito, dirigido e apresentado pelo poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista de cinema e anarquista francês Antonin Artaud em 1947. O programa “Para acabar com o julgamento de Deus” foi censurado e nunca foi ao ar, pois nele Artaud criticava os Americanos e o Cristianismo. Nos últimos versos do programa ele desafiava:

Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força  
mas não existe coisa mais inútil [do] que um órgão.  
Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,  
então o terão [se] libertado de seus automatismos  
e devolvido [ao corpo] sua verdadeira liberdade.  
Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas  
como no delírio dos bailes populares  
e esse avesso será  
seu verdadeiro lugar.<sup>4</sup>

Para Artaud, “uma vez libertado de seus automatismos, o corpo se abre para a dança do universo.” Os filósofos, também franceses, Gilles Deleuze e Felix Guattari se apropriaram desta expressão - “Corpo sem Órgãos” - e a transformaram num dos traços importantes de seu pensamento. Nas obras seminais *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, ambos com o subtítulo *Capitalismo e Esquizofrenia*, Deleuze e Guattari escrevem sobre *Corpo sem Orgãos*:

... é um exercício, uma experimentação inevitável, feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes pode ser aterrorizante, conduzi-lo à morte. Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas (DELEUZE; GUATTARI, p. 8, 1996).



Música: La  
Cumparcita /  
Artista:  
Gerardo Matos  
Rodrigues  
Vai a BG



**E.V. - Atenção ouvintes! Marcianos invadem a terra!**

Na noite de 30 de outubro de 1938, no programa Mercury Theatre On The Air, em Nova York, foi anunciado no rádio: marcianos invadiram os E.U.A!!! Houve pânico geral. Quem estava na cidade correu para buscar abrigo no campo e quem estava na zona rural fez o mesmo em direção a cidade.

Os telefones das delegacias não paravam de tocar, ouvia-se gritos desesperados de socorro pelas ruas. Várias pessoas deram entrada nos hospitais de Nova York e foi registrado um óbito. Foram seis milhões de pessoas em pânico.

Esse acontecimento radiofônico foi a transmissão da novela “A guerra dos mundos”, uma adaptação do romance de ficção científica de mesmo título, do escritor inglês Herbert George Wells publicado em 1898.

Além do autor do romance, “A guerra dos mundos” radiofônica teve mais dois autores que contribuíram para seu sucesso, o autor da ideia e diretor da peça, Orson Welles e o roteirista Howard Koch, que fizeram a adaptação.

No final da década de trinta, o rádio era o meio de comunicação mais ouvido nos E.U.A. e foi aí que o rádio entrou em cena como principal protagonista da estória. Claro que o roteiro do programa foi o grande responsável pelo sucesso. Logo depois de alguns minutos da transmissão de “A guerra dos mundos”, a maioria dos ouvintes esqueceu que estava ouvindo uma adaptação de rádio teatro, pois o roteiro misturava ficção com realidade e essa foi a grande sacada de Wells e sua equipe. Os elementos da realidade inseridos durante a transmissão, foram: a divulgação de boletins meteorológicos bem realistas; interrupções com transmissões extraordinárias, feitas de lugares conhecidos pelos ouvintes e trazendo novas notícias sobre os invasores e até um depoimento de um secretário de segurança nacional (a voz é do próprio Wells). Essas informações foram obtidas no artigo “Há 80 anos, Guerra dos mundos aterrorizava os E.U.A. e marcava a era do rádio”, de autoria do Claudio Yuge, publicado no site TecMundo, em 30 de outubro de 2018. A transmissão original de “A guerra dos mundos” pode ser escutada no YouTube.

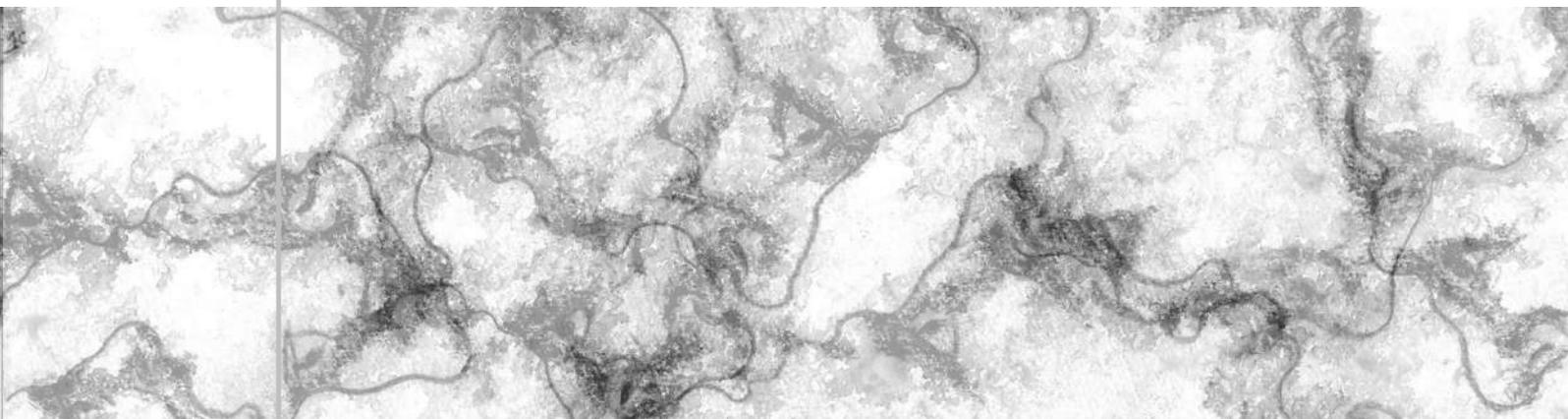
Para encerrar este passeio, uma derradeira nota ouvintes: Quando H. G. Wells escreveu “A guerra dos mundos”, no século dezenove, concebeu os marcianos invasores, como figura metafórica dos colonizadores. A versão de Orson Wells transferiu esta figura metafórica aos nazistas.

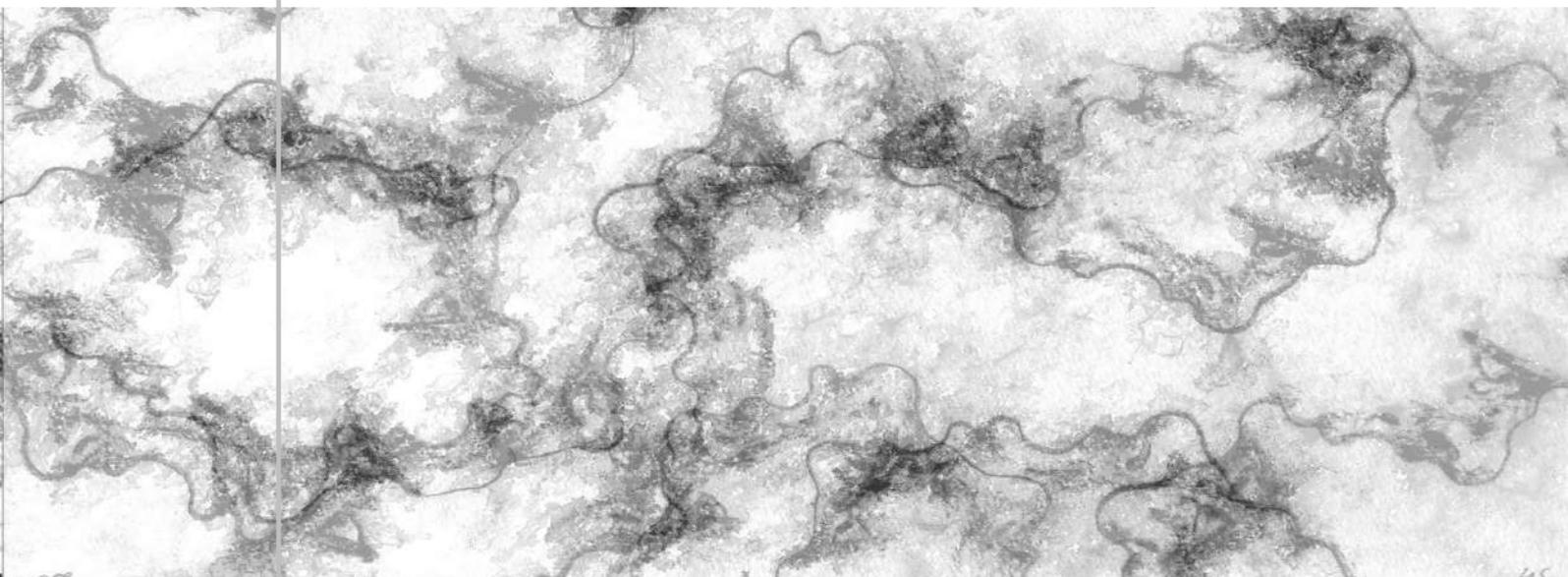


Música 7: La Cumparcita (em ritmo de forró) / executada por: Diego Reis, Bozó 7 cordas e Felipe Novais. Vai a BG



Sáimos da Nova York de 1938 para a São Luiz de 1971. A Rádio Difusora de São Luiz do Maranhão, em comemoração ao seu aniversário, realizou uma adaptação da mesma obra literária que falamos no bloco passado, “A guerra dos mundos”, de H.G. Wells, uma adaptação semelhante a realizada por Orson Wells 33 anos atrás, só que ambientada em São Luiz. Aqui o roteiro foi de autoria do saudoso jornalista Sergio Brito, os efeitos especiais de Manoel Pereira e a narração do locutor Parafuso. Após o início da transmissão, a população entrou em pânico e o comércio do centro de São Luiz fechou as portas, porque todos queriam se refugiar em suas casas, para esperar a morte ao lado de seus familiares. Durante a transmissão, o corpo de bombeiros foi acionado diversas vezes, as Forças Armadas entraram em alerta e nos contaram até que um oficial do Exército que participava de um churrasco em uma cidade a cerca de 190 km de São Luiz, fretou um voo para levá-lo à capital, onde constatou que o relato da difusora não correspondia à realidade. Depois da transmissão, a Rádio Difusora de São Luiz foi obrigada a pagar o frete do voo, além de ter suas atividades suspensas por três dias. Tudo isso nos foi relatado por Alec Duarte em artigo para o G1 São Paulo, publicado em 26 de outubro de 2011.





Música:  
Clandestina /  
Artista: Mano  
Chao/playing  
for change.  
Vai a BG



Entre 1958 e 1959, essa rádio funcionou como instrumento de combate e uma arma político-militar de eficiência comprovada: a importância da rádio é capital. Num momento em que todos os habitantes de uma região ou de um país ardem na febre de combater, a força da palavra aumenta essa febre e se coloca ao lado de cada um dos combatentes. Ela explica, ensina, excita, determina entre amigos e inimigos as futuras posições (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, p. 106. 1989).

As informações sobre a Rádio Rebelde e este depoimento de Guevara foram pesquisados no livro “Rádio Livres: reforma agrária no ar”, escrito em 1989 pelos autores Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão.

Mas, os precursores no uso do rádio como instrumento de combate não foram os cubanos, mas os trabalhadores mineiros da Bolívia. O nascimento das rádios mineiras da Bolívia esteve ligado à construção do movimento revolucionário que explodiu em 1952. É a partir das experiências de luta na guerra civil do Chaco, que o rádio se constitui em uma alternativa eficiente de intervenção política.

Jorge Mancilla Romero, que esteve diretamente ligado à Rádio Vanguarda no centro mineiro de Colquiri, durante a década de 1950, considera que as rádios mineiras da Bolívia constituem um dos fenômenos mais importantes da comunicação mundial, isto porque, não existe experiência similar em radiofonia, tanto por suas motivações, como por suas projeções, e sem que tenha acontecido um mandato, concessão; sem nenhuma determinação governamental ou de autoridade superior. O complexo das emissoras mineiras nasceu como uma necessidade da base social, veio de baixo. Em 1963, havia 23 emissoras funcionando em todo o país. A seguir, vamos ouvir um fragmento de diálogo por transmissão entre duas rádios mineiras da Bolívia, a rádio Anima e a rádio Nacional de Huanuni. Atenção companheiros na escuta:

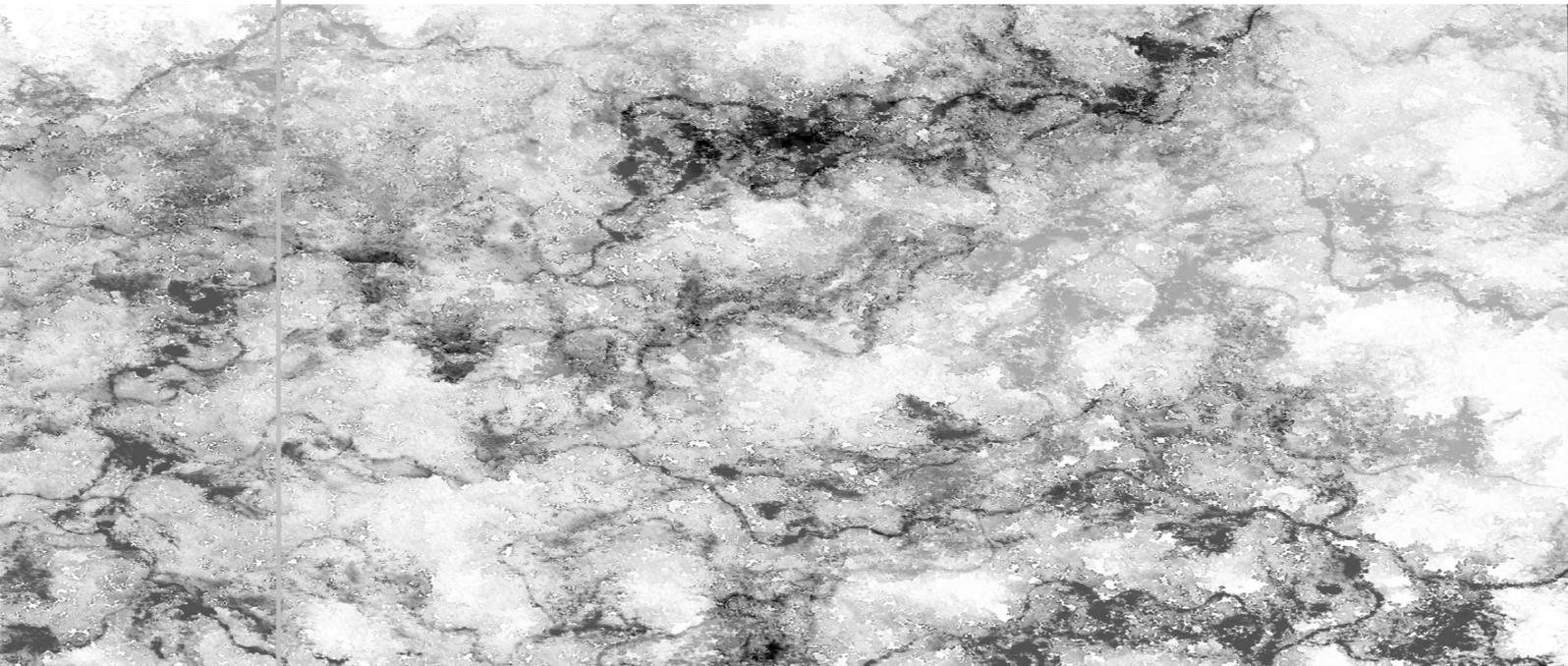
- Rádio Animas falando:

*(...) no dia de ontem, começaram a ingressar neste distrito, atravessando Siete Suyos, as forças do Regimento de Loa. Seu objetivo é tomar a Rádio Animas. Mas graças à decidida ação das donas-de-casa e das crianças [os homens estavam nas minas], os militares até agora não conseguiram chegar. (...) Posteriormente, à tarde, outro contingente chegou de Tupiza numa outra ação mais decidida. Quiseram entrar, mas encontraram a mesma barreira de donas-de-casa. Há decisão de neutralizar esta emissora e os organismos sindicais(...) chegaram mil camponeses da região de Sud Lopez. Vai em frente Rádio Nacional de Huanuni...*

- Rádio Nacional de Huanuni falando:

*Obrigado companheiros da Rádio Animas, que continua defendendo os interesses da classe trabalhadora(...) precisamos que os companheiros de outros distritos nos digam exatamente, o lugar onde estão as tropas do exército. Adiante, companheiros da Rádio Animas."*

As informações que acabamos de transmitir foram pesquisadas no livro "Rádios livres: Reforma agrária no ar", na página 108.



Música:  
Sonífera ilha /  
Artista: Titãs /  
Álbum: Titãs,  
1984.  
Vai a BG



E.V. - O corpo, o desejo, o prazer, a preguiça...

As experiências das rádios livres na Itália exprimiram uma nova sensibilidade política, que não poderia surgir através das vias tradicionais, como os partidos, as entidades, o parlamento, etc. Essa nova sensibilidade nasceu nas barricadas de 1968, foi se transformando com a experiência acumulada, e se consistiu na pulverização da luta política em inúmeros pequenos núcleos dotados de singularidade, são eles: grupos de bairro; de jovens; de mulheres; de consumidores; de pacifistas; de raças; de nacionalidades; de opções religiosas; de orientações sexuais; de opções culturais, etc.

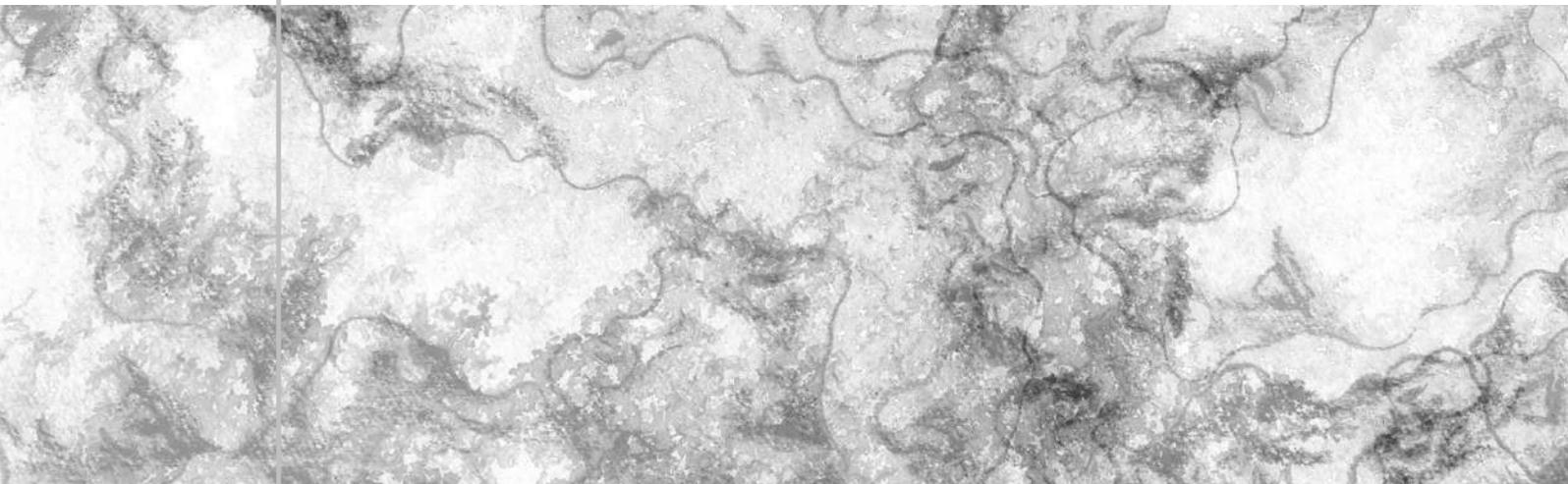
A Rádio Alice de Bolonha, foi a mais importante do movimento. Ela se caracterizava, antes de tudo, pela recusa de assumir uma postura político partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. Para concluir, vamos acariciar nossos ouvidos, escutando um pouco da Rádio Alice:

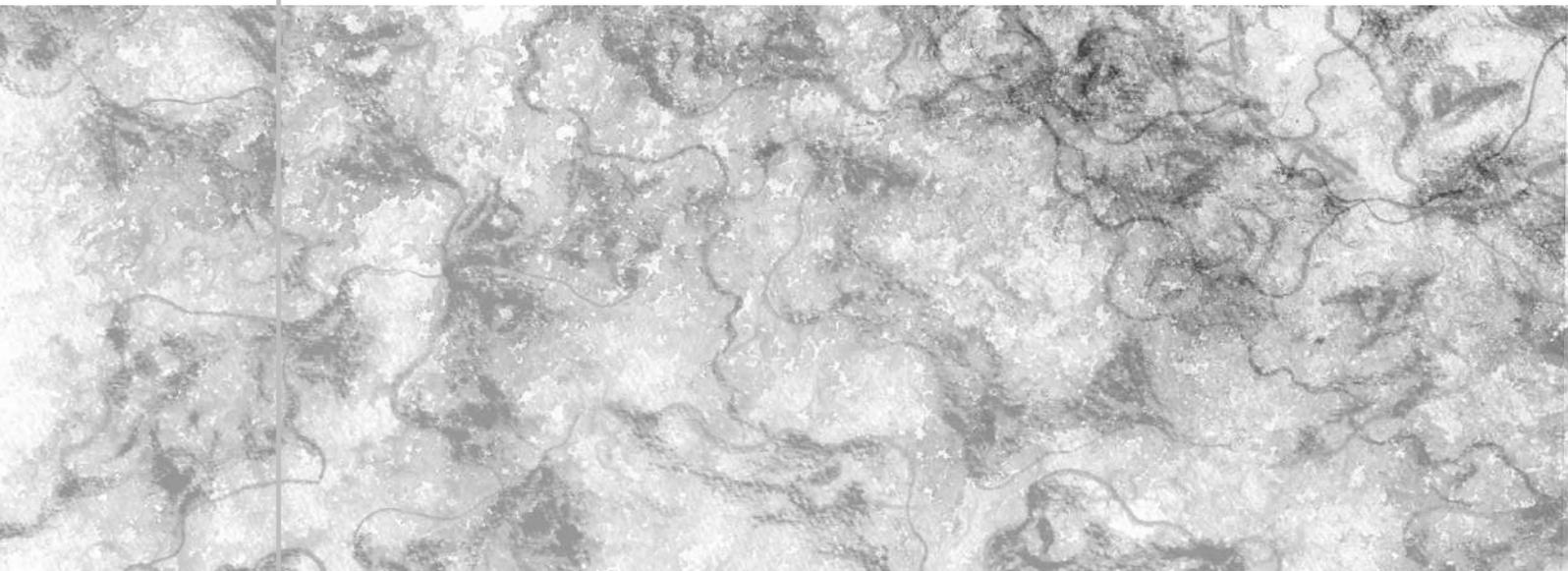
Rádio Alice falando:

Rádio Alice emite jardins em flor, conversas que não vem ao caso, inventos, descobrimentos, receitas, horóscopo, filtros mágicos, amores, partes de guerra, fotografias, mensagens, mensagens e mentiras.

Rádio Alice faz falar quem ama as mimosas e acredita no paraíso; odeia a violência e agride os violentos; acredita ser Napoleão, mas sabe que poderá ser muito bem [ser um anônimo qualquer]; fumantes e bebuns; malabaristas e mosqueteiros; ausentes e loucos (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, p. 88-89, 1986).

O movimento das rádios livres na Europa influenciou o surgimento das rádios livres no Brasil, na década de oitenta, entre elas a Rádio Cinderela, Rádio Totó Ternura, Rádio Xilik, entre outras. Sobre a experiência das rádios livres, elas caminharam em uma perspectiva totalmente oposta ao culto da especialização e da competência. O aspecto ruidoso das rádios livres não é tanto a precariedade dos meios técnicos, mas principalmente o seu empenho em promover a fala de interlocutores comuns, anônimos, ou como bem definem Machado, Magri e Masagão, elas visam introduzir nas antenas a palavra viva, cheia de força, indecisão e desejo.



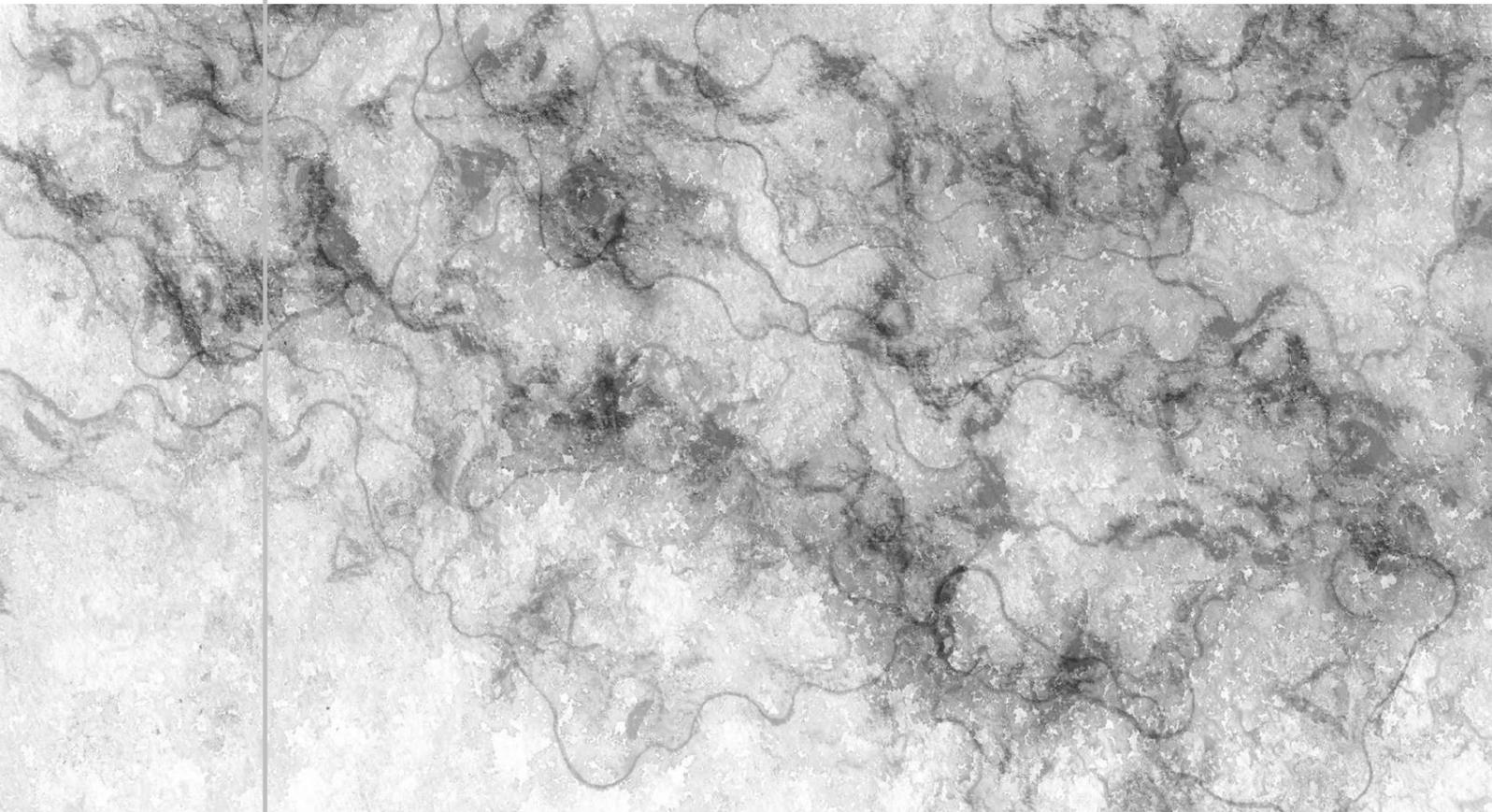


Música: Chama  
Verequete /  
Artista: Verequete  
Vai a BG



E.V. - Agora, diretamente da Amazônia, navegaremos por ruas, praças e terreiros!

A Rede Aparelho, foi um coletivo paraense, que atuou de 2006 a 2013 e tinha entre seus integrantes: Arthur Leandro; Gisele Vasconcelos; Bruna Suelen; Fernando de Pádua; Angelo Medson Tupinambá. O Coletivo Rede Aparelho, realizava encontros motivados pelo interesse em compartilhar informação nas ruas a fim de possibilitar a produção de uma cultura livre e aberta ao convívio comunitário. A Rede Aparelho atuava nas ruas, e de forma ambulante, realizava transmissões sonoras e visuais em diversos pontos da cidade, como feiras livres, praças, terreiros de candomblé. Utilizava as tecnologias possíveis, para a reprodução de informações com o intuito de aproximar os movimentos sociais e as comunidades locais. Os encontros conectavam esses *redários* territoriais, por fruição e experimentação social conduzidos por artistas, militantes/ativistas, mães e pais de santo, configurando troca mútua e solidária ao produzir e transmitir conteúdos de forma documental e digital, propondo uma rede de trabalhos em sintonia com as especificidades e limitações tecnológicas de cada local.

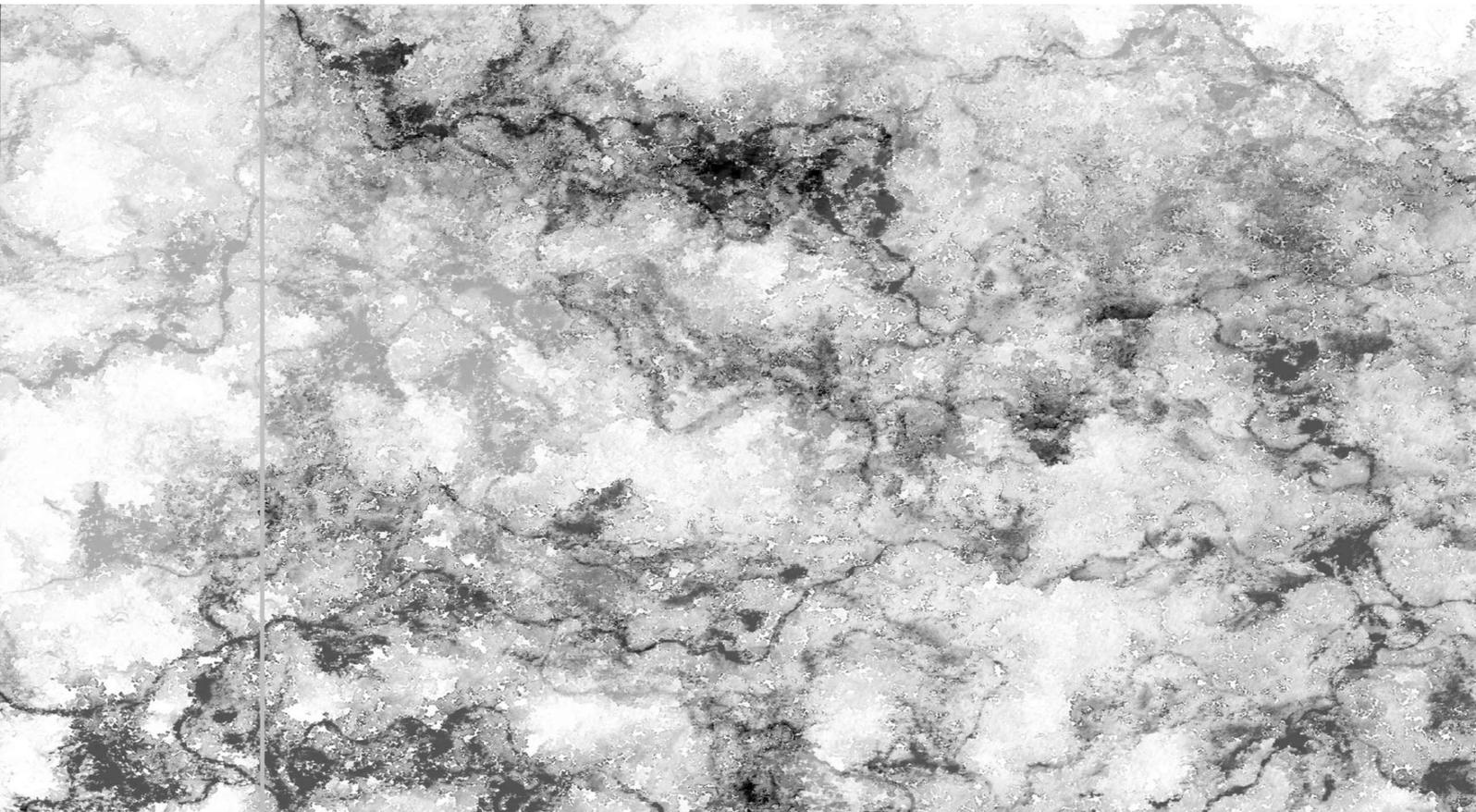


Música: Sons do espaço gravados pela NASA.



E.V. - Caras e caros ouvintes, iremos falar agora de um grande ouvido que vai escutar os Sussurros do universo. FAST, sigla em inglês, que em português quer dizer Radiotelescópio Esférico com Abertura de 500 metros, é o maior radiotelescópio do mundo, e está sendo construído no sudoeste da China. O FAST, está sendo preparado para explorar fronteiras em rádio astronomia, usando ondas de rádio para localizar exoplanetas, que possam abrigar vida extraterrestre. A enorme antena parabólica do observatório chinês coletará ondas de rádio de uma área com o dobro do tamanho do maior radiotelescópio de prato único, o Observatório Arecibo em Porto Rico, o que significa que poderá detectar sussurros de ondas de rádio extremamente fracas de uma variedade de fontes em todo o universo, ajudando na busca por ondas gravitacionais e sondando ainda misteriosas explosões

fugazes de radiação conhecidas como rajadas rápidas de rádio. Mais informações podem ser obtidas no site Olhar Digital, no artigo “China inaugura gigantesco radiotelescópio que vai caçar aliens” editado por Eduardo Nuvens em 2020.



Som de  
estática de  
rádio e sintonia  
passageira de  
varias  
emissoras.  
Música 11:  
ponto de  
Xangó  
Vai a BG



Estamos de volta, e já nos encaminhando para o final do Programa. Iremos encerrar nossa viagem com o radialista, poeta, performer, compositor, sambista, ativista político, escultor, educador, romancista, arquiteto, liderança dos povos tradicionais de matriz africana, militante dos direitos humanos, o Ogan Táta Kinamboji - Arthur Leandro<sup>5</sup>. Vamos ouvir, de sua autoria, “güera”:

“A ética Clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; projeta-se, criando na alma, uma intervenção, predisposição [um güera] para o vício ou para a virtude. Precisamente este é um dos sentidos de güera: o hábito, a disposição para praticar novos atos no sentido dos anteriores. A composição com - güera é frequentíssima no tupi e está continuamente a recordar-nos algo que já não é mais natural. Age como uma conexão entre espaços [temporais, culturais, econômicos] distintos, e faz-nos compreender que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um güera. Como “güera”, reconhecemos a forma passada de arte morta, mas temos a possibilidade de conceitualmente inverter o mapa da dominação, como Torres-Garcia apontou. O güera negando a possibilidade de filiação e consequência do conceito de arte universal, que foi usado como arma de exclusão e massacre da cultura local. E como a língua é forma de resistência, usa-la para subverter o estado em que as coisas se encontram, pois o güera diferencia até o vivo morto. E se a arte pura - consciência do dominador - também consideramos morta, quando associada ao güera tiramos nossa produção do jazigo em que a autonomia moderna a colocou, para devolvê-la à vida pela rede de conexões distintas que a língua dos povos primitivos nos proporciona. Na arte-güera, ou simplesmente como güera, nossa prática adquire conteúdo social, um cosmo cultural a ser reinventado. (LEANDRO, p. 121, 2013).

Caras e caros ouvintes, vocês acabaram de ouvir, pela Rádio Catimbó, do Ogan Táta Kinamboji - Arthur Leandro, o essencial e vital “güera”, ao som dos tambores de Xangô.





Música 1:  
Passager /  
Artista: Iggy  
Pop / Álbum:  
Lust for life,  
1977. Vai a BG  
Vinheta da  
rádio: Rádio  
Catimbó! Sobe  
música 1  
Vai a BG



E.V. - Caríssimas e caríssimos passageiros, vocês acabaram de ouvir o programa **Navegando nas ondas do rádio**. Foi um prazer viajar com vocês a bordo da nossa nave. Convidamos todas e todos a escutar o programa **Transições em transmissões**, nossa próxima atração.

Neste programa foram citados diretamente os seguintes autores:  
Walter Benjamin; Arlindo Machado; Caio Magri; Marcelo Masagão;  
Antonin Artaud; Gilles Deleuze e Felix Guattari; Tata Kinambojy -  
Arthur Leandro.

Participaram deste programa:

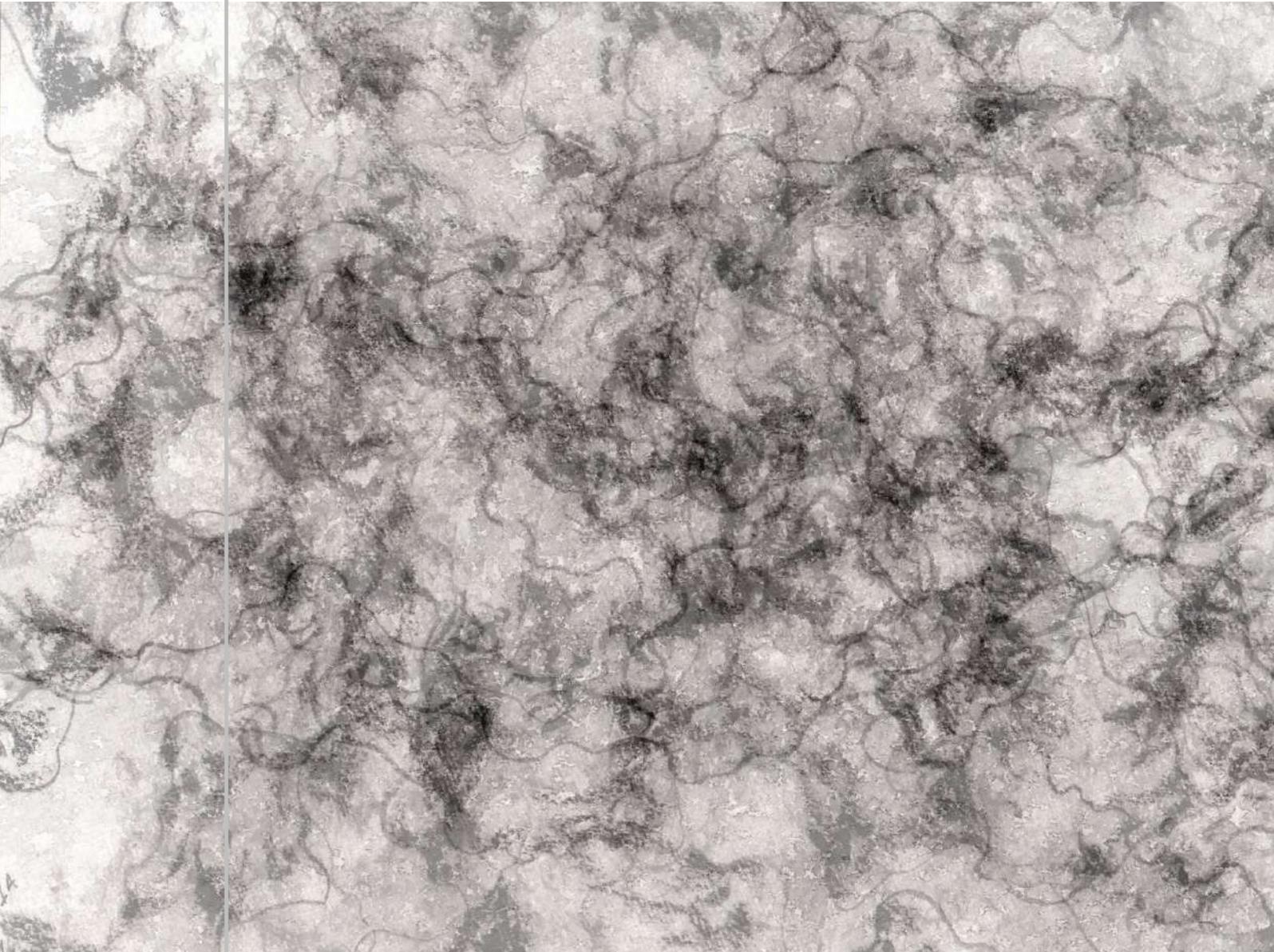
Na técnica, Carolina Lima.

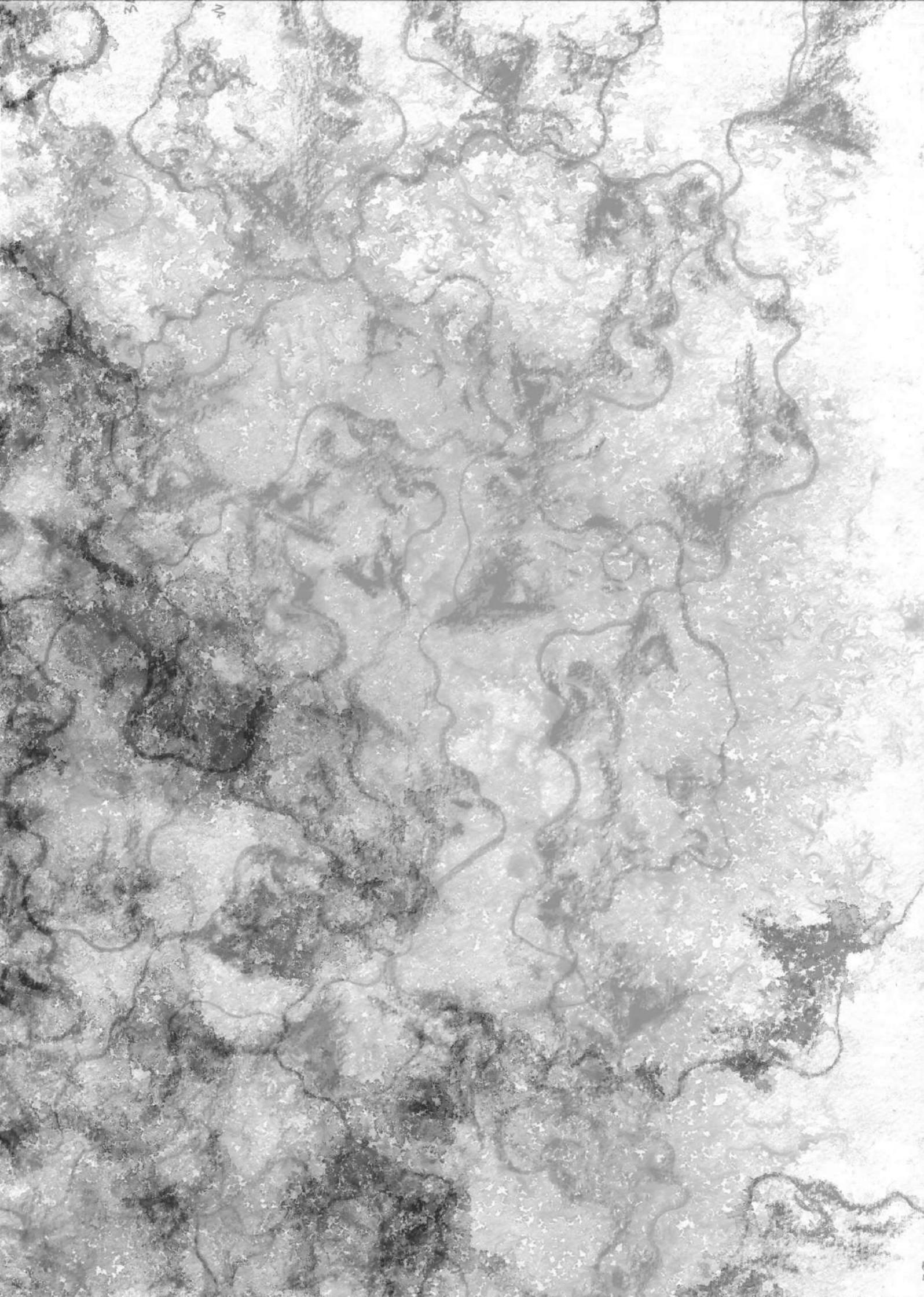
Vinhetas, Abgail Silva.

Na locução, eu, Elsom Veludo.

Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

Viva Antonin Artaud!!! Viva Orson Welles!!! Viva Arthur Leandro!!! Viva Charles Zambohead!!!

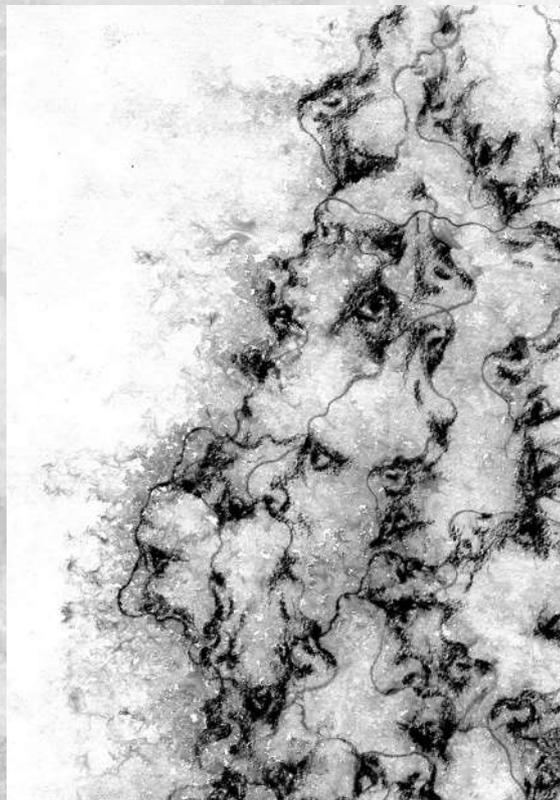






**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Transições em transmissões**



**RÁDIO CATIMBÓ**

## Transições em transmissões



Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó!  
 Música:  
 Hermeto /  
 Artista:  
 Hermeto Pascoal  
 / Álbum:  
 Hermeto, 1970.  
 Vai a BG  
 Vinheta da rádio: Catimbó!



E.V. - Boa tarde ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, trazendo para vocês o programa: **Transições em transmissões!** Um oferecimento *Incensom!*

*Incensom* toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!

Música extra:  
 toque de Exu



No alto da página e acima, Mensagens Sonoras, 2015. Vídeo instalação: Projeções de vídeo, rádios, orelhas de gesso, escultura de madeira e radio transmissão. Vista parcial da mostra. MAMAM-Museu de Arte Aloizio Magalhães, Recife-PE.

E.V. - **Transições em transmissões** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos.

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilharam as escutas desses **Cantos de Aparições**: Oriana Duarte, Samantha Moreira, Maira Endo, Henrique Lucas, Ana Luísa Lima, Nazareno Rodrigues, Jurandir Valença, Divino Sobral, Thiago Martins de Melo, Daniela Brilhante, Adir Sodré (em memória), Carlos Amorim, Celso Costa, Enaile Lima, Rafael Travassos, Rebeca Monita, Mabel Medeiros, Beth da Mata, Mariza Monteiro, equipe do educativo do MAMAM, Ricardo e Bruna Pessoa de Queiroz, José Gonzaga, Eduardo e Hebraim Araújo, Cicero Silva, Timóteo Baresi, Sr. Antônio poeta (em memória) José Duarte, Dona Alaíde, senhor Aluísio, a população da Vila de Santa Terezinha, Jocelino Passos, Fabiana Vinagre, Rafael Barros, Raquel Fernandes, Ricardo Resende, Analline Curado, a Rádio Delírio Cultural, Edilson *Teamo*, Patrícia Ruth, a todas e todos do ateliê Gaia, funcionários, pacientes e frequentadores da Colônia Juliano Moreira e as autoras e autores consultados e citados neste programa. E um agradecimento, mais que especial a Cláudia Leão.

Vinheta da  
Rádio  
Catimbó.  
Vinheta do  
programa:  
Música: Mood  
Indigo (1958)  
/ Artista: Nina  
Simone /  
Álbum: The  
best of Nina  
Simone,  
PT2,2016.



Mensagens Sonoras, 2015. Vídeo. Frame do vídeo.

Vai a BG

E.V. - **Transições em transmissões** é um programa de entrevistas com pessoas atuantes em diversas áreas da vida, como: artes; literatura; teatro; pedagogia; cinema; jornalismo; ativismo; música; poesia. Nosso entrevistado de hoje, é o artista e pesquisador Paulo Meira, que irá conversar com a repórter Abgail Silva. Nossa seleção musical é exclusivamente composta pela obra da pianista, cantora, compositora e ativista de direitos civis dos negros, Nina Simone.

E agora, passaremos a palavra Abgail Silva e sua inconfundível e exuberante Voz. Boa tarde Abgail!

A.S.- Boa tarde Veludo! Boa tarde Ouvintes! Salve Veludinho, sempre cheio de maciez...

E.V. - Merece Abgail, merece!

A.S.- E é, portanto, com muita maciez que começaremos falando um pouco sobre o nosso entrevistado de hoje, o artista Paulo Meira.

Paulo Meira, natural de Arcoverde, Pernambuco, é artista, segundo o próprio, atuante desde que se entende por gente. Nos últimos trinta anos, para realizar sua obra Paulo, se utiliza de diversos meios e linguagens como: vídeo; performance; pintura; escultura; instalações e, mais recentemente o rádio. Possui obras em importantes acervos e coleções públicas e particulares como: Fundação Joaquim Nabuco; Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães; Cinemateca Brasileira, Museu de Arte Moderna da Bahia; Coleção Sergio Carvalho; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

É com muita maciez que a rádio Catimbó, recebe agora, para uma conversa Paulo Meira! seja bem-vindo Paulo, boa tarde?

*P.M. - Boa tarde Abgail, boa tarde Veludo e ouvintes da Rádio Catimbó. Agradeço e me sinto honrado pelo convite.*

A.S. - Nós que agradecemos, sua gentileza de fazer parte de nossa programação. A gente vai começar falando sobre o uso de variados meios e linguagens em seu trabalho e como e quando ocorreu a transição para o uso do rádio em suas práticas artísticas.

*P.M. - Desde o final da década de 90, passei a fazer uso de diversas mídias e linguagens e partir de 2000, a trabalhar com vídeo e performance. E desde esse início, o vídeo sempre foi pensado, não só como um instrumento de registro, mas como um elemento da performance. Na construção das vídeo performances, o uso de outras linguagens também ocorre, seja no corpo do trabalho, ou como desdobramento. No final, a escolha dos meios é uma demanda que surge na própria obra, ela acolhe outras formas de expressão. Estou falando sobre este entrelaçamento de linguagens e mídias porque foi assim que ocorreu a primeira experiência com o meio rádio.*

*Em 2013, participei da residência artística Poemas aos homens do nosso tempo<sup>1</sup>, em Campinas. Foi um projeto realizado pelo Ateliê Aberto Produções Contemporânea e o Instituto Hilda Hilst. Quando recebi o convite para participar do projeto, me falaram que o poema homônimo “Poemas aos homens do nosso tempo”, publicado no livro “Júbilo, memória, noviciado da paixão”, seria, não um tema, mas um “chamado à uma imersão no universo de Hilda Hilst. Logo que recebi o convite, por não dispor deste livro, passei a ler outro da autora, o “Contos de escárnio: textos grotescos”.<sup>2</sup> Acho que as primeiras interferências radiofônicas, em meu corpo, ocorreram ali, no ato da leitura. Eu vou explicar melhor.*

*No romance “Contos d’escárnio: textos grotescos”, Hilda apresenta um diálogo entre o grotesco, a pornografia e a melancolia que são representados, respectivamente, pelo narrador Crasso, sua amante Clódia e o escritor Hans Haeckel. Crasso, o narrador, opta por não seguir uma ordem ou estilo formal durante sua escrita, sempre rejeitando marcações temporais. Em alguns momentos, o leitor se depara com poesias, já em outros, a história é contada por meio de cartas, e mais adiante, o narrador conta a história por intermédio de pequenos contos incluídos na grande narrativa que é o livro por si só. Enquanto lia, fui tomado por forte sensação de ouvir som de transmissões radiofônicas. Na época, pensei que, supostamente a for -*

*ma que a estória é contada, com alternâncias de espaço e tempo, poderia ter causado a sensação de transição, de passagem, de fluidez, características do som e de transmissões radiofônicas. Esta foi uma obra literária que me fez ouvir sons. Foi um tipo de encontro.*

A.S. - Sabemos que a instalação “Rádio H.H. 911MHZ” foi exposta como um dos resultados da residência. Fale-nos um pouco sobre o processo de criação e realização da obra, dos elementos que compõem a instalação.

P.M. - *Durante a residência, ficamos hospedados na Casa do Sol, como é chamada a casa que Hilda construiu e morou a maior parte da vida e que vejo como uma extensão de sua obra. Durante esse breve período, tive contato com seu universo íntimo, a própria casa, a biblioteca, as agendas pessoais que pudemos consultar no arquivo da Unicamp. Mas principalmente o convívio com pessoas que viveram com Hilda.*

*Fiquei sabendo que durante alguns anos de sua vida, Hilda praticou, com uso de aparelho de rádio, o que ela chamava de “escuta dos mortos”. Ela conectava a um gravador, ao mesmo tempo, um microfone e um rádio sintonizado entre duas estações. Nas gravações eram registradas vozes e até frases que Hilda atribuía aos mortos, inclusive, uma delas a voz de sua mãe. Hilda afirmava não haver relação alguma com o plano do terror, ou com religiosidade. Em 1979, o programa Fantástico da rede Globo, realizou uma matéria especial com o título: “Poeta grava vozes dos mortos”. Na entrevista, quando perguntada, se não temia ser taxada de louca, Hilda respondeu que não se importaria, que elas (as vozes) eram boa companhia. Estas experiências de Hilda me levaram a pensar em transmissões radiofônicas como fantasmagorias, um fenômeno se opera no mundo não visível, de onde podem emergir vozes. Mas sigamos no silêncio da Casa de Hilda. A Casa do Sol, projetada e construída sob o olhar atento de Hilda, lembra uma quinta mexicana, toda ela pintada em tons variados de vermelho terracota, parece uma casa em carne viva.*

*No pátio central, ladeado de arcos, e em volta de um poço, gravamos o vídeo “Canto com Cacos”. Nesse vídeo, gravado durante uma noite, foi realizada uma chuva, onde pratos de porcelana brancos caem do céu e se espatifam no chão de pedra como grandes pingos de água.*

A.S. - Nesta residência você realizou um programa de rádio. Fale um pouco desse programa.

*P.M. - A partir da cessão de uso da obra “Contos d’escárnio: textos grotescos”, foi realizada uma adaptação e desenvolvido o roteiro do programa Mensagens sonoras, transmitido pela Rádio H.H. com atrações como: últimas notícias; receitas de simpatias; cartas de ouvintes apaixonados; notícias internacionais; rádio teatro. Todo o conteúdo, com exceção do nome do programa, foi concebido como uma livre adaptação do romance de Hilda. Foi a maneira que encontrei de transitar por seu mundo e mesclar seu universo ficcional com o contexto da residência. Como toda fala parte de um personagem, convidei alguns participantes da residência a comporem, à sua maneira e com traços psicológicos próprios, esses personagens. Já havia utilizado esta técnica, ou estratégia de produção de encontros, em outras obras de vídeo performance. Assim, Divino Sobral (artista e curador) interpretou o locutor apresentador do programa; Ana Luiza Lima (curadora), interpretou uma ouvinte apaixonada; Nazareno (artista), um correspondente internacional.*

A.S. - Essa estratégia dos encontros é muito legal. Esta foi a sua primeira obra com rádio transmissão? Qual tecnologia você utilizou?

*P.M. - A instalação “Rádio H.H. 911 MHZ”, foi composta de transmissão radiofônica, rádios, cacos de porcelana (pratos quebrados) e projeção do vídeo “Canto com cacos” (chuva de pratos). Na transmissão radiofônica, utilizei um aparelhinho ching ling que transmite sinais de rádio FM, com alcance de aproximadamente 100 metro de raio, o suficiente para cobrir o espaço expositivo e distribuir sinal para os 15 aparelhos de rádio que compunham a instalação.*

A.S. - Esse transmissor de baixo alcance de sinal, é como uma mini rádio, ou uma rádio de bolso, não é mesmo?

P.M. - Que ótimo Abgail, não tinha pensado nisso (risos).

A.S. - Vamos fazer uma breve pausa em nossa conversa, mais um sopro sonoro com Nina Simone.

A.S. - Esse transmissor de baixo alcance de sinal, é como uma mini rádio, ou uma rádio de bolso, não é mesmo?

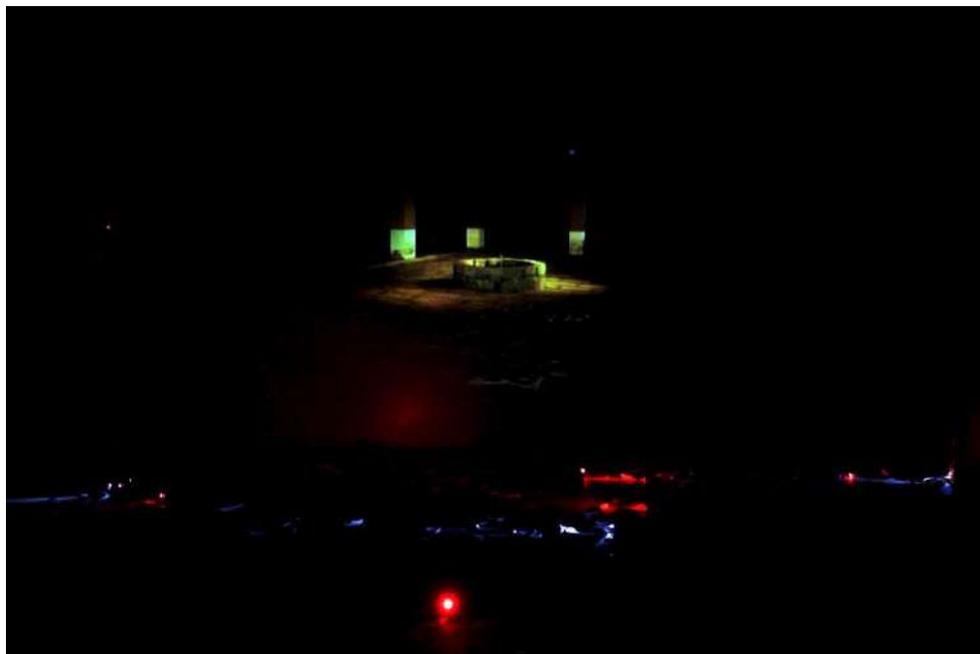
P.M. - Que ótimo Abgail, não tinha pensado nisso (risos).

A.S. - Vamos fazer uma breve pausa em nossa conversa, mais um sopro sonoro com Nina Simone.

Vinheta da Rádio Catimbó:  
A sua nave do som  
Vinheta do programa:  
Transições em Transmissões  
Música: Love me or leave me (1958) / artista: Nina Simone / Álbum: The best of PT.1, 2016.



Canto com cacos (2013). Vídeo, 6 minutos. Frames do vídeo.



A esquerda: imagens da construção dos suportes para arremesso de pratos, para gravação do vídeo "çanto com cacos. Pátio central da Casa do Sol, Campinas – SP. Acima: Rádio H.H. (2013). Vídeo instalação. Projeção de vídeo, cacos de porcelana, aparelhos de rádios e transmissão radiofônica. Ateliê Aberto, Campinas – SP.

Vai a BG

A.S. – Neste momento, estamos entrevistando o artista e pesquisador Paulo Meira, sobre suas experiências em rádio arte. Paulo, você falou, aqui na rádio, que Mensagens Sonoras era o nome de um programa de rádio de sua infância, além disso, Mensagens Sonoras é o nome do programa transmitido pela Rádio H.H., mas é também o nome de um projeto?...

*P.M. – Eu posso explicar Abgail, é até comum isso acontecer em meu trabalho. Costumo carregar títulos de uma situação, ou obra para outra. Mensagens Sonoras é o nome do projeto de pesquisa que realizei em 2015 através de Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística da FUNARTE. Esta foi minha segunda imersão no universo radiofônico. O projeto consistiu de uma série de vídeo performances gravadas no Vale do Catimbau, sertão de Pernambuco. Um dos resultados da pesquisa foi a realização da mostra, de mesmo nome no MAMAM.*

A.S. - Fale pra gente sobre a mostra Mensagens sonoras, que aconteceu no MAMAM<sup>3</sup>.

*P.M. - A mostra ocorreu entre junho e agosto de 2015 e ocupou o primeiro e segundo pisos do MAMAM, envolvendo 05 salas. Foi composta de obras em diversas linguagens e suportes como: transmissão de rádio FM, vídeos, aparelhos de rádio, objetos, esculturas e pinturas. O conjunto compunha uma grande instalação que, tinha como principal elemento o som da transmissão, pela Rádio Catimbó, do programa Mensagens Sonoras. Esse som, era uma espécie de linha, ou "fio de Ariadne sonoro", que conectava os espaços.*

*Na sala principal foi instalada uma escultura/antena com um transmissor de frequência FM que transmitia o sinal para 120 rádios distribuídos pelo conjunto de salas, inclusive para outras dependências do museu como portarias e salas da administração. Assim, ao se deslocar pelos espaços o espectador ia se deparando com os rádios que reproduziam o conteúdo do programa, com orelhas em dimensões alteradas e imagens das vídeo performances projetadas ou expostas em monitores de TV.*

*No 2º andar, na última sala desse trajeto, a única iluminada e silenciosa, foram exibidos objetos que representavam evidências da estória contada no programa. Eram pintura de retratos de indivíduos, muito brancos e com grandes orelhas, um "disco voador" e um crânio com uma grande orelha.*

A.S. - E o programa transmitido era sobre o que?

*P.M. - O programa é um noticiário ambientado no local onde foram gravadas as vídeo performances, o Vale do Catimbau, e tem quadros como: poesia; horoscopo e uma entrevista com um pesquisador. Essa entrevista é sobre fenômenos estranhos ocorridos no lugar, como a perda da cor da pele das pessoas.*

*Mas o áudio da instalação não se restringiu ao som do programa transmitido, ele foi composto, digamos, por três camadas: a primeira*

*camada foi a transmissão do programa, a segunda foi composta pelas paisagens sonoras dos lugares onde foram gravadas as performances e a terceira camada e a mais incidental, de sons de estática de rádios. Esta terceira camada de som, não foi pré-produzido, ela foi composta a partir da manipulação física dos rádios, distribuídos pelo espaço do museu com intensidades e volumes variados.*



Mensagens Sonoras, 2015. Vídeo instalação: Projeções de vídeo, rádios, orelhas de gesso, escultura de madeira e radio transmissão. Duas vistas parciais da mostra. MAMAM-Museu de Arte Aloizio Magalhães, Recife-PE

*Durante o trajeto pelos espaços, à medida que o espectador se deslocava, ele ia se deparando com as imagens de trechos distintos do vídeo. Assim, as sequências de imagens eram embaralhadas, restando o som transmitido pelos rádios, como único elemento presente em toda instalação. O programa transmitido era o conector da instalação porque através das ondas sonoras e radiofônicas, ele “viaja”, ultrapassa barreiras físicas, tanto de ordem arquitetônica quanto de distância.*

A.S. - Antes do programa, você havia comentado sobre a relação, desta obra, com alguns conceitos de cinema expandido ou imersivo. Quais seriam essas relações?

*P.M. - Sim, relaciono esta situação à ideia de cinema imersivo, porque, ao contrário da condição estática que precisa se manter em uma sala de cinema, aqui o espectador se desloca no espaço e isto o coloca na condição de coautor, pois é a partir dos seus movimentos, entre os diversos ambientes, com pausas para escuta e definições de trajetos, que a narrativa vai ocorrendo. O tempo e o circuito realizado é que determina o arranjo fílmico do espectador.*

A.S. - Caras e caros ouvintes, faremos mais um intervalo e logo voltaremos com mais experiências do artista e pesquisador Paulo Meira. Não saiam daí.

Vinheta da Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa: Transições em Transmissões Um  
Música: My baby just cares for me (1958) / Artista: Nina Simone / Álbum: The best of Nina Simone, PT1, 2016.



Mensagens Sonoras, 2015. Vídeo instalação. Três vistas parciais da mostra. No alto, placa de neon na fachada do museu. MAMAM - Museu de Arte Aloizio Magalhães, Recife-PE.

Vai a BG

A.S.. - Estamos de volta com a entrevista do artista e pesquisador Paulo Meira. Nos fale sobre sua experiência com rádio no contexto manicomial.

*P.M. - Em 2016, participei da residência artística CasaB<sup>4</sup>, no Museu Bispo do Rosário na zona Oeste do Rio de Janeiro. O museu é parte do complexo da Colônia Juliano Moreira<sup>5</sup>. A colônia ocupa uma área de 700 000 de metros quadrados, onde entre os séculos XVIII ao XIX, existia a fazenda Engenho Novo, que produzia açúcar e cachaça com mão de obra escrava. O complexo é formado por quatro Hospitais de internação, um hospital de crise, um museu, um polo terapêutico e um CAPS - Centro de Atenção Psicossocial. A proposta da residência foi morar nas dependências do polo terapêutico, ou polo das artes. É preciso estar de coração aberto para viver o dia a dia do manicômio. A loucura tem cor. Em sua maioria, seus pacientes, tanto internos, como frequentadores e usuários são pessoas negras ou não brancas de classes sociais baixas, de certa forma, um quadro ampliado da população brasileira, uma atualização da população que no passado compôs a mão de obra escravizada da antiga fazenda. Um contexto muito abordado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, quando ele fala que “Os mundos euro-americanos, fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada” (MBEMBE, p. 107, 2018). Dediquei a maior parte desse período a conviver, escutar e gravar falas de pacientes e ambientes. Para tanto, imergi em outro regime temporal pois, assim como na escuta, no trato com a loucura, precisamos doar tempo, se apassivar com o tempo. Essa experiência de se apassivar com o tempo é própria do exercício da escuta. Em Diário de Hospício, Lima Barreto fala sobre este regime de tempo no manicômio. Ele escreve mais ou menos assim: Vive-se aqui pensando na hora das refeições. Acaba-se o café, logo se anseia pelo almoço; mal se sai do almoço, cogita-se imediatamente o café com pão; uma hora depois, quase no mesmo instante, se apresenta a imagem do jantar, às quatro horas. Daí até dormir, são as piores horas de passar.<sup>6</sup>*

*Lima Barreto, morreu na Colônia, aos 41 anos, onde estava internado. Na Colônia, Artur Bispo do Rosário viveu e produziu toda sua obra; a Colônia tem o nome do Dr. Juliano Moreira, fundador da disciplina psiquiatria e da psicanálise no Brasil; é na colônia que Patrícia, Graça, Marcelo, Arlindo, fazem arte; assim como Lima, eles e elas, tem em comum, serem homens e mulheres negras.*

*Apesar de não haver um propósito objetivo, já cheguei à residência com intenção de gravar histórias contadas por usuários do sistema, tanto internos quanto frequentadores. Com o passar do tempo e o distanciamento da experiência vivida, entendi que jamais usaria os registros de suas vozes, porque elas revelam mais sobre a pessoa que sua imagem, já as histórias escutadas e gravadas, fazem parte da obra em processo, “Meu vizinho”.*

A.S. - E sobre a Rádio Delírio Cultural?

*P.M. - Como parte da programação da residência, foi realizada uma oficina com usuários e frequentadores do Polo das Artes. Propus que a oficina fosse não sobre, mas com rádio. O que interessava era a dinâmica do fazer rádio. Durante as atividades, falamos sobre temas e elementos, como: arte sonora e arte radiofônica; produção de conteúdo sonoro; paisagens sonoras; poesia sonora; documentários sonoros; arquiteturas sonoras; objetos sonoros; noções básicas de acústica. E surgiu a ideia de montar uma rádio comunitária no Polo das Artes. Projetamos e executamos um mobiliário básico para gravação de conteúdos sonoros. A direção do museu nos cedeu uma sala e alguns equipamentos como: microfones e mesa de som. Em pouco tempo, já estavam sendo criados e gravados, os primeiros elementos sonoros. A oficina ocorreu em 2016 e no ano seguinte foi realizada a primeira transmissão da Rádio Delírio Cultural<sup>7</sup>. A Rádio Delírio Cultural foi resultado de um processo coletivo que sou coautor, pois participei de uma das etapas, mas esse processo se estendeu mesmo após o término da residência. Foi uma partilha de afetos, troca de conhecimentos.*

*Considero esta experiência próxima das ideias do filósofo Frances Jacques Rancière, que em “Partilha do Sensível”<sup>8</sup>, propõe que uma partilha do sensível envolve, ao mesmo tempo, um, ou mais, comum partilhado, com todos; e partes exclusivas. Neste caso, o comum partilhado era a paixão e desejo de fazer rádio. Ele fala também da partilha de espaços, de tempos, de atividades. É uma situação semelhante a que aconteceu.*

*A.S. - No artigo O Rádio como Corpo Sem Órgãos<sup>9</sup>, de autoria do professor Mauro Sá Rego, ele apresenta uma relação entre rádio e o universo manicomial. Você vê uma relação dessa experiência da Rádio Delírios Culturais e o conceito de Corpo sem Órgãos?*

*P.M. - Sim, o conceito de Corpo sem Órgãos tem a ver com processos de desorganização para a criação, quando há uma situação de descodificação, o plano zero do corpo que é o corpo esquizo, em potência contínua de criação. Experiências similares com rádio ocorreram em ambiente manicomial. No caso da Rádio Delírio Cultural foram nossos encontros, as ações não foram programadas, o grupo envolvido, tomou o projeto para si e continuou. Havia a energia em nós, nosso encontro foi uma faísca que disparou as ondas da rádio Delírio Cultural.*

*A.S. - Paulo Meira vamos precisar fazer um breve intervalo, apenas um sopro sonoro. Vamos escutar mais Nina Simone, “Black is the color of my true lovers hair, de 1959.*



Vinheta do programa:  
Transições em Transmissões  
Música: Black is color of my true loves hair (1959) /  
Artista: Nina Simone /  
Álbum: The best of Nina Simone, PT1, 2016.



Rádio Catimbó, 2016/2021. Rádio escultura. Aço e alumínio, 5 x 10 x 28 metros. Vista aérea da obra. A direita, registro de montagem da obra. Usina de Arte, Água Preta – PE.

Vai a BG

Alô ouvintes, estamos de volta de mais um sopro sonoro de Nina Simone, na sua Rádio Catimbó.

A.S. - Você se referiu, a pouco sobre a Rádio Catimbó como uma aparição. Aparição em que sentido?

*P.M. - Rádio Catimbó, é uma rádio ficcional, concebida como agenciador e suporte de ações com rádio. Ela aparece em outras situações e obras. Por não ser continua, perene, gosto de me referi a estas situações como aparições, que tem uma relação com dinâmica do catimbó, o culto. Esse nome, além de uma referência ao local onde foram realizadas as filmagens de Mensagens Sonoras, o Vale do Catimbau é parte da região onde nasci e cresci, na cidade de Arcoverde, sertão do Moxotó de Pernambuco. Catimbau é sinônimo de catimbó. É uma região de juremeiros, de tradições que resistiram ao processo de colonização e se mantiveram embrenhadas, entre remanescentes de povos indígenas e quilombolas, nas cidades, cuja maioria tem origem nos aldeamentos. Cresci convivendo com as práticas das benzedeadas, das garrafadas e banhos com ervas e folhas. Se a pessoa aparecia mofina, com lundum, arengando com todo mundo já se sabia que era mal olhado, energia trocada. Na minha infância, dona Sebastiana, uma mulher negra era nossa benzedeadora mestra. Ela fazia as benzeduras em nossa casa, mas quando era caso*

*mais sério, quando precisava de banhos e outros procedimentos, a sessão de tratamento era em sua casa. Era ela que segurava nossas cabeças. Mas no dia a dia, sempre havia reza com folhas, minha avó Lupcina benzia, minha mãe Celanira, benzia e fazia banhos e garrafadas com ervas do mato.*



Rádio Catimbó, 2016/2021. Rádio escultura. Aço e alumínio, 5 x 10 x 28 metros. A esquerda: studio e logomarca da Rádio Catimbó – Usina, detalhe interno da obra. Acima: vista aérea da obra. Usina de Arte, Água Preta – PE.

A.S. – Mas no caso da Rádio Catimbó – Usina ela é uma obra, digamos real e permanente...

P.M. - *Sim, e para falar sobre esse trabalho, é preciso falar sobre o local e o contexto, para onde a obra foi concebida e instalada. A Rádio Catimbó – Usina é o resultado de uma residência artística realizada na Usina de Arte, uma instituição criada na antiga usina de Santa Terezinha<sup>10</sup>, localizada na região da mata sul de Pernambuco. Com o fim das atividades açucareira, na década de 1990, a população da antiga vila operária que, bem ou mal, dela tirava seu sustento, passa a compor um quadro de ruína e abandono. “Reduzidos a bagaço”, sem autonomia e quase nenhuma condição de reação, esta população foi se acomodando a realidade do “quase nada”: quase nada pra comer, quase nada fazer, quase nada pra sonhar.*

*A Usina de Arte foi criada, em 2014, tendo como principal objetivo reverter este quadro, estimulando novas vocações para essa população. É um complexo formado por um parque artístico-botânico, uma escola de música, uma biblioteca, as ruínas do antigo parque industrial e a antiga vila operária de Santa Terezinha. A população, em sua maioria remanescentes indígenas e afrodescendentes, surgida à sombra do patriarcado açucareiro, em avançado processo de evangelização, perdeu quase que absolutamente seus referenciais de ancestralidade, tanto culturais como religiosos. Homens e mulheres imersos numa temporalidade, que lhes impede, qualquer consciência histórica e crítica. Na condição de quem teve a fala suprimida, acaba por si mesmo, se sentindo um intruso, ou alguém que aparece no campo social, apenas como um problema. Neste contexto, a Rádio Catimbó se configura como uma aparição, uma estratégia de encantamento pela palavra, pela dinâmica de falas, pelo exercício de fala e escuta.*

*Esta região era as terras dos povos Caeté, que ocupava o litoral brasileiro entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio São Francisco. Os Caeté, antes de serem dizimados pelos portugueses, foram escravizados e utilizados como mão de obra no plantio de cana-de-açúcar, e depois substituído por escravizados africanos. Seu processo de extermínio está relacionado à cultura da cana-de-açúcar. O Catimbó tem origem nos povos Caetés e Tabajaras, mais a norte. Estas referências foram soterradas pela cultura da cana-de-açúcar. A Rádio Catimbó é uma aparição, seu toque é para seduzir ouvintes, a tomar consciência de suas possibilidades, consciência de si e de seu contexto. O pensamento de Paulo Freire é uma referência e inspiração nesta obra, sobretudo quando ele diz, não exatamente com essas palavras, que uma consciência crítica só pode ocorrer no presente, quando o sujeito imerso em sua existência, emerge no tempo... deixa de ser conduzido, passa a conduzir a si mesmo, reencontra o caminho do amor. É lindo isso...*



A esquerda: maquina que foi usada como modelo para construção da escultura/antena e o soldador Timóteo Baresi. A direita: Escultura instalada. Usina de Arte, Água Preta – PE.

A.S. - É verdade... e a estrutura física, a escultura Rádio Catimbó?

P.M. - *A obra, como um todo, é composta de duas partes que se completam: a escultura, base para antena e o estúdio de gravação e transmissão. A estrutura física da escultura foi projetada para, além de ser suporte para antena de transmissão, e por isto precisar ser instalada no alto de um morro do jardim botânico, servir também de abrigo para os visitantes que se aventuram na caminhada. A solução se deu a partir da escolha de um fragmento de máquina do antigo parque industrial.*

*O fragmento escolhido era utilizado na secagem do mel de cana para obtenção do açúcar. É uma estrutura cilíndrica, medindo 8 metros de altura com raio de 5 metros. Essa máquina, com o tempo de uso, foi apresentando deformações. A cada deformação, escoras e remendos foram sendo acrescentadas ao corpo da peça. São essas escoras e remendos colocados ao acaso, que a caracteriza esteticamente.*

*Por questões legais, este fragmento de máquina, não pôde ser retirado do parque industrial. Realizamos, com uma siderúrgica local, uma réplica da peça original, com todas as marcas decorrentes de anos de*

*uso. A escultura é um “eco” da original. À esta estrutura, foi acrescentado um mastro para antena e uma rampa de acesso. O acaso nos presenteou com o fato da peça, uma vez isolada do seu contexto, ter se tornado uma caixa acústica para experiências presenciais de visitantes. Um grande instrumento acústico.*

A.S. - E a parte técnica da rádio?

*P.M. - A estrutura técnica da rádio foi montada em um estúdio acerca trezentos metros da escultura antena, em um anexo da escola de música da Usina de Arte. Equipado com duas mesas de som de oito canais, transmissor FM e dois computadores. Este equipamento está montado em duas salas, uma de gravação e outra de produção de áudio. Vejo esta estrutura como uma extensão da escultura. Evidentemente, o que chamo aqui de escultura, está fora do estatuto convencional que constitui a linguagem escultórica. Me refiro a dois aspectos: o primeiro ocorre no operar de uma transmissão radiofônica, pois ondas de rádio são ondas eletromagnéticas, e, por tanto ondas luminosas, que ocorrem em uma frequência não perceptível por nosso sistema visual, mas que ainda assim preenchem e viajam pelo espaço. Estas ondas de rádio conduzem, como conectores, ou rios aéreos, conteúdos sonoros, que irão alterar o tecido social. E é aí que entra o segundo aspecto, este relacionado ao que, o artista alemão, Joseph Beuys nomeou de Escultura Social. Um conceito que vai além do objeto físico, engloba a política, a cultura, a educação, a organização social como um todo. Esta concepção de arte, não é nenhuma teoria, é mais uma configuração de pensamento, de uma escultura, que neste caso, não se pode tocar, mas ouvir. É uma maneira de proceder, onde podemos pensar em formas extensivas do olhar que envolve a escuta e a fala.*

*Se o pensamento, para Beuys é escultura, a materialização deste pela voz é, além de escultura, performance, já que, voz e escuta são representações plenas do corpo. Nesse sentido, Rádio Catimbó - Usina*

*foi concebida como um indutor e conector de corpos, de realidades, de sonhos. Ela se potencializa como obra, com a participação e uso da comunidade.*

A.S. - Antes da gente continuar, é importante fazer uma rápida apresentação aos ouvintes, do artista Joseph Beuys :

Joseph Beuys, artista Alemão, foi um dos mais importantes nomes da história da arte. É autor de frases e conceitos como: “Pensar é esculpir”; “A revolução somos nós”; “Todo homem é um artista”. O conceito de Beuys, que Paulo Meira citou, de “Escultura social”, se dirige à afirmação de que todo “ser humano é um artista e, portanto, a revolução está em cada um de nós. O artista acreditava que o ser humano é um ser criativo e que pode ser produtivo de várias maneiras diferentes para construir uma sociedade melhor.

Voltando a nossa conversa, que infelizmente, já caminha para seu final, nos fale sobre a interação da comunidade com a obra?

*P.M. - Importante estas informações sobre Beuys, Abigail. Bem, sobre a interação, a comunidade acolheu a rádio... a princípio, uma parte dos evangélicos reagiu negativamente ao nome Catimbó, mas a maior parte da população escuta a rádio. Há um envolvimento, principalmente afetivo. Com a rádio, eles estão conectados uns aos outros, as ondas ampliam e repercutem as teias de vínculos que possibilitam a organização da vida na comunidade. Mas é um trabalho em processo, ele se fortalece nas interações. Por hora, fica a confirmação de que a arte, ao mesmo tempo que transforma, escancara, revela traumas sociais, problemas históricos.*

A.S. - Paulo Meira, eu quero agradecer em nome da rádio Catimbó a sua presença, e dizer que esperamos, muito em breve que você esteja de volta.

*P.M. - Eu que agradeço o convite, à Rádio Catimbó, a você Abigail, a Veludo e aos ouvintes. Posso pedir uma música?*

A.S. - Mande ver, fique à vontade.

P.M. - A música é By by Brasil, com Chico Buarque. Eu quero dedicar a Cláudia Leão e aos nossos oito anos de amor e estrada.

A.S. - Vamos ouvir então, com Chico Buarque, By by Brasil. Eu sou Abgail Silva e conversei com o artista Paulo Meira. Após o intervalo vocês ficam com Elsom Veludo. Me despeço desejando muita maciez a vocês ouvintes e em especial a Marisa Mokarzel.

Música: By by Brasil / Artista: Chico Buarque / Álbum: By by Brasil, 1980.  
Vinheta da Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa: Transições em Transmissões  
Vai a BG



E.V. - Caras e caros ouvintes, vocês acabaram de escutar na Rádio Catimbó o programa **Transições em transmissões**, uma conversa entre o artista Paulo Meira e a repórter Abgail Silva. Estaremos empenhados para concretizar nossas pautas. Acompanhem as próximas conversas de **Transições em transmissões**.

A Rádio Catimbó Convida vocês a escutarem nossa próxima atração: o programa *Incensom*.

Como, hoje, entrevistamos o artista e pesquisador Paulo Meira, o uso de referências de outros autores é dele. Vou ler para vocês a relação que ele nos passou:

Hilda Hilst; Lima Barreto; Paulo Freire; Joseph Beuys; Franz Fanon; Jacques Rancière.

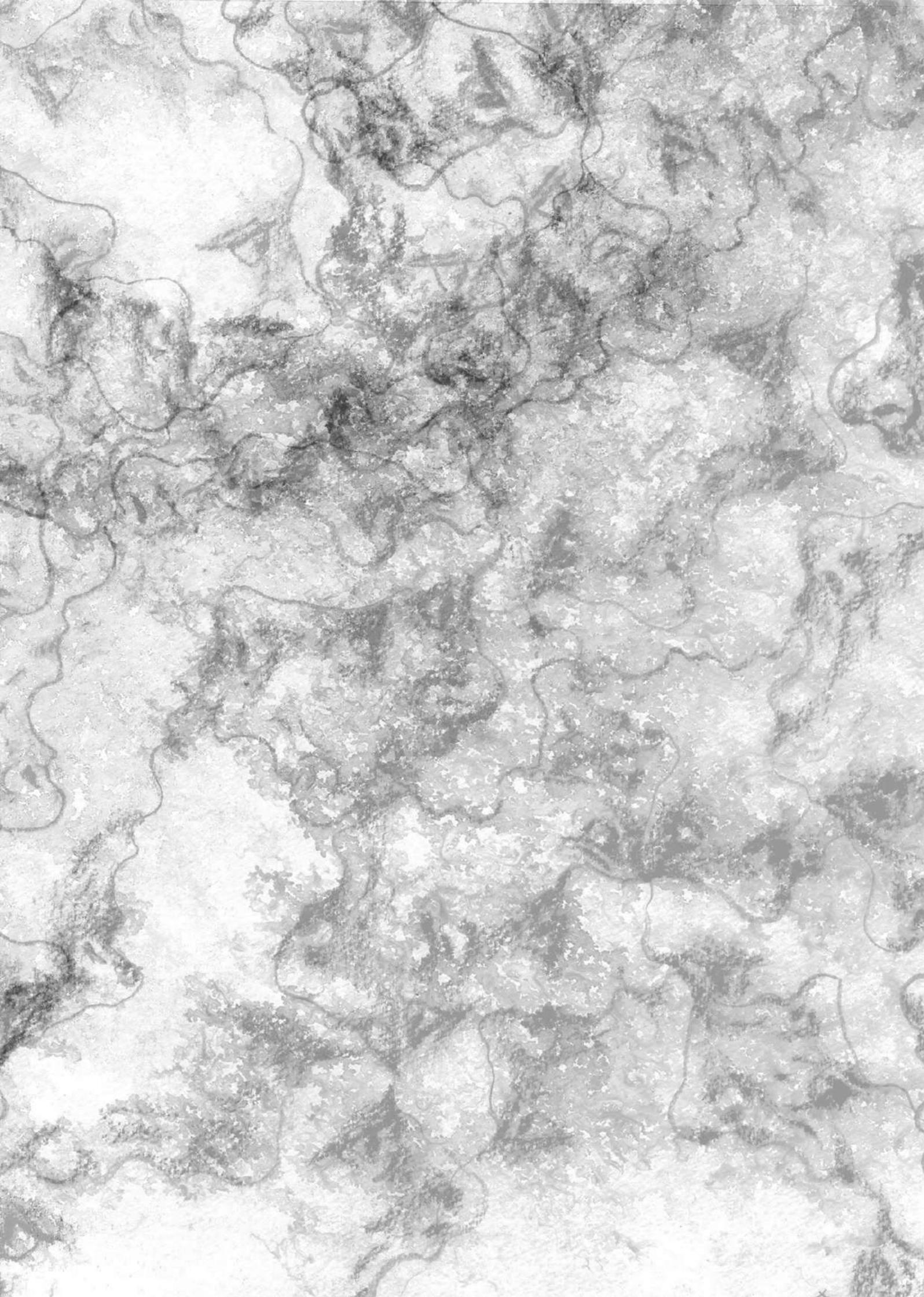
Participaram deste programa:

Na técnica, Carolina Lima.

Na locução, Abgail Silva e eu, Elsom Veludo.

Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

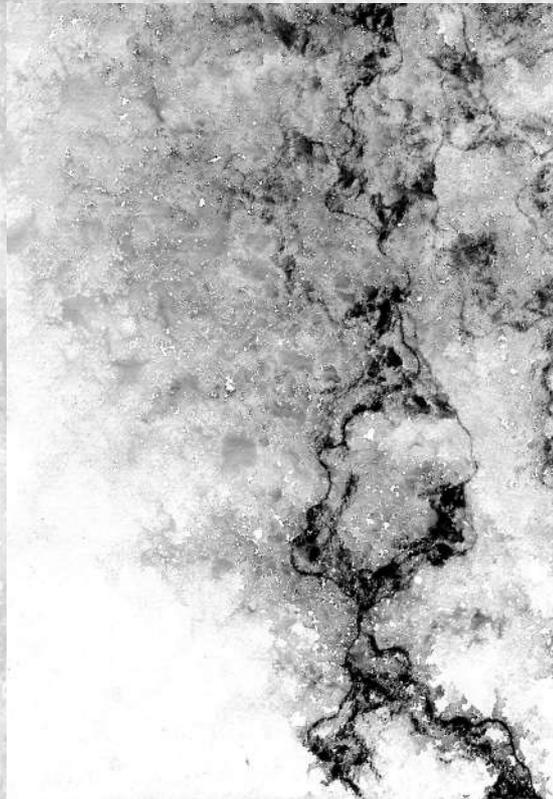
Viva Arthur Bispo do Rosário! Viva Hilda Hilst!





**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Incensom**



**RÁDIO CATIMBÓ**



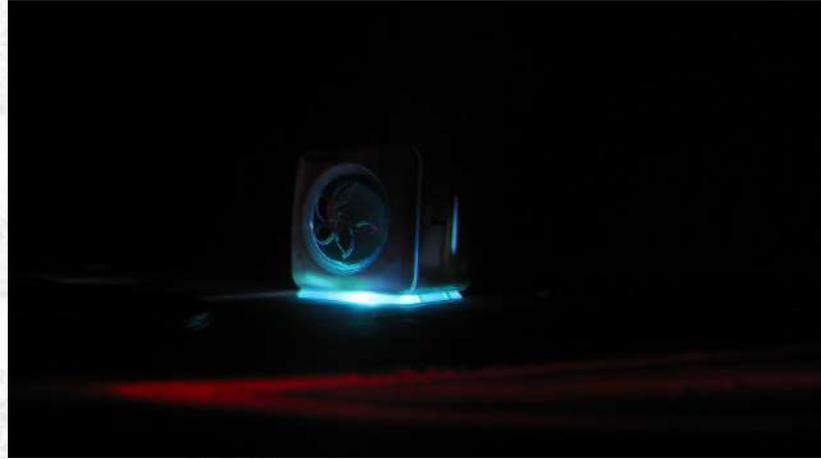
## Incensom



Neste momento,  
você entra na  
frequência da  
Rádio Catimbó!  
Música:  
Hermeto /  
Artista: Hermeto  
Pascoal /  
Álbum:  
Hermeto, 1970.  
Vai a BG  
Vinheta da  
rádio: Catimbó!

Música extra:  
toque de Exu

Vinheta do  
programa:  
*Incensom!* Aqui  
e agora, do  
Reino da  
Jurema.  
Música: Pontos  
de Jurema /  
Artista: Geraldo  
Juremeiro  
Vai a BG



Rádio H.H., 2013.

E.V. - Boa tarde caras e caros ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, a sua nave do som, trazendo para vocês o programa **Incensom!!!**

**Incensom** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!



E.V. - **Incensom** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilham a escuta desses **Cantos de aparições**:

A Jucilene Carvalho; Brena Correia; Danielle Romani; Dona Sebastiana; Augusto Cezar Coelho; José Manuel Pássaro; Maria Bethânia Torres; Onildo Costa Araújo; as mães e pais; irmãs e irmãos do terreiro de Dona Erundina, as autoras e autores consultados e citados neste programa, e um agradecimento mais que especial à Cláudia Leão.





Vinheta da rádio: Rádio Catimbó!  
Falando aqui e agora, direto do Reino da Jurema.  
Vinheta do programa: *Incensom!*  
Música: Pontos de Jurema /  
Artista: Geraldo Juremeiro



Mensagens sonoras, 2015/2021. Frame do vídeo.

Vai a BG

E.V. - **Incensom** anuncia a Rádio Catimbó. *Incensom*<sup>1</sup> é uma proposição de *incenso sonoro*, uma fabulação em performance. E para abrir os caminhos dos cantos, vamos falar um pouco sobre catimbó. É difícil definir o culto catimbó, devido ao seu conjunto de atividades abranger diversas origens, como: a Pajelança indígena; elementos de religiões de matriz africana e do catolicismo popular do Nordeste. Os etnólogos definem o termo Catimbó, de forma genérica, como um culto que surge no nordeste oriental, especialmente nas áreas de aldeamento.

Uma nota ouvintes!

Os aldeamentos eram povoações organizadas pelos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII, compostas de indígenas, negros escravizados e homens pobres, como ação de controle dessas populações. Como sabemos, essa prática de remoção de populações perdura até hoje, é uma forma de controle para desarticulação entre sujeitos. De processos semelhantes, surgiram o Jirê, na Bahia, Tambor de Mina, no Maranhão, Catimbó, no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, entre tantos outros. A maioria desses aldeamentos, posteriormente, deram origem a cidades.



O Catimbó surgiu do encontro das culturas indígena, africana e ibérica, no contexto da *Plantation, que o filósofo camaronês, Achille Mbembe* descreve como, um estado de exceção e as formas de resistência diante de situações limite, surgidas ali. Vamos ouvi-lo:

Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e estilizá-la. Rompendo com sua condição de expatriado... fragmento [objeto, moeda,] ele ou ela, é capaz de demonstrar as capacidades polimorfos [aspectos, formas e modos de ser diferente] das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente pertencia a um outro (MBEMBE, p.30, 2018).

Para a atriz, educadora, escritora, ativista Zélia Amador de Deus, mesmo destituídos de tudo, os africanos trazidos para cá, não vieram sozinhos, trouxeram consigo suas divindades, visões do mundo, alteridades - linguística, artística, étnica, religiosa; diferentes formas de organização social e diferentes modos de simbolização do real. Sobre as formas de resistência, diante da repressão do colonizador, vamos ouvir Amador:

Por mais que as tradições fossem represadas ou aniquiladas, pela cultura hegemônica, os descendentes de africanos davam início a um processo de criação, invenção e re-criação, da memória cultural para preservação dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade (AMADOR, 2011).

Catimbó, é um fenômeno de resistência e afirmação da vida diante da morte. Esse encontro entre várias culturas dinamizou no Brasil, uma grande variação de práticas religiosas que, segundo o escritor, professor, historiador, compositor e babalaô Luiz Antônio Simas, são fundamentadas em três aspectos básicos:



- A possibilidade de interação com ancestrais, encantados e espíritos através dos corpos em transe de incorporação (é o caso da umbanda) e expressão (é o caso do candomblé);
- Um modo de relacionamento com o real fundamento na crença em uma energia vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor;
- E na modelação de condutas estabelecidas pelo conjunto de relatos orais e pela transmissão de matrizes simbólicas por palavras, trances e sinais (SIMAS, 2021).

O Catimbó resistiu, e como fumaça, se espalhou e se enveredou pela umbanda, candomblé, maracatu e xangô de Pernambuco, Tambor de Mina e se encantou pelo mundo, como nos canta o próprio Simas e o pedagogo e escritor Luiz Rufino na obra “Fogo do mato: a ciência encantada das macumbas”. Vamos ouvi-los:

A rua e o mercado são caminhos formativos onde se tecem aprendizagens nas múltiplas formas de trocas”; a “mata é morada, por lá vivem ancestrais encarnados em mangueiras, cipós e gameleiras; nos olhos d’água repousam jovens moças; nas conchas e grãos de areia vadeiam meninos levados (SIMAS, RUFINO, p. 32, 2018).

O catimbó está onde estamos e onde não estamos. Salve o catimbó!! Faremos um breve intervalo, apenas um sopro sonoro com o Coco Raízes de Arcoverde.



Mensagens sonoras, 2015/2021. Frame do vídeo.



Vai a BG

E.V. - Estamos de volta ao mundo encantado Jurema.

A Jurema é uma planta da família das leguminosas, comum no nordeste brasileiro, que tem propriedades psicoativas. No catimbó, a Jurema é considerada uma bebida sagrada, ela é usada no transe e é o seu fundamento geral. Durante as sessões de catimbó, as mestras e mestres catimbozeiros fumam cachimbo, sopram fumaça e distribuem vinho de Jurema entre os participantes. A jurema, bebida sagrada, amplia as percepções e abre caminhos para as regiões maravilhosas dos ares, das mestras e mestres de outro-mundo, pretas e pretos velhos, caboclos, boiadeiros, exus e pomba giras, marinheiros e malandros, crianças e orixás. A mitologia do catimbó é fundamentada no reino encantado da Jurema que é composto de sete cidades sagradas que são: Juremá; Vajuçá; Junçá; Catucá; Manacá; Angico e Aroeira. Para os juremeiros, Alhandra, no litoral sul da Paraíba, é a cidade que representa os reinos do Juremá na terra, pois lá teriam sido anunciados os poderes das mestras e mestres. Muitos juremeiros, consideram a existência de duas cidades de Alhandra, sendo uma real, na Paraíba e outra Alhandra, do reino dos encantados da Jurema. As sessões de catimbó são voltadas para consultas, através das quais se busca a cura para males físicos, mentais e espirituais, ou para resolver toda sorte de problemas do cotidiano. Se você ouvinte quiser se aprofundar no universo do catimbó e no reino encantado da jurema, sugerimos que consulte a tese “Religião, Espaço e Transitividade” de autoria do Dr. Sandro Guimarães Salles, pesquisa concluída em 2010, no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.





## **Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

Em nosso primeiro canto, **Eu já escuto teus sinais**, falamos da Rádio Catimbó como uma obra ficcional, concebida como agenciador e suporte de performances em rádio. A Rádio Catimbó não possui estúdio fixo nem sinal ou frequência modular perene, o que a caracteriza como uma rádio *fantasma*, ela traz no próprio nome, *catimbó*, sua dinâmica de existência que é por *aparições*. Uma generosa licença poética nos permite propor as ações da rádio catimbó, como uma prática análoga ao catimbó (o culto). Rádio Catimbó, como ação conectora de mundos, deste e de outros mundos, como nos sugeriu Hilda Hilst; e de forma mais concreta como vozes que ligam uma ou mais existências. A Rádio Catimbó é, em si, uma aparição sonora.

Faremos um intervalo, mais um sopro sonoro e na volta apresentaremos as vinhetas de ***Incensom***.

Vinheta da rádio: Rádio Catimbó.  
Aqui e agora, falando direto do Reino da Jurema.  
Música 4: Coco de Toré /  
Artista: Grupo Cultural Indígena Walê Fulni-ô e Pé de Cerrado.



# **RÁDIO CATIMBÓ**

Logomarca da Rádio Catimbó.



Vai a BG

E.V. - Caras e caros ouvintes, estamos de volta, e vamos apresentar agora, a série de vinhetas de Incensom, *para a série Cantos de Aparições*.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra tecer encontros, por entre as frestas da existência humana, toca pra celebrar a vida e a força de se levantar das quedas, toca pra sair dos embaraços.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra trazer os sete Cantos de Aparições do reino das grandes regiões maravilhosas dos ares.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra cuidar dos males da cabeça e toda sorte de problemas.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra abrir os caminhos da descolonização das mentes e dos corpos, toca pra fortalecer os subalternizados e excluídos da terra.

**Incensom** toca Rádio Catimbó aos espíritos amigos, as irmandades habitantes da floresta e do mundo maravilhoso dos ares.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra defender os saberes dos povos da mata e da mãe natureza.

**Incensom** toca Rádio Catimbó e traz a ciência da Jurema e seus saberes encantados, nascidos nas brechas das encruzilhadas, na ginga dos catimbozeiros, cuspidos no chão para dobrar a morte, toca os **Cantos de aparições** para embelezar a vida.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra transmitir os sinais direto do mundo encantado da Jurema, das sete cidades encantadas, do mundo maravilhoso dos ares, das matas virgens, das cachoeiras, das encruzilhadas.

**Incensom** toca Rádio Catimbó pra baixar mestras e mestres dos encantados, Caboclos, Boiadeiros, Pretas e Pretos Velhos, Exus e Pomba Giras, Erês e Orixás.

**Incensom** toca Rádio Catimbó direto das sete cidades da jurema, dos sete caminhos, os sete Cantos de Aparições.



**Incensom** toca Rádio Catimbó, e traz Exu abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições.

Caras e caros ouvintes, acabamos de ouvir a série de vinhetas da pesquisa Cantos de Aparições. Iremos para mais um breve sopro sonoro com Nina Simone e já voltamos.

Vinheta da Rádio Catimbó. Aqui e agora, falando direto do Reino da Jurema. Vinheta do programa: *Incensom!* Música: Rios, pontes e overdrives / Artista: Chico Science & Nação Zumbi / Álbum: Da lama ao caos, 1994.



Mensagens sonoras, 2015/2021. Frame do vídeo.

Vai a BG

E.V. - Estamos de volta para apresentar a vocês as possibilidades de confecção e instruções de uso de **Incensom**. Como falamos a pouco, **Incensom** é uma proposição de fabulação em performance. Em uma ação com **Incensom**, o encanto está na música, nos ruídos, no silêncio, na voz, na prática da escuta.

É importante que os participantes mentalizem uma defumação normal, sobretudo, se concentrem na substituição da fumaça pelo som, reconhecendo os dois como elementos físicos que são. Esse tipo de procedimento é comentado pelo multi artista argentino Jorge Glusberg, vamos ouvi-lo:

O que interessa primordialmente numa performance é o processo de trabalho, sua sequência, seus fatores constitutivos e sua relação com o produto artístico: tudo isso se fundindo numa manifestação final (GLUSBERG, p. 72, 2005).



Em uma rádio performance com Incensom, constitui a performance, o processo de trabalho, que está concentrado no envolvimento dos participantes com o som escutado. Seus movimentos são os de uma defumação normal, só que, tendo o som como indutor principal, do transe performático em vez da fumaça. O acionamento do sentido da visão se mantém, neste caso, a imagem da fumaça, exalada na queima do composto vegetal, é substituída pela luz, que escapa do interior dos incensórios, emitida pelo tocador mp3. O conteúdo sonoro, assim como o número de participantes, é determinado a partir da situação e contexto da performance a ser realizada.

Para construir um objeto Incensom, “atualmente”, são necessários um tocador mp3, um *pendrive* ou cartão de memória e um suporte para acondicionamento do tocador. Este suporte pode ser feito com diversos materiais. A seguir apresentaremos algumas possibilidades de construção de Incensom.

- Dois tapowers, usados, para que o som fique mais solto;
- Um sapato que não tenha pressa (não importa o modelo do sapato).
- Uma bolsa de tecido transparente, confeccionada segundo o desejo de muitas;
- Duas bacias pequenas, mas com furos e igarapés, para possibilitar a saída do som;
- Duas quengas de coco da praia de Itapuã.

Estas são algumas possibilidades de confecção de um objeto **Incensom**, construa você mesmo o seu.





Técnica

Linha do tempo



Locução

Incensom

[91]



Cantos de Aparições, 2019. Rádio, gaiola de madeira e tecido.  
Rádio instalação. Bienal do Barro, Caruaru – PE.



RÁDIO CATIMBÓ



**Incensom** toca Rádio Catimbó e oferece a série **Cantos de aparições**. É ele que abriu caminho para os Cantos. É **Incensom** que faz a ponte entre passado e futuro, ele é o guardião das conexões, dos acoplamentos, das mediações, das relações...

**Incensom** toca Rádio Catimbó e convida vocês a ouvirem, “Carta de amor”, com Maria Bethânia:



Vocês acabaram de ouvir pela Rádio Catimbó de autoria de Paulo Cesar Pinheiro e Maria Bethânia, na voz de Maria Bethânia, “Carta de Amor”, do álbum “Oásis de Bethânia”, de 2012.



*Nós vamos ficando por aqui, lembrando a vocês que em nossa próxima atração transmitiremos o programa **Mensagens sonoras**, mais um oferecimento **Incensom**.*

*Neste programa foram citados diretamente os seguintes autores:*

*Zélia Amador de Deus; Luiz Antonio Simas; Luiz Rufino; Achille Mbembe e Jorge Glusberg.*

*No encerramento tivemos, “Carta de amor”, com Maria Bethânia.*

*Na Técnica: Carolina Lima.*

*Vinhetas Abgail Silva.*

*Na locução: eu, Elsom Veludo.*

*Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.*

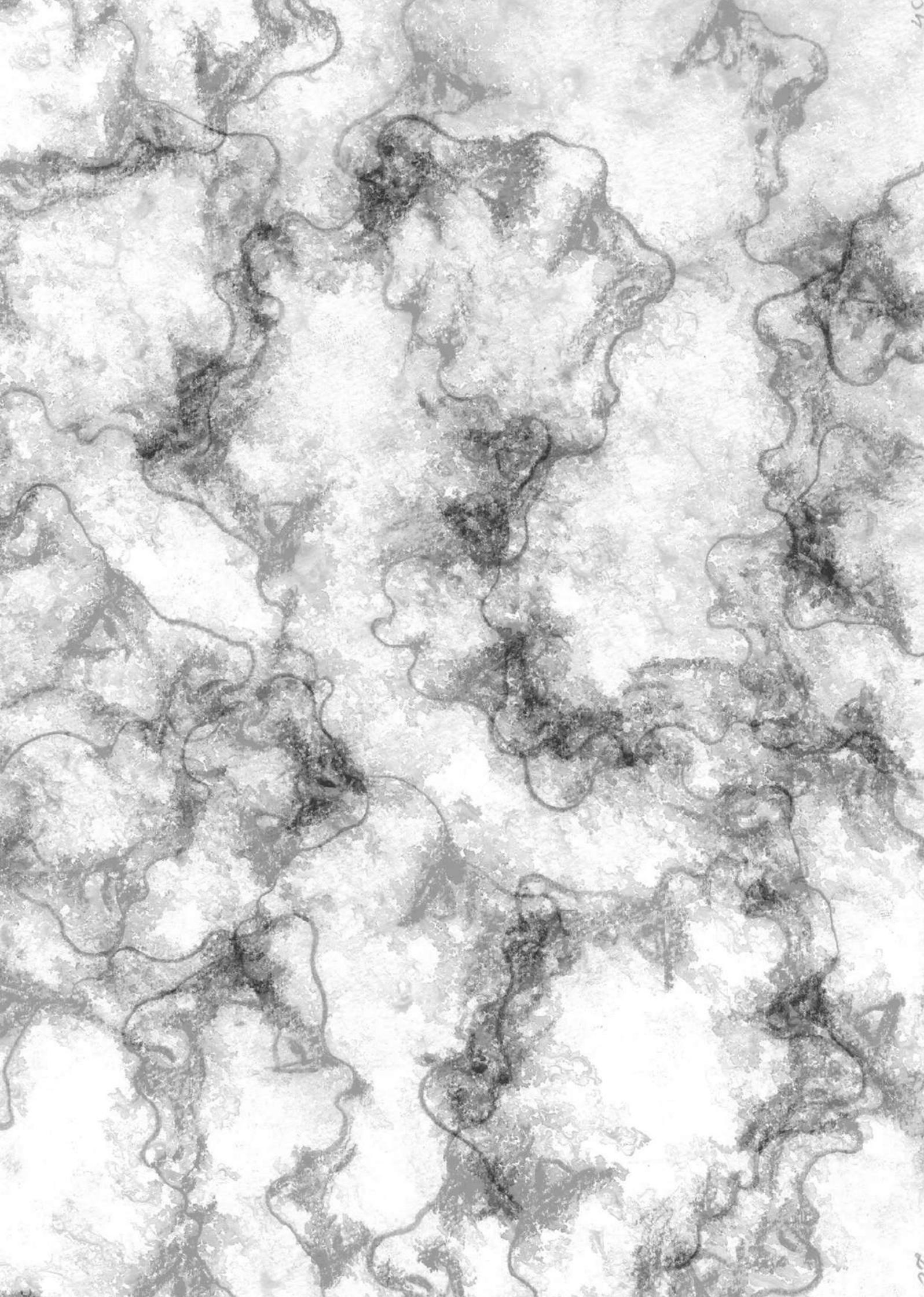
*Viva o catimbó! Viva a Jurema! Viva os caboclos e orixás! Viva as Marias Bethânias!*

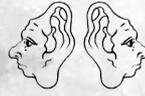
Vinheta da  
Rádio catimbó.  
Música: Carta  
de Amot /  
Artista: Maria  
Bethânia /  
Álbum: Oasis  
de Bethânia,  
2012.

Música:  
Maracatu de  
tiro certo /  
Chico Sciense  
& Nação Zumbi  
/ Álbum: Da  
lama ao caos,  
1994.  
Vai a BG

Sobe a música

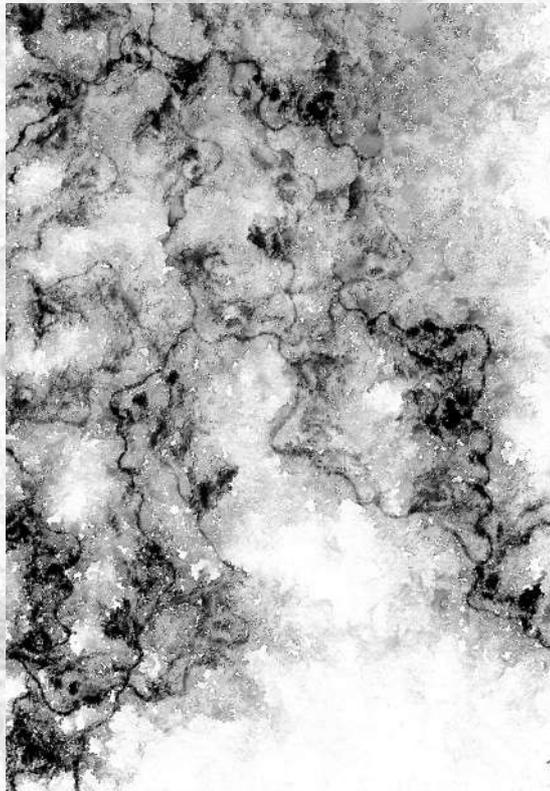






**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Mensagens sonoras**



**RÁDIO CATIMBÓ**

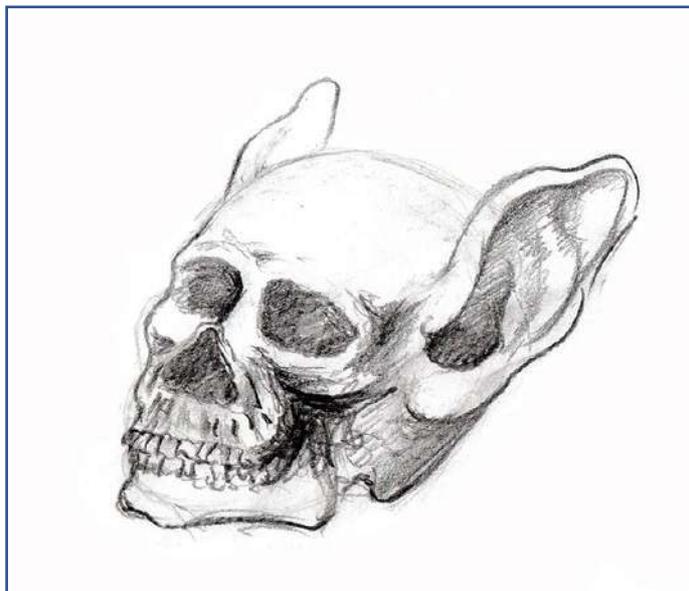
## Mensagens sonoras



Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó!  
Música:  
Hermeto /  
Artista:  
Hermeto Pascoal /  
Álbum:  
Hermeto, 1970.  
Vai a BG  
Vinheta da rádio: Catimbó!

Música extra:  
toque de Exu

Vinheta do programa:  
*Mensagens sonoras*  
Sobe música 1  
Vai a BG



E.V. - Boa tarde ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, a sua nave do som, trazendo para vocês o programa **Mensagens sonoras!** Um oferecimento **Incensom!**  
**Incensom** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú<sup>1</sup> abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!

E.V. - **Mensagens sonoras** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilham a escuta desses **Cantos de aparições:**

Oriana Duarte; Dimitria Leão; Lucas Mariano; Francisco Baccaro; Pedro Coelho; Rafael Travassos; Ana Queiroz; Marcio, guia do Vale do Catimbau, Lucas Caminha, Eduardo Rodrigues, a comunidade do Vale do Catimbau, e em especial à Cláudia Leão.

Música: Melô do rádio / Artista: Carlos Marajó / Álbum: Guitarrada vol. 2, 1985.



Imagem do Vale do Silêncio, Noroeste da Amazônia Brasileira.

Vai a BG.

E.V. - Hoje, o programa **Mensagens sonoras**, está sendo transmitindo para todo Raso da Jurema, diretamente do Vale do Silêncio, Noroeste da Amazônia. Nesta edição teremos a participação luxuosa da exuberante repórter Abgail Silva.

Boa tarde Abgail, seja bem-vinda a Rádio Catimbó.

A.S.- Boa tarde Veludo, Boa tarde Ouvintes! Salve Veludinho, sempre cheio de maciez...

E.V. - Merece Abgail, merece! E, antes de dar início a nossa programação, gostaríamos de mandar um abraço remoto, mas carinhoso, à população do Raso da Jurema, que escuta a Rádio Catimbó.

Vinheta da rádio: Rádio Catimbó. Aqui e agora, falando direto do Vale do Silêncio, Amazônia brasileira. Vinheta do programa: Mensagens Sonoras! você nunca ouviu nada igual!

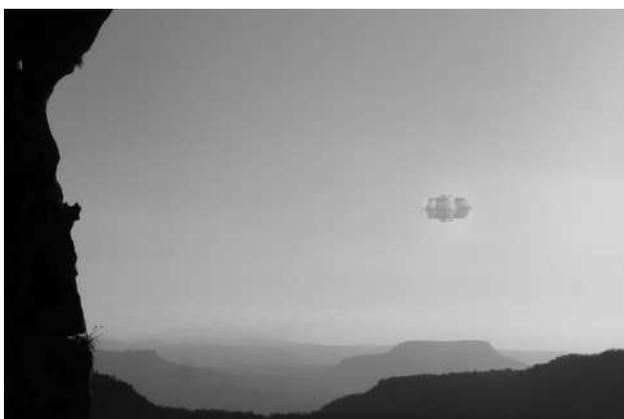


Imagem do Raso da Jurema, região Nordeste do Brasil.

Vinheta da  
Rádio  
Catimbó!  
Música: Um  
dia no  
Amazônas /  
Artista:  
Naná  
Vasconcelos /  
Álbum:  
Contando  
estórias, 1995.

Vai a BG



Imagens de crianças jogando futebol no Raso da Jurema, região Agreste de Pernambuco.

E.V. - Iniciaremos o programa com o nosso editorial, na voz deste que vos fala.

Como dito a pouco, hoje estamos transmitindo o programa Mensagens Sonoras de um lugar distante do Raso da Jurema, mais precisamente, do Vale do Silêncio, localizado a Noroeste da Amazônia brasileira. Para apresentar este lugar aos nossos ouvintes do Raso da Jurema, escolhemos uma lenda local, que conta a seguinte estória:

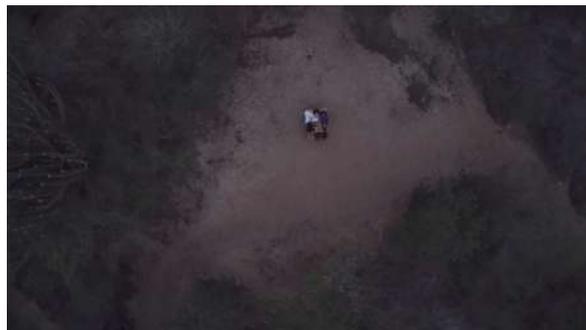
*No início do mundo, só as deusas aqui viviam e tudo era silêncio.*

*Então um dia, elas, as deusas, decidiram criar as coisas do mundo. Usando o barro do chão, fizeram as sumaumeiras, as seringueiras e as andirobeiras; as castanheiras, açaizeiros e pupunheiras.*

*Fizeram, também de barro, os tatus, corujas caburé e tucanos; Muçuãs, pacas, jacarés, tamanduás e guaribas; mucuras, jararacas, onças e preguiças.*

*Com muita delicadeza e riqueza de detalhes, fizeram os sapos, as rãs, a pererecas, aranhas caranguejeiras, piuns, carapanãs, mariposas e formigas.*

*De tanto cavar o chão de barro para criar as coisas do mundo, elas, as deusas, fizeram surgir os rios, furos, igarapés e igapós; e depois povoaram a imensidão de água, com tucunarés, tracajás e pintados; pirarucus, filhotes, tamuatás, piranhas; a cobra grande, o boto, e por fim, as mulheres e os homens.*



Acima, residências do Raso da Jurema e do Vale do Silêncio. A direita, imagem aérea da Baixa da Égua.

*Em seguida, as deusas queriam que a alma entrasse nas coisas do mundo para que elas criassem vida. Mas a alma não queria ser aprisionada, pois não é de sua natureza. A natureza da alma é ser livre. Ela não queria ser amarrada as coisas. Então as deusas cantaram músicas... e quando escutou, a alma ficou siderada. Em êxtase e querendo sentir a música mais intensamente, depois de muito relutar, ela não se conteve, e entrou suavemente nas coisas. Porque a alma era o som.*

A leitura dessa lenda nos faz imaginar um mundo em silêncio absoluto... e não existe vida no silêncio absoluto.

Foi o que revelou o multiartista norte-americano John Cage<sup>1</sup>. Segundo Cage, experiências realizadas em câmeras anecoicas, onde é possível se criar um ambiente de total isolamento acústico, descrevem o que acontece a um ser humano quando submetido ao silêncio absoluto. Seria mais ou menos assim:

Nos primeiros momentos, os ouvidos se adaptam ao silêncio. Pouco depois, vai começar a ouvir os próprios sons: as batidas do coração; a respiração; os movimentos do estômago; intestino e demais órgãos. Quando tentar levantar e andar, vai perder o equilíbrio, já que nosso sistema de navegação que controla nossos movimentos depende do som. Imobilizado por falta de equilíbrio, após 15 minutos, por não haver estímulos auditivos externos (apenas os do próprio corpo), o cérebro começará a confundir-se e a criar “sons” próprios. 30 minutos depois, vai começar a ter alucinações e delirar.

Caríssimas e caríssimos ouvintes, como vocês acabaram de escutar, em nosso editorial, contamos a estória de uma lenda do Vale do Silêncio, local onde estamos transmitindo o programa Mensagens Sonoras de hoje.

Também escutamos de Naná Vasconcelos, “Um dia na Amazônia”. Iremos para um breve intervalo e logo voltaremos trazendo para vocês, notícias de acontecimentos extraordinários que estão ocorrendo neste lugar da Amazônia. Nossas atrações musicais de hoje, vem, de lá... quero dizer, daqui da Amazônia, e esta que vocês vão ouvir é um clássico da Guitarrada. Com vocês “Abraçando você”, de Carlos Marajó.

Vinheta da Rádio Catimbó. Aqui e agora, falando direto do Vale do Silêncio, Amazônia brasileira. Música: Abraçando você / Artista: Carlos Marajó / Álbum: Guitarrada vol. 3, 1985. Vai a BG. Vinheta do programa: Mensagens Sonoras! você nunca ouviu nada igual! Música: Melô do rádio / Artista: Carlos Marajó / Álbum: Guitarrada vol. 3, 1985.



A direita, imagens aéreas do pesquisador e residência no Raso da Jurema.

Vai a BG  
feitos de  
suspense

E.V. - Como anunciamos, o programa Mensagens Sonoras de hoje está sendo transmitido de local distante do nosso Raso da Jurema, na Amazônia brasileira, mais precisamente do Vale do Silêncio.

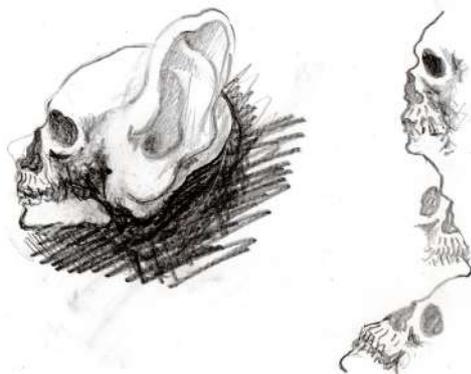
Nossa equipe chegou aqui, no Vale do Silêncio, há uma semana, para realizar uma reportagem documental sobre o caso do Bicho da Égua, que é como se refere a população local, a uma história ocorrida, aqui, a cinco anos atrás. Tudo corria como planejado, quando fomos surpreendidos com a descoberta dos restos mortais de um homem, encontrado ontem, aqui no Vale do Silêncio, na localidade da Baixa da Égua, a mesma onde ocorreu o caso do Bicho da Égua.

Na verdade, ouvintes, só a cabeça de um homem foi encontrada. Isso mesmo que vocês ouviram, a cabeça do infeliz foi encontrada sem o corpo. Junto com a cabeça, foram encontrados vários objetos, contendo revelações sobre algo muito grave que pode estar ocorrendo aqui no Vale do Silêncio.

Vamos iniciar, portanto, falando sobre o desaparecimento do agricultor indígena Altino Moreno, que o povo na época, apelidou de Bicho da Égua, agora, mais do que nunca, imprescindível, para entender melhor o que está acontecendo hoje.

Vamos voltar no tempo, e quem vai nos apresentar um resumo do caso do Bicho da Égua é a repórter Abgail Silva. Mais uma vez, boa tarde Abgail.

A.S. - Boa tarde Veludo! Boa tarde ouvintes! Olha, Veludo, durante a



Desenhos do caderno do pesquisador.

semana que estivemos aqui no Vale do Silêncio, escutamos vários testemunhos de amigos e parentes de Altino.

Altino Moreno era um agricultor indígena do povo kayapó, 30 anos de idade, solteiro, ele desapareceu de forma misteriosa, da localidade da Baixa da Égua, aqui no Vale do Silêncio. Testemunhos de parentes e amigos, afirmaram que, dias antes de desaparecer, Altino estaria doente, pois sua pele negra, ficou embranquecida, uma brancura transparente, feito vela, como relataram alguns, “uma brancura *adefuntada*”. À medida que foi perdendo a cor natural, Altino foi se calando e perdendo a audição, ficando completamente mouco e desorientado; até desaparecer sem deixar rastro. Os parentes de Altino, fizeram de tudo para saber o seu paradeiro, mas até hoje, não obtiveram nenhuma explicação. Segundo eles, Veludo, Altino desapareceu, de repente, sem se despedir de ninguém. Muita gente acha que o homem se encantou... O sítio e a casa que Altino morava, ainda estão no mesmo canto, do mesmo jeito, mas tudo abandonado... ninguém chega perto... todos sentem medo... dizem que virou casa de Matinta e que Altino foi encantado... pouco tempo depois do desaparecimento, surgiu na boca do povo, esse nome Bicho da Égua. Isto porque, muita gente afirma ter visagem de Altino por todo Vale.

E.V. - E lembrando Abgail e ouvintes: foi justamente depois que Altino desapareceu que, durante as noites começou a aparecer os aparelhos de rádio. Até hoje, quando o dia amanhece tem rádio por tudo quanto é canto, pelo chão, pendurados pelo mato... e o povo vai pegando como se fosse fruta, ou coisa que nasce da terra... tem gente que diz que já viu até cair do céu.

A.S. - É verdade Veludo, já foram encontrados por todo o vale, da Ilha Nova a Baixa da Égua, do Igarapé das Letras a Monte Alto, até a distante Serra da Velha Pobre. São aparelhos muito parecidos com rádios normais, só que com dois detalhes: o primeiro é que funcionam sem recarga; e o segundo, é que até hoje ninguém conseguiu desligar nenhum...

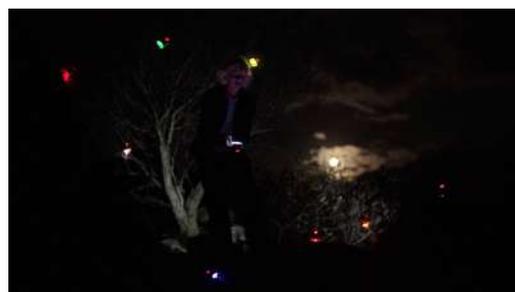
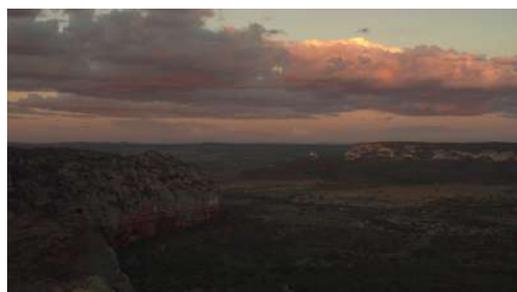
E.V.- Pois é... e isso, no início, causou espanto em muita gente, principalmente nos mais velhos, mas com o tempo o povo se acostumou, fascinado, se deixou seduzir pelo objeto, afinal de contas, quem não gosta de achar as coisas? Ainda mais um rádio, que toca e nem precisa carregar? E quem achou ficou, levou pra casa.

A.S. - É o poder de sedução do objeto, Veludo, para se ter ideia, esse fenômeno já virou até ditado popular local que diz:

“No Vale do Silêncio, quem vê estrela cadente, não pensa mais em sorte, corre atrás de rádio”.

E.V. - Relembramos o caso do Bicho da Égua e o aparecimento dos rádios, porque como veremos depois do intervalo, tudo indica que estão relacionados com a descoberta dos restos mortais de um homem, encontrado ontem na Baixa da Égua. Faremos um breve intervalo, apenas um sopro sonoro, e logo voltaremos com mais notícias. Vocês ficam ao som do carimbó “Manilha”, de autoria de Pedro Períneo, o Dj PP, do Pará e do grupo Camelo, de Pernambuco.

Música :  
Manilha /  
Artista: Dj P.P.  
e Grupo  
Camelo /  
Álbum:  
Manilha, 2001.  
Vai a BG  
Vinheta da  
rádio: Rádio  
Catimbó!  
Vinheta do  
programa:  
Mensagens  
Sonoras! você  
nunca ouviu  
nada igual!  
Música de  
suspense  
Vai a BG



Entardecer do Raso da Jurema e Altino espalhando rádios sob a luz da lua.

E.V. - Caras e caros ouvintes estamos de volta. Antes de dar continuidade a este noticiário, pedimos a compreensão de todas e todos que nos escutam, sobre possíveis falhas ou confusão que venha ocorrer durante o programa de hoje. Isto porque, apesar da descoberta dos restos mortais ter ocorrido ontem, só tivemos acesso ao conteúdo que divulgaremos, há poucas horas.

Nossa equipe ainda está examinando esse material e, portanto, as informações que transmitiremos a partir de agora, estarão sendo divulgadas pela primeira vez.

Como já foi dito aqui, ontem, foi encontrado na localidade da Baixa da Égua, a mesma localidade de onde desapareceu o agricultor Altino Moreno, os restos mortais de um homem aparentando 50 anos de idade. Na verdade, só foi encontrado a cabeça. Isso mesmo, a cabeça do homem foi encontrada sem o corpo. Uma cabeça separada do corpo, sem nenhum vestígio de sangue, aliás sem nenhum sinal de vida. Quem vai nos trazer mais informações sobre este caso cheio de mistério é a repórter Abgail Silva:

A.S. - Olha Veludo, as informações que temos até o momento é que autoridades forenses ainda não conseguiram identificar o indivíduo, nem a quanto tempo o membro foi separado do corpo, devido a ausência de qualquer vestígio de vida no mesmo. Segundo descrições, o membro mais lembra uma cabeça de plástico... inerte... vazia de vida...

Junto a cabeça, foram encontrados vários objetos que tudo indica, pertenciam ao homem, como roupas e equipamentos de trabalho: gravador; câmera fotográfica, entre outros. Há pouco, nós falamos, sobre aparelhos, semelhantes a rádios que aparecem, a algum tempo, aqui no Vale do Silêncio, vocês lembram? Também havia vários deles entre os pertences.



Pesquisador examina um dos rádios misteriosos.



Imagem de um dos sonhos do pesquisador.

Mas, dos objetos encontrados junto a cabeça, o que mais nos revelou sobre este caso, foi um caderno contendo anotações e imagens. O conteúdo do caderno nos revelou inclusive, que a vítima realizava pesquisa com som. Vale lembrar que o Vale do Silêncio é uma referência em pesquisa sobre Acústica. É com você, Veludo.

E.V. - Obrigado Abgail. E só esclarecendo aos ouvintes que acústica é o ramo da física que estuda o som. A Amazônia, é um ecossistema que se estende por nove países: Brasil; Bolívia; Peru; Equador; Colômbia; Venezuela; Guiana; Guiana Francesa e Suriname.

O Vale do Silêncio, situado no noroeste da Amazônia brasileira, possui uma paisagem constituída por depressões, planícies e planaltos em curvatura, tudo coberto por floresta tropical. O solo daqui apresenta em sua composição, derrames vulcânicos e complexos rochosos com enorme potencialidade de depósitos minerários, tipo: ferro; manganês; alumínio; cobre; níquel; titânio; ouro; prata; nióbio; diamante...

Esse conjunto de ocorrências faz com que, todo som, aqui, reverbere com mais intensidade. O aparente silêncio do Vale, esconde vastas jazidas sonora. Aqui, sons de todo universo convergem, fazendo desse lugar o verdadeiro eldorado da escuta. Costuma-se dizer que o Vale do Silêncio é o ouvido da terra.

Caras e caros ouvintes, precisaremos fazer um breve intervalo, apenas o tempo suficiente para examinar melhor o conteúdo do caderno de anotações e as demais provas, inclusive uma gravação de som. Ainda temos muitas informações sobre este caso cheio de mistérios, não saiam daí.

Música: Mix Melody antigo, 2004/2005.  
Vinheta do programa: Mensagens Sonoras! você nunca ouviu nada igual!  
Música: Lambada complicada / Arista: Aldo Sena / Álbum: Aldo Sena, 1983.



Duas vistas aéreas dos restos mortais do pesquisador.

Vai a BG + efeitos de suspense

Estamos de volta com mais informações sobre o caso dos restos mortais de um homem encontrados ontem, aqui no Vale do Silêncio, Amazônia Brasileira, e que, agora, sabemos se tratar de um pesquisador.

Como ouvimos na reportagem de Abgail, antes do intervalo, dos objetos encontrados junto a cabeça do pesquisador, o que mais nos revelou sobre este caso foi um caderno. E o que há de tão revelador nesse caderno Abgail?

A.S. - Na verdade Veludo, este caderno é um tipo de diário de atividades de campo, nesse caso a maior parte de seu conteúdo são anotações da pesquisa sobre acústica e som. Mas, nas últimas páginas desse diário, imagens e relatos escritos, compõem uma sinistra narrativa dos momentos finais de vida deste homem...

E.V. - Sim Abgail, é uma história realmente assustadora e cercada de mistérios. E é justamente pela gravidade dessas informações que eu quero chamar atenção dos ouvintes, principalmente a quem passa a nos escutar a partir desse momento, de que o conteúdo que iremos

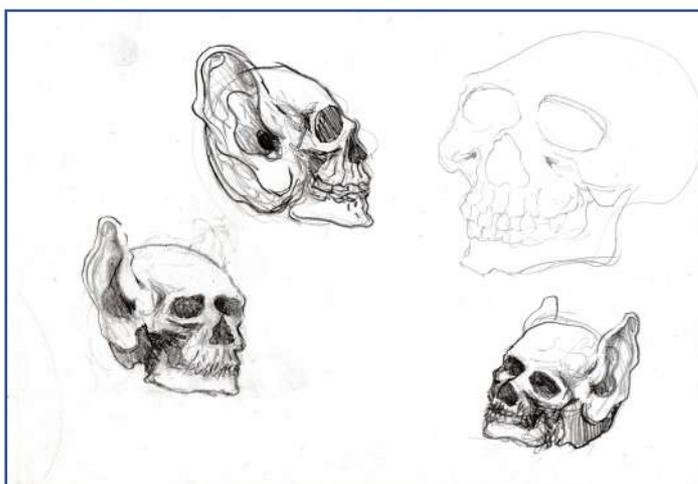
transmitir não é de nossa autoria, quero dizer, da Rádio Catimbó e sim anotações contidas no caderno encontrado junto aos restos mortais de um pesquisador na Baixa da Égua. E para que não se faça confusão, todas as anotações do caderno serão lidas pela repórter Abgail Silva, certo Abgail?

A.S. - Combinado Veludo.

E.V. - Pois bem, ouçam, na voz de Abgail Silva, uma das anotações do caderno:

*A.S. - “Nos últimos dias tenho tido sonhos medonhos, pesadelos que me fazem até evitar o sono. Por vezes, devido a fadiga, entro em estado de vigília e parece que sonho acordado. No sonho, encontro um crânio humano com uma grande orelha ossificada. Também vejo minha cabeça, separada de meu corpo sobre uma escada e ao lado uma criatura, não sei se humana, quase transparente de tão branca que tenta me dizer algo, mas tudo é silêncio. Esses sonhos se repetem e neles não há som algum, como se o mundo estivesse imerso em absoluto silêncio. Nas gravações de campo, tenho registrado sons estranhos e desconhecidos. Não parecem sons da natureza. São semelhantes a ruído de estática de rádio.*

*É difícil admitir, como homem de ciência e cético que sou, a existência de algo sobrenatural. A recorrência dos sonhos e a sensação de ser observado, vigiado o tempo todo, me levam a suspeitar que, este lugar está sendo invadido por uma espécie, muito distinta da no-*



Desenhos do caderno do pesquisador.

*ssa e que não conseguimos ver. Uma invasão lenta, invisível e silenciosa.”*

E.V. - Senhoras e senhores, como ouvimos na voz de Abgail, essas anotações, supõem que estamos sendo invadidos por forças sobrenaturais... de outro mundo...

A repórter Abgail Silva vai ler mais um trecho das anotações do caderno, vamos ouvir:

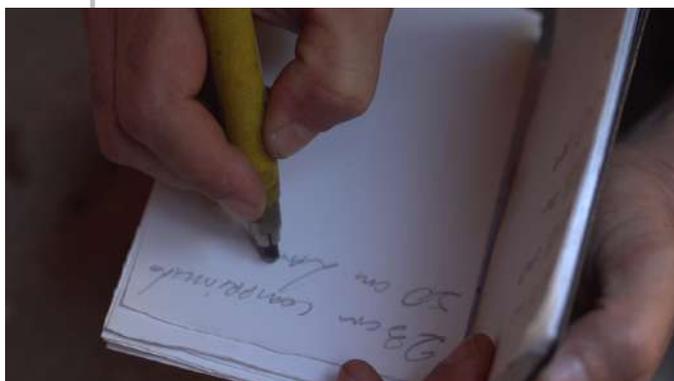
*A.S. - “Acredito ter descoberto algo muito importante, pelo menos algo real, ou fora do universo dos sonhos. Após repetidas escutas das gravações de campo, percebi que os sons estranhos, possuem elementos sonoros repetidos que podem conter uma mensagem, talvez uma tentativa de comunicação.”*

E.V. - Não saiam daí, porque na volta do intervalo, teremos mais informações sobre esse caso... voltaremos em instantes, apenas um sopro sonoro.

Música: Sodad  
/ Artista:  
Cezaria Evora  
/ Álbum: Miss  
Perfumado,  
1992. Vinheta  
da Rádio  
Catimbó.  
Vinheta do  
programa:  
Mensagens  
Sonoras! você  
nunca ouviu  
nada igual!



Caatinga do Raso da Jurema.



Caderno do pesquisador e formações rochosas do Vale do Silêncio.

Música de  
suspense  
Vai a BG

E.V. - Estamos de volta com a edição extraordinária de Mensagens Sonoras, que hoje traz a cobertura completa sobre os restos mortais de um homem encontrados ontem na Baixa da Égua, no Vale do Silêncio, Amazônia brasileira.

Caras e caros ouvintes, o que vamos divulgar agora são revelações realmente assustadoras, mas, ainda assim, aconselhamos que as crianças também escutem... e logo vocês entenderão porquê.

Ouçam mais um trecho das anotações do caderno do pesquisador, que Abgail vai ler agora.

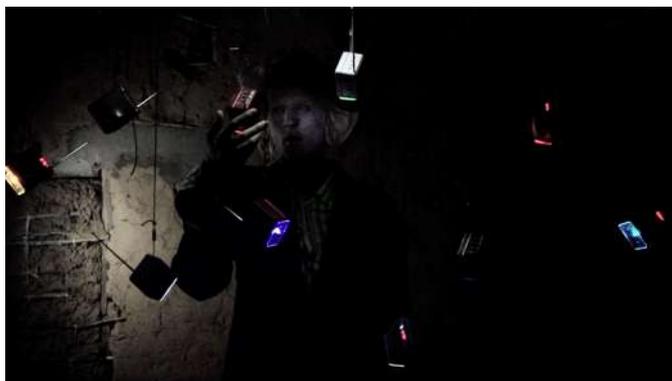
*A.S. - Neste momento sinto que minha vida corre perigo... a sensação de estar sendo observado me atormenta... apesar da perda gradativa da audição, consegui decodificar algumas frases das gravações de campo...*

E.V. - Atenção ouvintes! o que vamos transmitir em seguida, é, ao pé da letra, uma mensagem do outro mundo!

Muita atenção! Porque a partir de agora vocês vão escutar um som estranho, parecendo um ruído sem sentido, mas que, como relatado nas anotações do caderno, trata-se de uma mensagem alienígena, gravada e traduzida pelo pesquisador.

Enquanto escutamos o som da gravação, a repórter Abgail Silva fará a leitura da tradução. Vamos escutá-la:

Música tema do  
alienígena:  
Trilha incidental  
+ som de  
estática de  
rádio com  
efeitos  
incidentais.



Altino Moreno, já embranquecido, com aparelhos, semelhantes a rádios, em sua casa.

*A.S. – Estou em todas a partes, “onde vocês estão e também onde não estão...”*

*Vocês, não conseguem me ver, não existo como matéria sólida...*

*Minha existência se dá por ocorrências sonoras...*

*Escuto todos os sons, até os sussurrados nos confins mais remotos do universo...*

*Há muito tempo, escuto esse lugar e o seu barulho...*

*Vim atraído por sons fortes e repetitivos...*

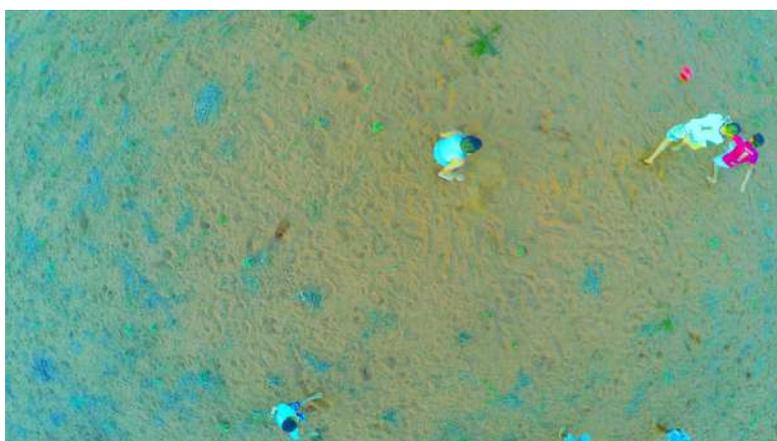
*Monoculturas sonoras de estrondos...*

*Contínuos blocos de estampidos marcam o ritmo...*

*Esse pequeno fragmento solar rodopiante, está vibrando...*

*De muito longe escutei o seu gemido cósmico...*

Sobe música  
tema do  
alienígena,  
agora  
marcado por  
sons de  
explosões.



Paisagem e vista aérea de meninos jogando futebol, no Raso da Jurema.

Musica: Música de suspense.



Desenhos do caderno do pesquisador.

Vai a BG  
Efeitos especiais

E.V. - Caras e caros ouvintes, o que dizer sobre as revelações que acabamos de ouvir, e sua importância para a humanidade, para nossa existência como espécie? Digo isto porque em sua última anotação, mesmo na iminência de desaparecer, o pesquisador nos deixou um precioso aceno de esperança. Escutem com atenção o que Abgail vai ler agora:

A.S. - Sim Veludo, é muito importante a atenção de todos, isto porque, em seus últimos escritos, o pesquisador fez as seguintes revelações:

*“...Deixo estas últimas linhas escritas, na esperança que estes relatos sejam encontrados e essas informações levadas ao conhecimento do mundo.*

*Só agora que já não escuto nada e só me resta apenas a cabeça, concluí, antes de desaparecer por completo que a única forma de enfrentar esse ser invisível e silencioso, é ter consciência de sua existência através da escuta...*

E.V. - É realmente assustador, minha gente, este sujeito, narrar o próprio desaparecimento... e sua última mensagem Abgail?

A.S. - Sim Veludo, são muitos mistérios, muitas dúvidas..., mas, na minha opinião, o enigma, ou a chave desse caso, está mesmo nessa última frase das anotações, que diz, que a única forma de enfrentar esse inimigo é criar consciência de sua existência, através da escuta.

E.V. - Concordo Abgail, e é também um grande desafio, já que a humanidade percebe cada vez menos o que não consegue ver, agora, quanto as dúvidas, temos muitas!

A.S. - Sim Veludo, pra começar: o que terá acontecido a Altino? E o pesquisador, o que terá acontecido ao corpo? E por que só foi encontrado sua cabeça?

E.V. - Mas não podemos esquecer, Abgail e ouvintes, que não está em nosso destino desaparecer. Há quinhentos anos, resistimos a invasões, aqui já se nasce na resistência.

Nossos ouvintes do Raso da Jurema, pelo visto, devem ter muita coisa pra falar, pra perguntar, depois dessa estória incrível que acabamos de relatar. Iremos para um breve intervalo e logo voltaremos com o quadro: “Alô ouvintes”, última parte do programa de hoje. E como vamos conversar com o povo do Raso da Jurema, vamos tocar um coco da terra para abrir as ideias.

## Música:

Galinha Zabelê /

Artista: Grupo Coco Raizes de Arcoverde / Álbum: Godê Pavão, 2003.

Vai a BG

Vinheta da Rádio Catimbó Aqui e agora, falando direto do Vale do Silêncio, Amazônia brasileira. Vinheta do programa: Mensagens Sonoras! você nunca ouviu nada igual! Sobe música

vai a BG

Vinheta do quadro “Alô ouvintes, a voz do Raso”

Som de chamada telefônica



Duas imagens noturnas de Altino Moreno. Na de baixo, é possível ver com nitidez, a presença de um objeto não identificado.

Estamos nos encaminhando para o final do programa de hoje e como sempre transmitiremos o quadro “Alô ouvintes”, conversas com o nosso povo do Raso da Jurema.

E.V. - *Alô, quem fala?*

D.B. - *Bom dia Veludo, meu nome é Berenice.*

E.V. - *Boa noite dona Berenice!*

D.B. - *É mesmo meu filho, já é noite... é porque eu tô muito é “aperreada”, num sabe...*

E.V. - *Fique calma dona Berenice, o que está lhe “aperreando” tanto?*

D.B. - *Olhe meu filho, eu tô falando aqui da Grota seca. Eu tenho uma sobrinha, o nome dela é Piedade, ela mora na comunidade de Nazaré. Ela chegou aqui toda apavorada, dizendo que a família Solano, que era vizinha dela, desapareceu, teve essa mesma doença, que...*

E.V. - *Olhe dona Berenice, desculpe lhe interromper, veja, fique tranquila, porque essa História que noticiamos no programa de hoje, está acontecendo longe do Raso da Jurema, lá... quer dizer, aqui na Amazônia, num lugar chamado Vale do Silêncio, onde estamos...*

D.B. - *Eu sei meu filho, mas Piedade disse que isso tá acontecendo aqui também, que a família Solano, eles foram ficando moco e ficando branco, assim, muito alvo mesmo, até que desapareceram. Sumiram os três, pai, mãe e filho. Eles eram muito trabalhadores, os três. Reja disse que o povo de Nazaré tá morrendo de medo, que ninguém chega nem perto da casa que eles moravam. Ela disse... corre o boato... tem mais gente com... diz que... desaparecendo... gente...*

Som de ligação telefônica encerrada  
Silêncio  
Ruídos: móveis arrastando, porta batendo, estática de microfone, vozerio  
Silêncio  
Ruído de estática de rádio.



Galinheiro de uma casa no Raso da Jurema. Em primeiro plano, um dos aparelhos, semelhantes a rádios, que foram encontrados por todo o Vale do Silêncio.

Vocês acabaram de ouvir pela Rádio Catimbó, o programa **Mensagens sonoras**. Nossa equipe segue suas buscas por mais mensagens sonoras, deste e de outros mundos.

Nós vamos ficando por aqui, lembrando a vocês que em nossa próxima atração transmitiremos o programa “**Histórias d’escutas**”, mais um oferecimento **Incensom**.

Nossa trilha sonora teve presença especial do pesquisador independente em psicoacústica, compositor, improvisador, artista sonoro, Telmo Cristovam.

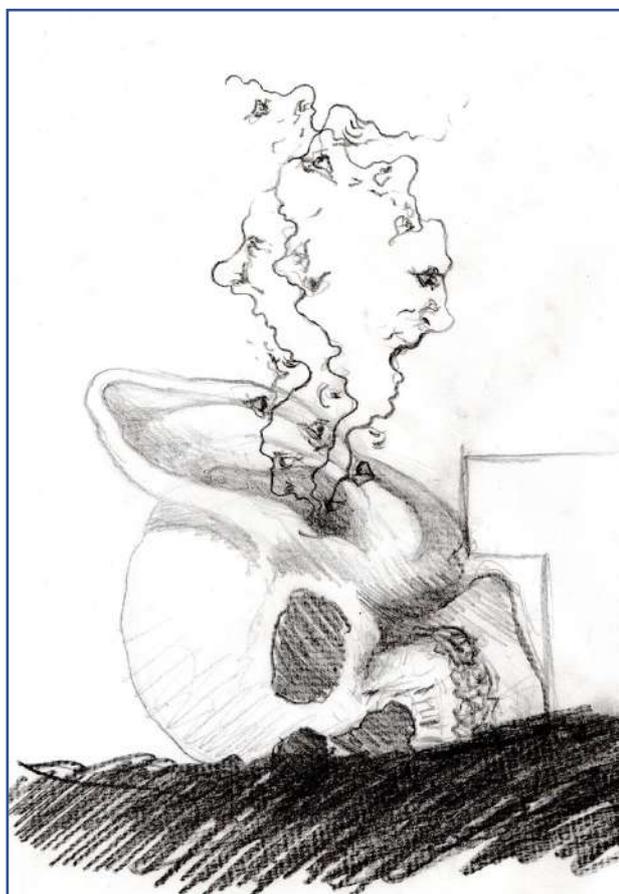
Na Técnica: Carolina Lima.

Na locução: Cláudia Leão e eu, Elsom Veludo.

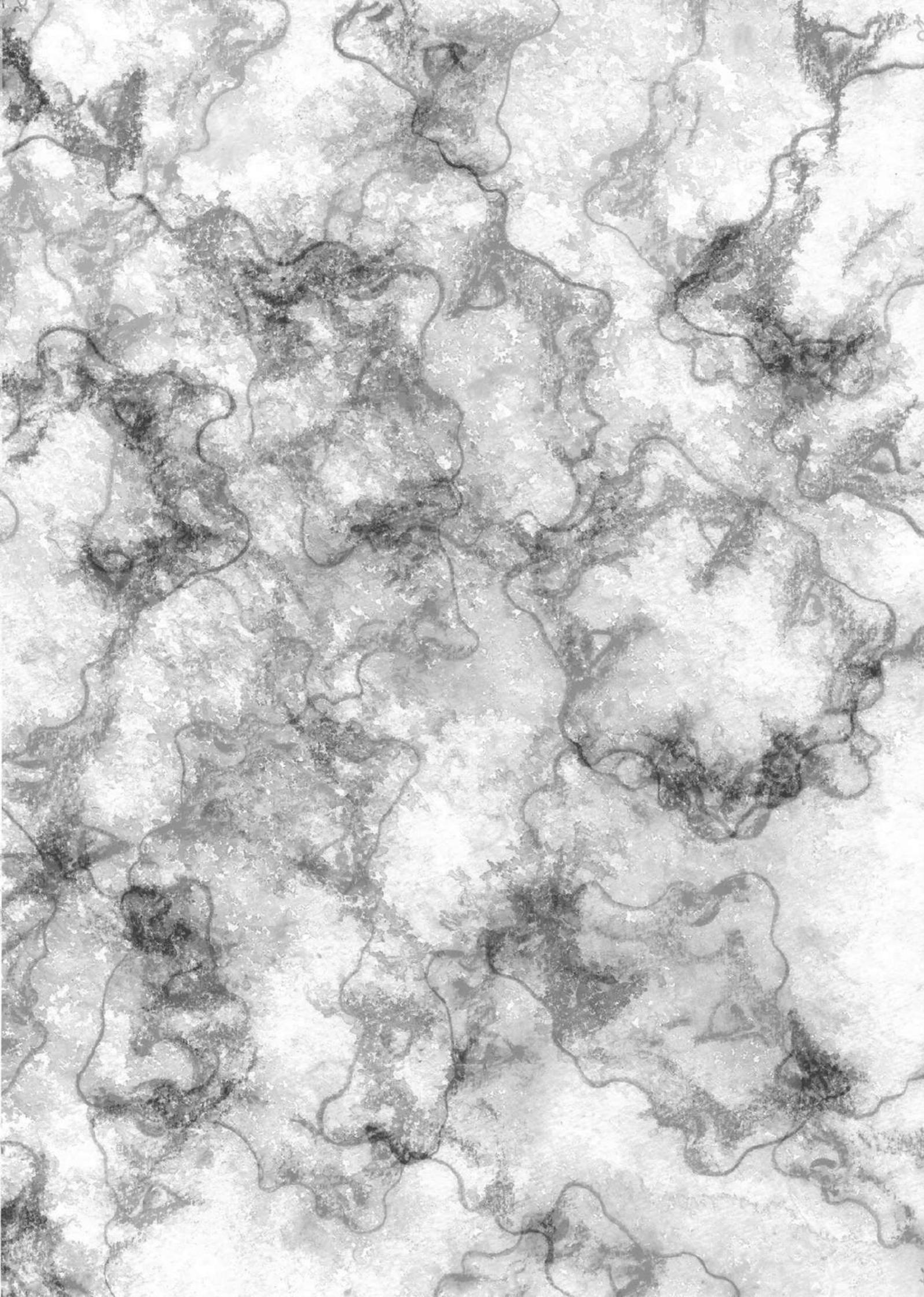
Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

Viva H. G. Wells!

Sobe a música



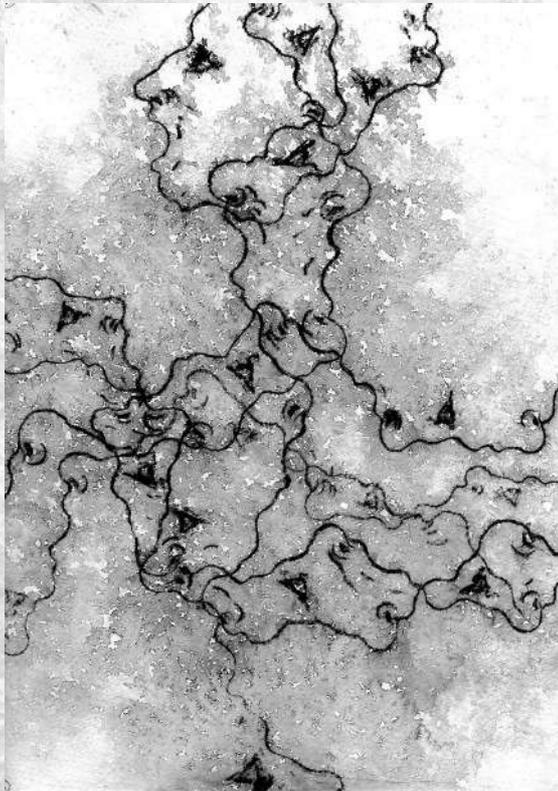
Desenho do caderno do pesquisador.





**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Histórias d'escutas**



**RÁDIO CATIMBÓ**



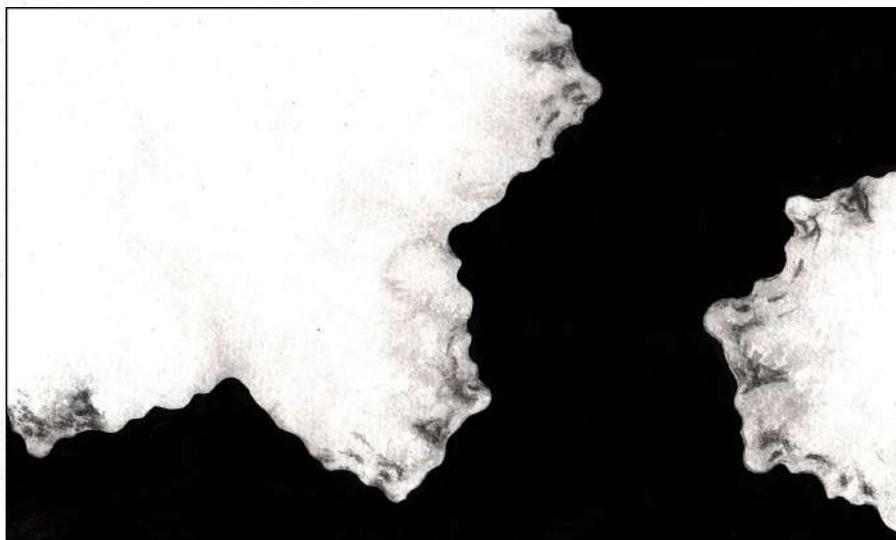
## Histórias d'escutas



Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó!  
Música:  
Hermeto /  
Artista:  
Hermeto Pascoal /  
Álbum:  
Hermeto, 1970.  
Vai a BG  
Vinheta da rádio: Catimbó!

Música extra:  
toque de Exu

Vinheta do programa:  
histórias d'escutas  
Sobe música  
Vai a BG



E.V. - Boa noite ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, trazendo para vocês o programa **Histórias d'escutas!** Um oferecimento **Incensom!**

**Incensom** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú<sup>1</sup> abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!

E.V. - **Histórias d'escutas** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente compartilham as escutas desses **Cantos de aparições:**

A Cláudia Leão; José Viana; Charles Trocate; Zélia Amador de Deus; Arthur Leandro - Tata Kinambogí, Delen de Castro, Luah Sampaio, Leuza Munduruku, Beth Trocate; sr. Domingos; Lailson Ferreira; a comunidade do assentamento Palmares e as autoras e autores consultados e citados neste programa.



Técnica

Linha do tempo

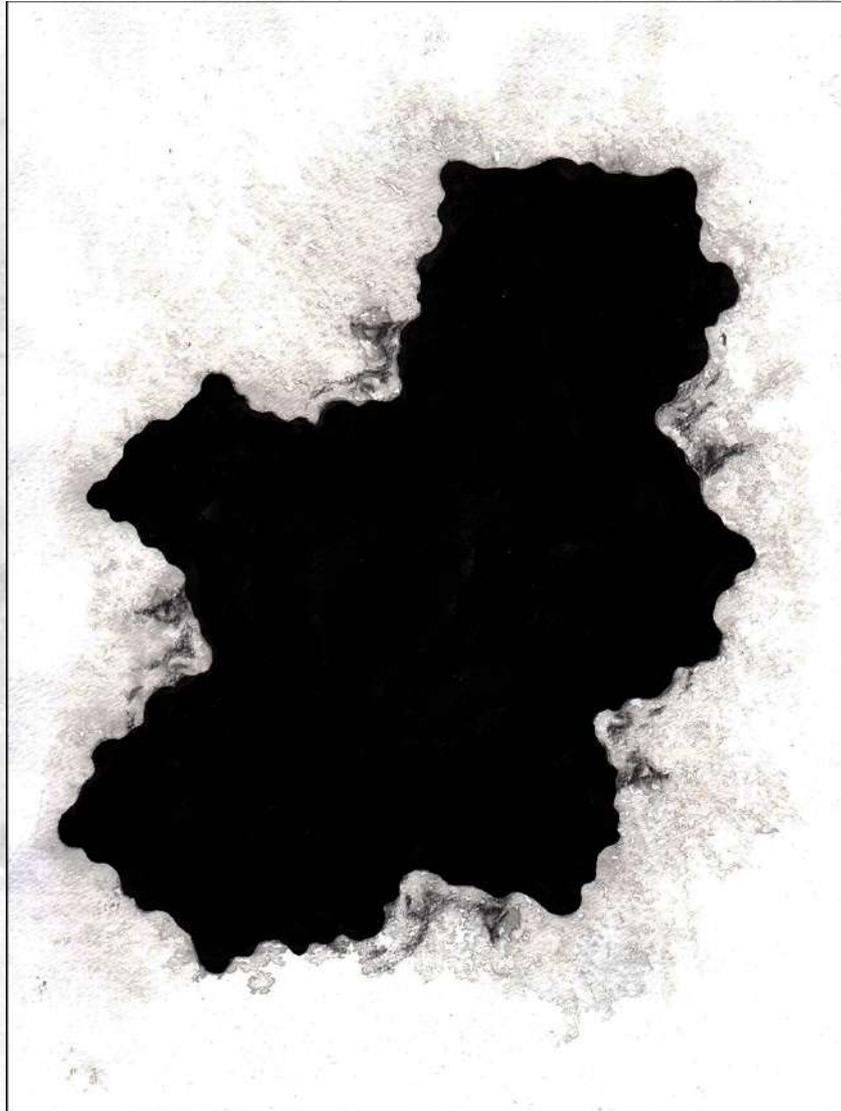


Locução

Histórias d'escutas

[117]

Vinheta da  
Rádio  
Catimbó.  
Vinheta do  
programa:  
História  
d'escuta!  
Música: Slaves  
Mass/ Artista:  
Hermeto  
Pascoal /  
Álbum: Slaves,  
1977.



Vai a BG

No programa **Histórias d'escutas** estaremos transmitindo, escutas de “fantasmas” ocultos da modernidade Ocidental. É importante observar que, fantasma aqui, se refere a algo que aparentemente está morto, que é passado, mas que, de alguma forma, por alguma razão, se mantém vivo, oculto, e se atualizando no presente.

E.V. - Iniciaremos o programa com o nosso editorial, na voz desse que vos fala:



Há alguns dias, foi enviado, aqui para a rádio, um envelope contendo uma fita cassete e uma carta. No envelope não havia informação alguma sobre seu remetente, apenas as palavras escritas a mão: “Criado-mudo”<sup>1</sup>.

Vou ler o que está escrito na carta e em seguida escutaremos a gravação da fita:

*Ao programa Histórias d'escutas,*

*Tenho uma loja de objetos usados, uns antigos, outros, como costuma-se dizer, que saíram de moda. Em uma noite silenciosa, dessas que é possível deitar o silêncio no colo, pude escutar ruídos vindo do porão. Não dei muita importância, pois o único acesso ao lugar, é por dentro da casa. Uma dedetização pra ratos resolveria, pensei... nada mais. Os ruídos foram ficando mais intensos, até que percebi ser o som de vozes, mas de quem? Não aguentei a curiosidade e fui verificar. Circulei entre sofás, mesinhas, lustres, cadeiras, bem devagar. Fiquei algum tempo escutando, até que uma voz quebrou o silêncio:*

*- ... aqui... ao lado da escada...*

*Voltei pra escada de acesso, e vi, atrás de uma cristaleira, uma mesinha de cabeceira... era dela que vinha a voz. Sem acreditar no que ouvia, examinei minuciosamente o objeto e concluí que a voz não saía dela, mas a atravessava, vinda de algum lugar. Esta mesinha é um portal sonoro... concluí. Usei um dos meus velhos gravadores para registrar a fala que compartilho agora com vocês. A gravação não é lá essas coisas, mas com paciência dá pra escutar.*

*E agora caras e caros ouvintes, vamos transmitir a gravação, da fita cassete, ouçam com atenção:*



Música de  
terror Efeitos  
de suspense

*- Sou eu mesmo que estou falando... você deve estar se perguntando, por que uma mesa falaria, afinal objetos não falam, não é mesmo? Por hora, esqueça a lógica e só escute a história que vou lhe contar.*

*Do século XV ao XIX, homens e mulheres originários da África e da América, foram escravizados, transformados em objeto, mercadoria e moeda. Foram aprisionados no “calabouço das aparências”.*

*Isto aconteceu no período das navegações atlânticas, quando uma pequena província do planeta, chamada Europa se instalou progressivamente numa posição de comando sobre o resto do mundo.*

*O projeto da colonização, ou as invasões de territórios, roubo de riquezas, escravização e massacre dos povos originários, foi realizado por homens brancos, europeus e cristãos.*

*Em 350 anos, mais de 12,5 milhões de cativos africanos foram embarcados em navios negreiros, para as Américas, no maior êxodo forçado do planeta.*

*Desembarcaram no Brasil, cerca de cinco milhões de escravizados. Essa tragédia humanitária, foi, na verdade, um grande empreendimento financeiro que, para se tornar viável lançou mão desses corpos para se realizar.*

*A lei garantia aos proprietários de escravizados, o total domínio sobre seus corpos, sobre quem deveria viver e quem deveria morrer. Estes corpos eram submetidos aos mais perversos castigos de torturas físicas e emocionais que os marcaram na alma, na pele, nas vísceras, nos ossos, com as dores sofridas por anos de torturas, estupros e humilhações.*

*O Brasil, foi o último país colonizado a abolir a escravidão, mas só teoricamente, pois não houve qualquer projeto de inserção para os libertos... criminosamente, foram abandonados.*



*No Brasil, pessoas negras e indígenas, são as mais discriminadas, as mais odiadas e desprezadas, as que morrem mais cedo, compõem a maioria da população carcerária e os mapas da violência do país, uma violência entranhada no dia-a-dia, em chacinas nas áreas periféricas das cidades, em rebeliões de presídios, ou em batidas policiais de rotina. O ódio a pessoas negras ou indígenas, hoje, é o mesmo ódio e desprezo devotado ao escravo de antes. No Brasil, o racismo é estrutural, tem uma cara pública evidente e é praticado também pelo estado e pelas instituições, tanto em ambientes privados, quanto públicos.*

*Quanto a minha fala, eu posso explicar: Você sabe por que móveis como este, de onde falo agora, são chamados de criado-mudo? Sabia que só no Brasil isso acontece?*

*O nome criado-mudo, vem de criado de alcova, uma categoria de escravizado, que servia para atender demandas íntimas... coisas de alcova que não podiam ser reveladas, e por isto, arrancavam sua língua. O silenciavam. Este nome tem origem entre as classes média e alta, para preencher simbolicamente a ausência do escravizado.*

*Este nome é uma memória da história infame que lhe contei, um fantasma que habita o cotidiano. Imóvel e silencioso, o criado-mudo quase não é percebido, a não ser quando alguém fala, criado-mudo e alguém escuta, criado-mudo.*

*Sua permanência é uma prova material e linguística da tragédia da subjugação que permanece... silenciosa. O termo criado-mudo figura em qualquer dicionário de língua Portuguesa do Brasil.*

Caras e caros ouvintes, vocês acabaram de ouvir em nosso editorial, um caso de aparição sonora no programa **Histórias d'escutas** pela sua Rádio Catimbó.

Iremos para um breve intervalo, apenas um sopro sonoro. Já, já, voltaremos com mais **Histórias d'escutas**.



Vinheta da  
Rádio  
Catimbó.  
Música: Zumbi  
/ artista:  
Jorge Bem Jor  
/ Álbum:  
Tabua de  
esmeralda,  
1973.  
Vinheta do  
programa;  
Histórias  
d'escutas!  
Vai a BG

Música: So  
what / Artista:  
Miles Davis /  
Álbum: So  
what, 1958.

E.V. - Alô ouvintes, estamos de volta e convidamos vocês a compartilhar nossas escutas, e que esta partilha seja um chamado, uma invocação, a aparições sonoras. Nosso programa é mesa de catimbó que faz baixar pras bandas de cá, **Histórias d'escutas**.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos.

Por serem invisíveis, essas Histórias serão reveladas no ato, ou tecido da escuta. Escutaremos os fantasmas que habitam as ruínas do processo de expansão do colonialismo, ruínas que não param de se multiplicar, de onde não cessa de emergir novos fantasmas. Para escutá-los, advertimos, se faz necessário o silêncio. Vamos começar ouvindo alguns sinais:

A escuta do tempo que não esquece mais...

A escuta da degradação, da brutalização, da desumanização.

A escuta dos instintos soterrados

A escuta da cobiça, da violência, do ódio racial, do relativismo moral.

A escuta da gangrena instalada, das punições impetradas, da barbárie suprema, da cumplicidade tolerada.

A escuta que goteja, que escorre, que penetra, que engole águas avermelhadas... rios de Kerinde.

A escuta da carnificina, do deleite melancólico, da colheita de orelhas, do sangue fumegante.

A escuta do fantasma de cada dia, invisível, *numerizado*.

A escuta dos escândalos abafados, das expedições punitivas, das chacinas nas periferias das cidades.

A escuta da América de Galeano.

A escuta:



Das pulgas que sonham, do dia do mágico, da boa sorte que não chove ontem, que não chove hoje, que não chove amanhã, dos pingos que caem do céu da boa sorte.

Dos ninguéns, dos filhos de ninguéns, dos donos de nada, dos nenhuns, dos que correm soltos, dos que morrem a vida, dos fodidos e mal pagos, dos que são embora não sejam.

Dos fantasmas que, falam dialetos e não idiomas, praticam superstições e não religiões, dos que não fazem arte, fazem artesanato, não tem cultura, e sim folclore.

Dos que não são seres humanos e sim recursos humanos, não tem cara, têm braços;

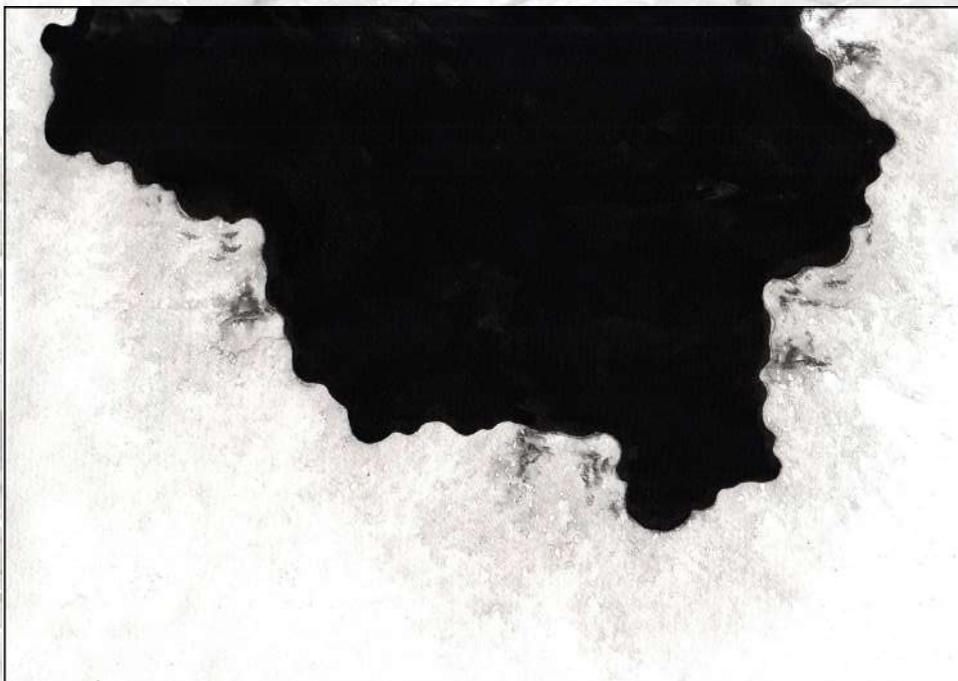
Dos que não tem nome, têm número.

Dos que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Dos ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

(GALEANO, p. 71, 2018)

Música: Nêgo  
Dito / Artista:  
Itamar  
Assunção /  
Álbum: Beleleu  
e Banda Isca de  
Polícia.  
Vinheta da Rádio  
Catimbó.  
Vinheta do  
programa:  
História  
d'escuta.  
Música:  
Gentleman /  
Artista: Fela Kuti  
/ Álbum: The  
best of the Black  
President



Vai a BG

E.V. - Caras e caros ouvintes, estamos de volta.

Vocês devem lembrar que, no final do primeiro programa da série Cantos de Aparições, **Eu já escuto teus sinais**, falamos sobre a supre-



macia da visão na construção do conhecimento da civilização Ocidental - a civilização da imagem, e como este olhar cria invisibilidades convenientes ao seu domínio.

vocês lembram? Voltamos no tempo e fizemos um pequeno recorte, vamos ouvir:

“Civilização da imagem não significa somente ver e produzir imagens, mas também projetar imagens onde elas não estão visualmente presentes, atribuir-lhes valores - o olhar é uma categoria política e um poderoso dispositivo de poder. Foi a partir do olhar que o ocidente criou um de seus fantasmas mais ocultados - a raça e o racismo.”

Agora vamos escutar, sobre algumas dessas invisibilidades, das ruínas desse processo, onde habitam os fantasmas que nos referimos a pouco. O colonialismo está presente em nossos corpos como um *vírus*, em muitos casos, sem que percebamos.

Para começar, vamos escutar Eduardo Galeano, sobre as faces visível e invisível do colonialismo:

O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser (GALEANO, p. 157, 2005).

Muita gente fala em colonialismo como algo passado, mas ele está em curso agora. O sistema capitalista, neoliberal ou como se queira chamar, é só outro nome dado ao sistema colonial. Ele permanece como uma máquina de produzir fantasmas, seja pelo apagamento de narrativas, ou pela imposição de narrativas em favor do colonizador, inclusive de sua aparente inexistência. Sua lógica domina a produção global de conhecimento e continua a ser reproduzida nas instituições, escolas, faculdades, meios de comunicação, produções artísticas; ela

define nossos hábitos, percepções e relações. Desde que nascemos e entramos na escola, esta lógica nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração; nos apresenta, como principal sentido de ser, a conquista individual, nunca a coletiva; nos prepara para a concorrência e nunca para colaboração. É ela que nos incute, desde cedo, a noção de propriedade, de cercas e muros, físicas e simbólicas, de privilégios que nos diferencia dos outros. Os outros, na lógica colonial, são os ninguéns, os invisíveis, os desumanizados, os que não tem muitas opções, entre viver e morrer. Ela nos induz à prática da não escuta ou da escuta seletiva, que se ergue como limite de garantia de distanciamento desses Outros, dos ninguéns. O Outro nessa lógica, é alçado ou rebaixado, a categoria de inimigo e é percebido como um atentado contra minha vida, ou, nas palavras do filósofo camaronês Achille Membe, uma “ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança.” (MBEMBE, 2018)

E por que tanto medo?

Há pouco falamos de ruínas e abismos do colonialismo, que não param de se reproduzir. Nessas ruínas e abismos, simula-se distanciamentos, se distorcem olhares, se criam inimigos, se impede escutas. Esses abismos, em alguns casos, servem de esconderijos onde se ocultam diversos crimes de roubo e apropriação, como: a astronomia; descoberta pelos Assírios; a invenção da aritmética; da geometria e da perspectiva ótica pelos árabes, o nascimento da química pelos os egípcios. Esta civilização, auto proclamada, berço do racionalismo, ocultou em seu esconderijo, a existência anterior, do racionalismo no Islã. Mas quando se pratica a aniquilação do outro, da diversidade em nome da supremacia, também se enfraquece, e isto gera novas ruínas e novos fantasmas.

Neste momento, ouvintes, “Monólogo ao pé do ouvido”, da Nação Zumbi, cabe perfeitamente como nota:



“O orgulho, a arrogância, a glória, enchem a imaginação de domínio.  
São demônios, os que destroem o poder bravo da humanidade.

Viva Zapata!

Viva Sandino!

Viva Zumbi!

Antônio Conselheiro!

Todos os Panteras Negras!

Lampião, sua imagem e semelhança!

Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.

(NZ, 1994)

A colonização, desumaniza até o homem mais civilizado. O capitalismo, ou empreendimento colonial, é fundado no desprezo pelo colonizado e justificado por esse desprezo, mas inevitavelmente, tende a modificar, também quem o empreende. O colonizador, ao desumanizar o outro, tende, ele próprio a se desumanizar. Sobre tal processo, vamos escutar Paulo Freire:

...instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca (FREIRE, p. 62, 2007).

O caso de aparição sonora que ouvimos em nosso editorial, nos contou uma história de desumanização, com precedentes no período da escravidão, uma história de necropolítica.

Mais uma nota ouvintes:

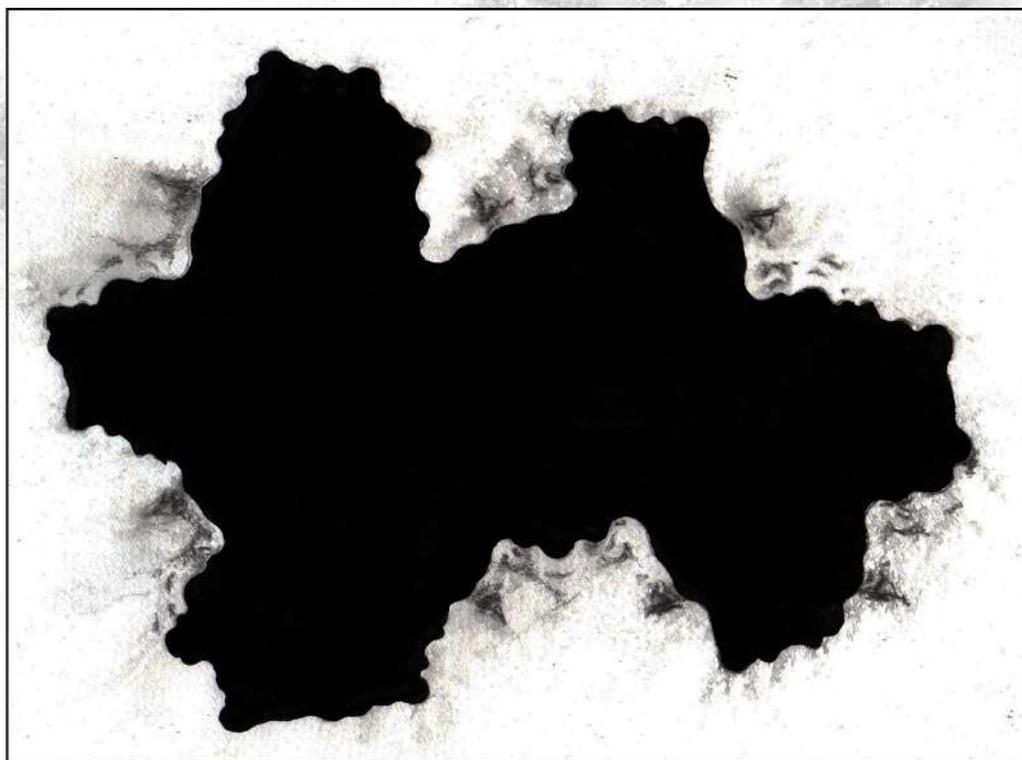
Necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, ou quando “deixar morrer” se torna aceitável; é quando se nega a humanidade do outro, quando toda e qualquer violência se torna possível, da agressão até a morte. Achille Mbembe vê na escravidão colonial uma expressão de necropolítica, que desde então, veio se aprimorando em diversas situações do mundo moderno. Vamos ouvi-lo:



As premissas materiais do extermínio nazista podem ser encontradas no imperialismo colonial, por um lado, e, por outro, na serialização de mecanismos técnicos para conduzir a morte – mecanismos desenvolvidos entre a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial (MBEMBE, p. 21, 2018).

Ainda hoje, estratégias de dominação, captura, aprisionamento, exploração, e extermínio de corpos negros e indígenas, seguem sob a mesma necropolítica do colonialismo. No Brasil essa é a política praticada pelo estado, nas periferias das grandes metrópoles, nos conflitos agrários dos rincões do Brasil, nos morros, nas favelas, nos que vivem nas franjas do sistema; excedente populacional que compõe a reserva de mão de obra escrava contemporânea; “a carne mais barata do mercado”.

Vinheta da Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa:  
História d;escuta!  
Música:  
Monólogo ao pé do ouvido –  
Banditismo por uma questão de classe / Artista:  
Chico Science e Nação Zumbí /  
Álbum: Da lama ao caos, 1994.





Vai a BG

E.V. - Caras e caros ouvintes, estamos de volta, após o intenso sopro sonoro dos tambores da Nação Zumbi. Depois de muito relutar, chegamos à conclusão da necessidade de incluir no programa, um fragmento do “Discurso sobre o colonialismo” do poeta Aimé Césaire. Dado a sua extensão, pedimos a vocês um pouco de paciência, acreditem, vai valer a pena. Vamos ouvi-lo:

“O empreendimento colonial é, no mundo moderno, o que foi o imperialismo romano no mundo antigo: o preparador do desastre e o precursor da catástrofe. Do que? Os índios massacrados, o mundo mulçumano espoliado, o mundo chinês por um bom século conspurcado e desnaturado; o mundo negro desqualificado; vozes imensas para sempre extintas; lares espalhados ao vento; todo esse estrago, todo esse desperdício, a humanidade reduzida ao monólogo, e você acredita que tudo isso não tem um preço? A verdade é que a perda da própria Europa está inscrita nessa política, e que a Europa, se não for cuidadosa, perecerá do vazio que causou ao seu redor.

Acreditava-se que apenas índios, hindus, oceânicos ou africanos fossem mortos. Na verdade, as barreiras de proteção sob as quais a civilização europeia poderia desenvolver-se livremente foram sendo derrubadas uma a uma.

Sei de tudo o que há de falacioso nos paralelos históricos; neste que vou esboçar, em particular. Contudo, permita-me aqui copiar uma página de Quinet<sup>03</sup> pela parte não negligenciável da verdade que ela contém e que merece meditação. Aqui está:

*“pergunta-se por que a barbárie irrompeu repentinamente na civilização antiga. Creio que posso responder. É espantoso que uma causa tão simples não salte à vista de todos. O sistema da civilização antiga consistia em um certo número de nacionalidades, em pátrias que, embora parecessem inimigas, ou mesmo que se ignorassem, protegiam-se, apoiavam-se e guardavam uma às outras. Quando o Império Romano, crescendo, se pôs a conquistar e destruir esses corpos de nações, os sofistas deslumbrados pensavam ver, no final dessa estrada, a humanidade triunfante em Roma. Falou-se em unidade da mente humana, o que não passou de um sonho. O fato é que essas nacionalidades eram avenidas que protegiam a própria Roma (...). quando, portanto, Roma, nessa pretensa marca triunfal rumo à civilização única, destruiu, uma após outra, Cartago, o Egito, a Grécia, a Judeia, a Pérsia, a Dácia, e a Gália, aconteceu de ela mesma haver devorado os diques que a protegiam contra o*



*oceano humano sob o qual viria a perecer. O grandioso César, esmagando a Gália, só abriu caminho para os Germanos. Tantas sociedades, tantas línguas extintas, cidades, direitos, casas destruídas, criaram um vazio ao redor de Roma e, onde os bárbaros não chegaram, a barbárie nasceu por si própria, os Gauleses destruídos foram transformados em hordas errantes. Assim, a queda violenta, o progressivo extermínio de cada cidade, causou o colapso da civilização antiga. Esse edifício social era sustentado pelas nacionalidades como que por colunas diferentes de mármore ou pórfiro. Quando destruíram, sob os aplausos dos sábios da época, cada uma dessas colunas vivas, o edifício caiu por terra, e os sábios dos nossos dias ainda perguntam como foi possível criar-se, de repente, ruínas tão grandes!” (CÉZAIRE, p. 74, 2020)*

Como acabamos de ouvir, em alta frequência de boniteza e com participação de Edgar Quinet, Aimé Cézaire, fez um paralelo histórico entre o declínio da civilização Ocidental europeia e a civilização romana, e o quanto a criação de vazios em torno de si, de isolamento, de imposição do monólogo, pode representar perigo a uma civilização. Também vamos propor um paralelo. Talvez corramos um risco até maior de incorrer em falácia, do que temia Cézaire, pois o nosso paralelo não é entre períodos históricos, mas entre as ações da colonização Ocidental no planeta, suas marcas no corpo da terra e o iminente desastre civilizatório da humanidade. Nossa proposição, também parte da constatação de como a criação de vazios e abismos em torno de si, a eliminação de diversidade, implantação de monoculturas, a padronização de sistemas de produção e comportamento, tem colocado em risco, não uma civilização, mas toda espécie humana.

Veremos como a separação, o *desacoplamento* humano da natureza, a concepção do planeta terra, não como um organismo vivo, do qual somos parte, mas um depósito de recursos inesgotáveis, estão relacionados às ações coloniais e o surgimento de pandemias, como a da Covid-19. Após um breve intervalo voltaremos com mais **Histórias d'escutas**, não saiam daí.





Vinheta da  
Rádio Catimbó.  
Vinheta do  
programa:  
História  
d'escuta!  
Música 07:  
Sulamericano /  
Artista:  
BahianaSystem  
e Mano Chao /  
Álbum: O futuro  
não demora,  
2019.



Vai a BG

E.V. - Caríssimas e caríssimos ouvintes estamos de volta. Nossa intenção, neste bloco do programa, é refazer, em paços rápidos, o que seria uma possível trilha da humanidade rumo ao antropoceno. Durante grande parte da história humana, o ritmo de crescimento populacional e o nível de consumo de energia não se modificaram. Este ritmo era determinado pelo fato de os humanos só disporem de mecanismos de produção de energia naturais como o vento, água e combustíveis orgânicos. No final do século XVII, o escocês James Watt aperfeiçoou a máquina a vapor, tornando possível uma maior eficiência no processo de geração e aproveitamento de energia. Esta invenção, marcou o início da Revolução Industrial. Para a grande maioria, esse evento marca, também, o início do Antropoceno, ou a influência humana sobre o planeta que passou a impactar permanentemente a terra, a ponto de justificar a adoção de uma nova era geológica, caracterizada pelas atividades humanas.

Atenção ouvintes, uma nota aqui se faz necessário!

A Revolução Industrial foi resultado de grandes investimentos financeiros da época, e o que viabilizou tais investimentos, foram as colonizações ou a equação: sistema de Plantation e mão de obra escrava. Percorrendo as Veias Abertas da América Latina, escutaremos Eduardo Galeano: “Graças ao sacrifício dos escravos no





Caribe, nasceram a máquina de James Watt e os canhões de Washington”. É preciso colocar nessa conta o saque da prata boliviana de Potosí e o ouro brasileiro de Vila Rica, só para citar duas, das maiores fontes na origem do acúmulo de capital que financiou a Revolução Industrial na Inglaterra.

Voltando às grandes transformações trazidas pela Revolução Industrial, pela primeira vez era possível ter acesso à energia suficiente para gerar fertilizantes a partir do nitrogênio atmosférico, o que permitiu uma elevação sem precedentes da produtividade de terras agrícolas; a outra transformação veio dos avanços da medicina, que garantiu um grande aumento das populações humanas a partir da criação de artifícios tecnológicos de prolongamento da vida, possibilitando a proliferação incontrolável dos humanos pelo planeta. Escutemos a fala de Ailton Krenak sobre os artifícios humanos para lidar com a morte:

A ciência e a medicina criaram uma extensão da vida com mil aparelhos, mas deixando de fora a escolha das pessoas de viver dentro do ciclo da vida e da morte que a natureza proporciona. E assim, foram ampliando essa possibilidade de os humanos se proliferarem no planeta ocupando-o de maneira incontrolável. Continuamos usando todos os artifícios da tecnologia, da ciência, para endossar a fantasia de que todo mundo vai ter comida, todo mundo vai ter geladeira, todo mundo vai ter hospital e todo mundo vai morrer mais tarde. As pessoas hoje em dia querem nascer em hospitais e depois viver blindados quanto à possibilidade de morrer. Isso é uma falsificação da vida. Se queremos mudar nossos hábitos de alimentação, podemos pensar também em mudar nossos hábitos de nascer e morrer (KRENAK, p. 62-63, 2020).

A civilização Ocidental transformou a vida em sobrevida. Criou uma super-população, com direito a estoque de excedente, que alimentam a voracidade do próprio sistema, que possibilita a escolha de quem deve viver e quem deve morrer, e que, ao mesmo tempo o mantém se multiplicando como os vírus.





Estes artifícios tiveram como consequência uma grande aceleração do crescimento da população que entre os anos de 1950 e 2000, aumentou de três bilhões para seis bilhões de pessoas e o número de automóveis passou de 40 milhões para 800 milhões. O consumo dos mais ricos se destacou do restante da humanidade, também pela difusão de tecnologias inovadoras que catalisaram um vasto processo de consumo de massa. A vida foi transformada em um shopping e para produzir tantos bens de consumo, os humanos trituram montanhas, furam o corpo da terra, envenenam as águas; para alimentar tanta gente, transformaram a terra em um planeta fazenda de monoculturas. O agronegócio tem como objetivo monopolizar o mercado de alimentos. Repetimos: o projeto neoliberal, que é só um outro nome dado ao projeto colonial, está organizado, como sempre esteve, de forma que, empresas sediadas em países ricos roubem as terras e demais recursos dos países pobres, ou os explorem em sistema de enclave.

Perguntas ouvintes:





Por que tendo consciência que a natureza é finita, a humanidade, se quer diminuir o processo de destruição do planeta?

Não, os humanos não dão sinais de ter intenção de mudar. São cada vez mais frequentes e comuns, missões espaciais ocorrerem em direção a Marte. A ideia é construir um hotel e colonizar o planeta vermelho. É inacreditável, que os humanos pensem em renunciar a vida aqui, para viver em outro planeta. Nosso corpo, nossa anatomia, nosso funcionamento foi todo feito para a terra, somos parte dela. E o mais assustador, colonizar outros planetas, como bem alerta Ailton Krenak, faz dos humanos “uma peste cósmica.” É que agora, com as tragédias climáticas, a humanidade, que tanto discrimina, é a espécie discriminada da vez, e em nossa eventual extinção, o corpo da terra e suas formas de vida seguirá existindo. Para Krenak, “quem está em pânico são os humanos e seu mundo artificial, [foi o] seu modo de funcionamento que entrou em crise.” (KRENAK, p. 81, 2020) O mais provável é que, se nós humanos, desaparecermos, a terra irá continuar sua viagem e cessar seu “gemido cósmico”.



Vinheta da  
Rádio  
Catimbó!  
Vinheta do  
programa:  
História  
d'escuta!  
Música: Terra  
/ Artista:  
Caetano  
Veloso / Live,  
1998.

Vai a BG

E.V. - Há pouco, escutamos sobre como o colonizador, ao desumanizar o outro, também se desumaniza. O xamã Davi Kopenawa<sup>04</sup>, se refere ao homem branco<sup>04</sup> como o povo da mercadoria, aquele que, em tudo vê mercadoria.

O projeto neoliberal de extensão infinita do capital, está consumindo o corpo vivo da terra, que “geme” em febre. Enquanto isto, para que nada saia do controle, as sociedades humanas e todos os seres vivos, estão sendo reconfigurados pelo rígido padrão da tecnologia digital.



O Big data<sup>05</sup> torna o pensamento supérfluo, porque se tudo é quantificável, tudo é igual. No dataísmo, sem que percebamos, perdemos a soberania sobre nós mesmos, viramos resultado de uma operação algorítmica.

A humanidade está se desumanizando, ao mesmo tempo se *numenizando*. Esse processo está acarretando o surgimento de uma humanidade Biosintética suscetível a codificação, como nos fala Mbembe. Vamos ouvi-lo:

Tal humanidade tem pouco a ver com os indivíduos de carne e osso dotados de razão que herdamos da chamada era do iluminismo. Esse download de vivos e não vivos, ou mesmo da própria consciência, em formatos cada vez mais artificiais e dispositivos cada vez mais desmaterializados - e isso projetado no cenário da extensão infinita do mercado e da combustão do planeta - fundamentalmente coloca de volta o questionamento sobre a forma de organizar nossa vida comum conhecida como democracia (MBEMBE, 2020).

A humanidade Ocidental sempre acreditou que felicidade, liberdade e boa saúde, estavam condicionados a uma separação nítida entre o nosso mundo e o mundo dos objetos. Sempre pensamos que humanos não podem ser tratados como objeto, ferramenta, ou como animal, não é mesmo? Libertar a humanidade do universo da matéria, dos objetos e da natureza, sempre foi justificativa para inúmeras lutas do Ocidente, mas pode também ser percebido, como o processo onde surgiu o grande vazio, o abismo, o precipício da extinção, para onde caminhamos com pressa...

Caminhando também estamos nós, para o encerramento do programa, e vamos evocando palavras ao tempo, e é, em nome dele, que escutaremos uma parte do capítulo “No juízo final”, do romance “Nada digo de ti, que em ti não veja”, de Eliana Alves Cruz.



Vinheta da rádio: Rádio Catimbó!  
a sua nave do som!  
Música: Juízo final / Artista: Clara Nunes, Nelson Cavaquinho / Álbum: Claridade, 1975.

Vai a BG

Enxergo em ti a capacidade de transformares a mim  
Como o oleiro molda o vaso,  
Digo de tua vontade,  
De teu engenho,  
De tua gana em ganhar o mundo...  
Com a volúpia dos bandeirantes desbravadores  
Ou com a febre dos corsários  
Oprimes e esmagas com os pés  
Outros pés iguais aos teus,  
Escavas e arrancas com as mãos  
Outras mãos iguais as tuas,  
Pensas que me dominas,  
Pensas que de mim sabes tudo e eu...  
Apenas digo de ti o que vejo  
E o que escreves em tintas de sangue e suor  
Nas minhas páginas imaculadas e inéditas a cada dia novo.

Tentas esconder em minhas dobras teus feitos pouco gloriosos,  
Tentas borrar com as pegadas de minha passagem  
Tuas falhas imperdoáveis,  
Buscas corrigir cometendo outros delitos,  
Acertas errando e erras acertando.  
Por que não te deixas levar simplesmente  
Sentindo o pulsar essencial dentro de ti?

O que te impede de admirar o colorido da paisagem  
Da humanidade do teu ser,  
Sem a volúpia em transformar tudo em espelho?...  
Qual a alavanca que te impulsiona a impor



Tuas crenças para todos os crentes,  
Tuas leis para todos os viventes?  
Refaz,  
Repensa,  
Reacalma...  
Também vejo que por vezes me transcorres com paixão  
E que quando realmente desejas,  
Sabes pintar com brilhantes tons  
Cada micro segundo de minhas páginas.  
Também vejo que por vezes me transcorres com paixão  
E que quando realmente desejas,  
Sabes pintar com brilhantes tons  
Cada micro segundo de minhas páginas.  
Sou homem quando me chamam minuto, segundo ou século.  
Sou mulher quando me chamam era, hora, aurora.  
Sou eu quem contará os teus  
Os teus crepúsculos maiúsculos  
Ou tuas alvoradas sem glórias.  
Pensas que de mim podes escapar.  
Sorrio de tua incansável mania em dominar-me  
Com a garra de tua palma,  
Pois tentas a todo custo retardar minha passagem.  
Sigo,  
Pois ao contrário de ti não tenho pressa  
Não passo antes nem depois  
Transcorro agora  
...pois sou o kitembo  
Tempo...  
E sou eu, apenas eu  
Quem narra esta história.  
Pois eu passo...  
...o amor, jamais.  
E nada, digo ou direi de ti, que em ti não veja.  
(CRUZ, p. 197 a 199, 2020)

Acabamos de ouvir pela Rádio Catimbó Eliana Alves Cruz, do belíssimo romance “Nada digo de ti, que em ti não veja”, uma parte do poema “No juízo final”.



Técnica

Linha do tempo



Locução

Vinheta da  
Rádio Catimbó.  
Música:  
AmarElo  
(sample:  
Belchior –  
Sujeito de  
sorte) artista:  
Emicida com  
participação  
Majur e Pablllo  
Vittar / Álbum:  
AmarElo, 2020.

Vai a BG

Caras e caros ouvintes, vocês ouviram, pela sua Rádio Catimbó, o programa **Histórias d'escutas**, um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

No programa **Nunca mais**, nossa próxima atração, falaremos sobre a pandemia de Covid-19, suas dinâmicas e impactos em nossos modos de vida que nunca mais serão os mesmos; falaremos também sobre o adoecimento da humanidade no e para o planeta terra.

Neste programa foram citados diretamente os seguintes autores: Eduardo Galeano; Paulo Freire; Achille Mbembe; Ailton Krenak; Aimé Césaire e Byung-Chul Han.

No início do programa, realizamos uma livre adaptação de parte do poema “Os ninguéns” de Eduardo Galeano.

Tivemos epígrafe de: Monólogo ao pé do ouvido, da Nação Zumbi.

E encerramos o programa em intensa “boniteza”, ouvindo as palavras de Eliana Alves Cruz, com seu poema “No juízo final”.

Participaram deste programa:

Na técnica: Carolina Lima

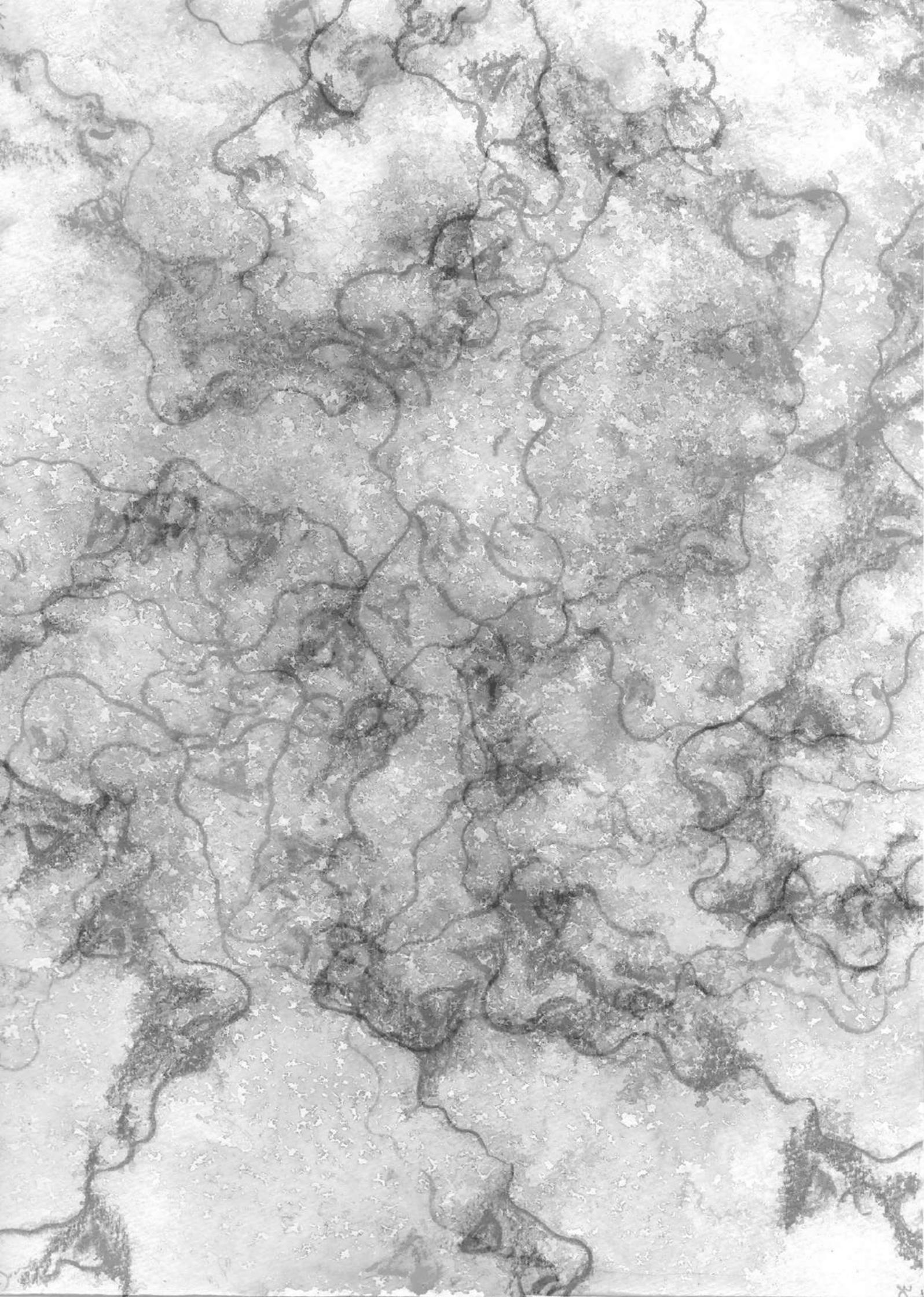
Nas vinhetas, Abgail silva

Na locução: eu, Elsom Veludo, com a participação de Adriano Barrozo.

Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

Viva Chico Sciense! Viva Paulo Freire!

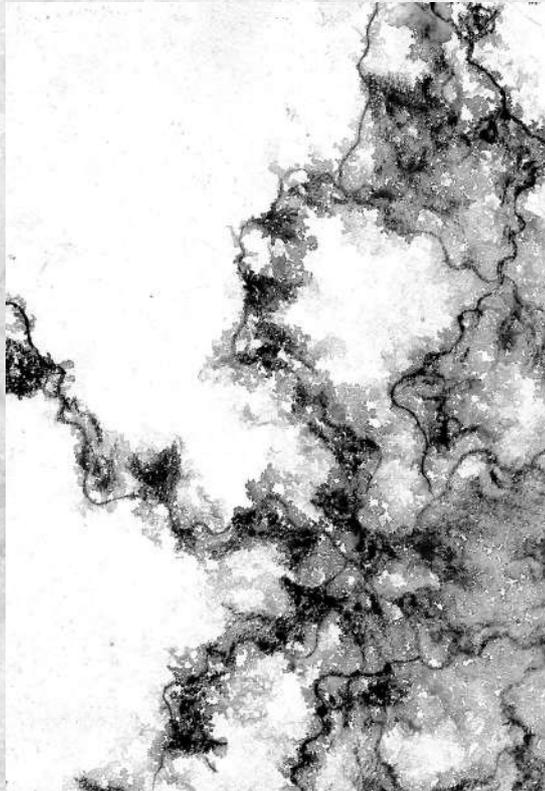
Sobe música





**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Nunca mais**



**RÁDIO CATIMBÓ**

## Nunca mais



Neste momento, você entra na frequência da Rádio Catimbó!  
Música:  
Hermeto /  
Artista:  
Hermeto  
Pascoal /  
Álbum:  
Hermeto, 1970.  
Vai a BG  
Vinheta da rádio: Catimbó!

Música extra:  
toque de Exu

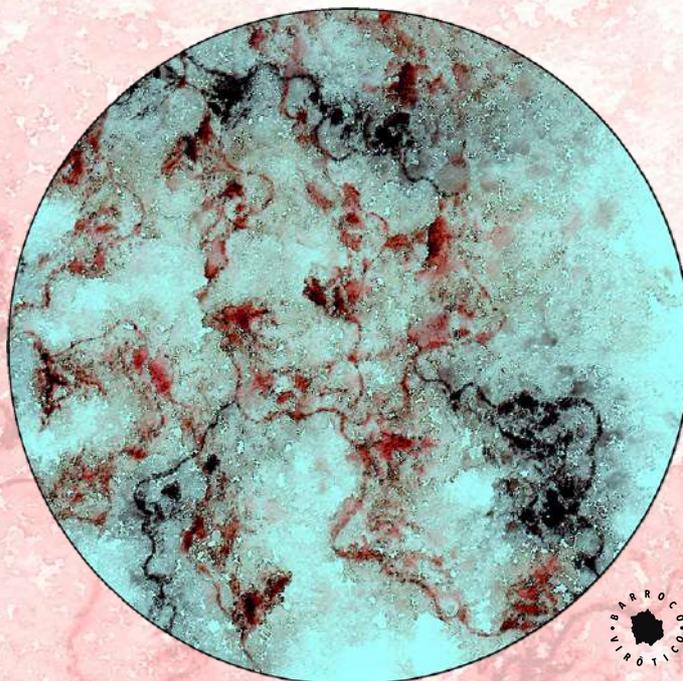


Imagem de vírus isolado em laboratório.



E.V. - Boa noite caras e caros ouvintes, eu sou Elsom Veludo e esta é a Rádio Catimbó, trazendo para vocês o programa: **Nunca mais!** Um oferecimento **Incensom!**

**Incensom** toca Rádio Catimbó, Laroyê Exú<sup>1</sup> abrindo os caminhos dos sete Cantos de Aparições!

E.V. - **Nunca mais** é um Programa da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

A Rádio Catimbó agradece a todas e todos que direta ou indiretamente, compartilharam a escuta desses **Cantos de aparições**:

A Flavio Emanuel, artista, terrorista do amor; Luciano Catita, o homem do caminhão de flores; Helena Rodrigues, a mãe do nosso poeta; a todas e todos que partiram, vítimas da pandemia, das saudades, das lonjuras. As autoras e autores consultados e citados neste programa.



Técnica

Linha do tempo



Locução

Nunca mais

[140]

Vinheta da Rádio Catimbó.  
Vinheta do programa:  
Nunca mais.  
Sobe música  
Vai a BG  
Música: El capitalismo forâneo/ Artista: Gotan Projet/  
Álbum: Gotan Projet 03, 2010.

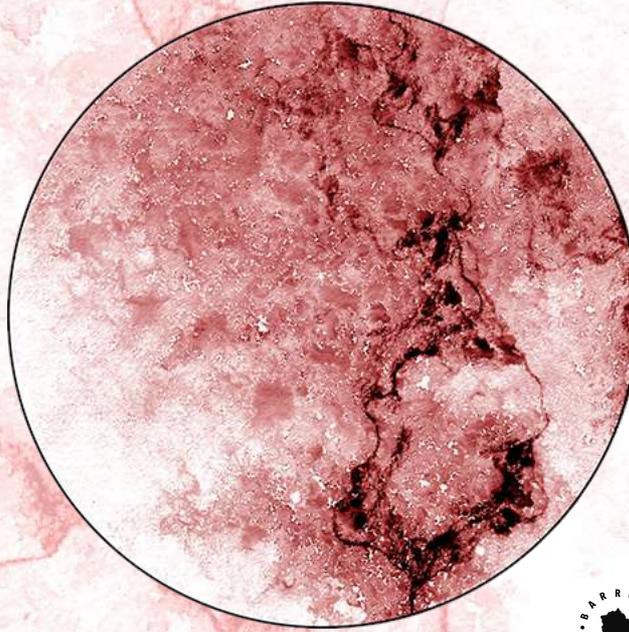


Imagem de vírus.

Vai a BG

E.V. - O programa **Nunca mais** completa a série **Cantos de aparições**, com severos sintomas de Covid-19. Nunca mais é a nossa referência de um tempo suspenso, um tempo pandêmico.

Iniciaremos o programa com o nosso editorial, na voz deste que vos fala:

*nunca mais voz metálica  
nunca mais sombra que amedronta,  
nunca mais sangrada, costurada  
nunca mais homofóbica  
nunca mais patriarcal  
nunca mais colonizada  
nunca mais racista  
nunca mais veio pra ficar, diz a voz  
nunca mais dança da vida  
nunca mais ferida na terra  
nunca mais bomba de efeito moral  
nunca mais pandêmica*



RÁDIO CATIMBÓ



*nunca mais violentada, surrupiada, torturada  
nunca mais faminta  
nunca mais semelhante  
nunca mais veio pra ficar, continua a voz*

*nunca mais sustentável  
nunca mais encantada  
nunca mais lúgubre quimera  
nunca mais selvagem  
nunca mais subserviente  
nunca mais saudosa  
nunca mais silenciada  
nunca mais estribilho  
nunca mais veio pra ficar, insiste a voz*

*nunca mais copiada, inventada, seviciada, estuprada  
nunca mais desdentada  
nunca mais Pernambuco, Ceará e Maranhão  
nunca mais advérbio,  
nunca mais paraíso  
nunca mais repouso da dor que devora  
nunca mais veio pra ficar, anuncia a voz*

*nunca mais bálsamo do mundo  
nunca mais mercantilizada  
nunca mais chacinada, esquecida  
nunca mais exterminada, esburacada, explodida, envenenada  
nunca mais invejada, escravocrata, corrompida  
nunca mais humilhada, nem silenciada  
nunca mais veio pra ficar, prediz a voz  
nunca mais sombra fria, natureza morta  
nunca mais face oculta, infame, sem voz*





*nunca mais fantasma geográfico, vazio polar ártico*

*nunca mais barroca*

*nunca mais virótica*

*nunca mais privatizada, consumida*

*nunca mais festejada*

*nunca mais veio pra ficar, profetiza a voz*

*nunca mais canibalizada*

*nunca mais açoitada, asfixiada*

*nunca mais circo pacífico*

*nunca mais desértica*

*nunca mais silêncio presente*

*nunca mais implacável destino, nem Benedita nem Benedito*

*nunca mais veio pra ficar, prevê a voz*

*nunca mais terra de oportunidades*

*nunca mais Caminho de extermínio*

*nunca mais mercantilista*

*nunca mais autoritária*

*nunca mais florada*

*nunca mais escutada*

*nunca mais grega*

*nunca mais Pátria do mito*

*nunca mais veio pra ficar, proclama a voz*

*nunca mais crônica de maravilhas*

*nunca mais amansada, domesticada*

*nunca mais reserva de excedente*

*nunca mais sobrenatural*

*nunca mais descartável*

*nunca mais assassinada*

*nunca mais perecível*

*nunca mais veio pra ficar, aclama a voz*



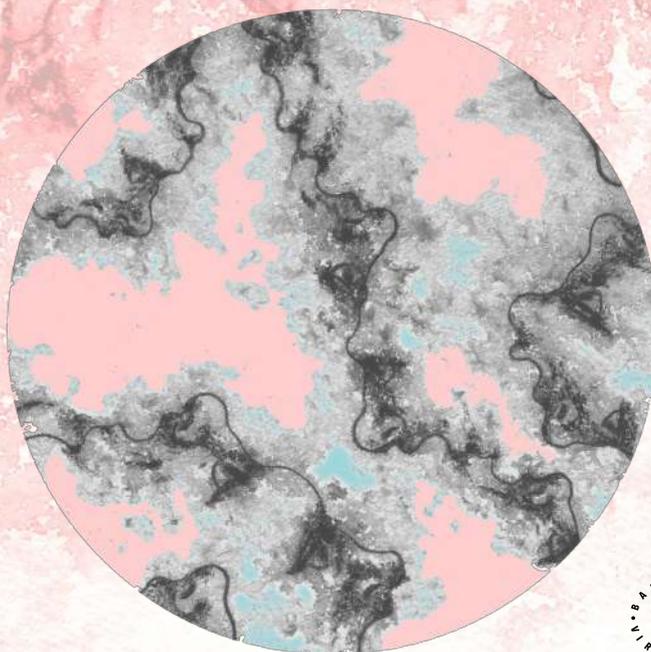


*nunca mais confinada  
 nunca mais virtualizada  
 nunca mais sujeitada  
 nunca mais pandêmica  
 nunca mais virótica  
 nunca mais asfixiada  
 nunca mais genocida  
 nunca mais veio pra ficar, repete a voz*

*nunca mais a bala  
 nunca mais a mata  
 nunca mais abala a mata  
 nunca mais a bala mata  
 nunca mais veio pra ficar, conclui a voz*

Vocês acabaram de ouvir nosso editorial poético pandêmico “Nunca mais veio pra ficar”. Iremos para um breve intervalo, apenas um respiro, um cafuné sonoro.

Vinheta da  
 Rádio Catimbó.  
 Vinheta do  
 programa  
 Nunca mais!  
 Música:  
 Abacateiro /  
 Artista:  
 Gilberto Gil /  
 Álbum:  
 Refazenda,  
 1975.  
 Música: My  
 favorite things  
 / Artista: John  
 Coltrane /  
 Álbum: My  
 favorite things,  
 1961.





Vai a BG

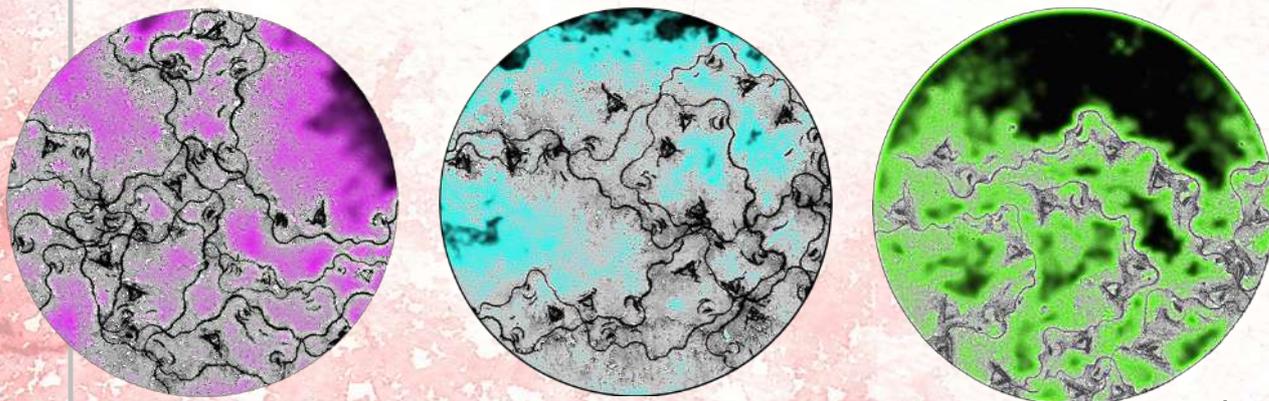
E.V. - No programa anterior, Histórias d'escutas, ouvimos, como a ciência e a medicina Ocidental, criaram extensões da vida com mil aparelhos, mas deixando de fora a escolha das pessoas de viver dentro do ciclo da vida e da morte que a natureza proporciona. Isto fez com que os humanos se proliferassem pelo planeta. Uma epidemia, é um fenômeno geral e generalizante, que induz a todos, os mesmos padrões de comportamento, um adoecimento de manada. Sobre nosso comportamento, padronizado e padronizante e suas cicatrizes no mundo, vamos ouvir Ailton Krenak:

A cada passo que damos em direção ao progresso tecnológico... estamos devorando alguma coisa por onde passamos. Aquela orientação de pisar suavemente na terra de forma que, pouco depois de nossa passagem, não seja mais possível rastrear nossas pegadas está se tornando impossível: nossas marcas estão ficando cada vez mais profundas. E cada movimento que um faz, todos fazemos. Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo (KRENAK, p. 96, 2020).

Alguns questionamentos, caras e caros ouvintes: Os artifícios da ciência, de crescimento populacional, de fortalecimento do consumo, a criação de excedente populacional, pode ser relacionada à dinâmica de existência dos vírus? Vamos ouvir, uma boa relação entre o comportamento dos vírus e o sistema capitalista por Philippe Descola:

Um vírus é um parasita que se replica às custas de seu hospedeiro, às vezes matando-o. É isso que o capitalismo tem feito com a terra desde o início da revolução industrial, durante muito tempo sem sabê-lo. Agora sabemos, mas parece que temos medo da cura, que também conhecemos, ou seja, uma reviravolta em nossos modos de vida... Quem não funciona segundo este modelo são as populações indígenas de muitas regiões do mundo, que defendem seus territórios contra o desmatamento. O capitalismo nasceu na Europa, mas não é etnicamente definível. E continua a se propagar como uma epidemia. Nós nos tornamos um vírus para o planeta (DESCOLA, 2020).





Três imagens de vírus.



As pandemias estão relacionadas às formas que os humanos lidam com a natureza. A do covid-19 é só mais uma entre tantas. Esses agentes patógenos, anteriormente controlados, naturalmente por ecologias florestais, estão, cada vez mais, sendo liberados, ameaçando a própria humanidade. As epidemias de malária e leishmaniose na Amazônia, estão diretamente conectadas ao desmatamento de florestas e a conversão de áreas naturais em monoculturas de soja, palma e pastos para pecuária; semelhantes ações dispararam os surtos de Ebola e HIV/AIDS; as epidemias de gripe suína e aviária derivam das práticas cruéis de confinamento, multiplicação e abate de animais, destinados a saciar o apetite humano por carne.

Uma pergunta ouvintes: se foi, mais ou menos, a partir dos anos 1980, que os seres humanos começaram a tomar, progressivamente consciência, do perigo que sua atividade produtiva de intenso padrão no planeta Terra, representava para a existência da própria espécie, por que não fizemos quase nada a respeito? Será que temos medo da cura, ou será este, o comportamento natural de um vírus, se expandir, mesmo que isto leve a destruição de seu hospedeiro?



A pandemia é uma pequena amostra da catástrofe climática que nos espera, um breve resumo do que pode acontecer daqui pra frente. Ela nos revela os efeitos múltiplos do Antropoceno sobre a vida, social e ecológica, e, como ela é um evento de alcance “total”. Ela é um alerta global, dado pelo organismo vivo da terra.

É pensando nos passos e marcas de nossa passagem por este planeta, que lançamos uma pergunta a vocês ouvintes! Fazer silêncio, não seria a ação mais urgente da humanidade, agora?

Vocês lembram o que nos falou Conceição Evaristo em nosso primeiro programa?

É sobre nossos comportamentos barulhentos, nossa pressa, que vamos relembrar um pequeno trecho do poema “Da calma e do silêncio”:

Vinheta da  
Rádio Catimbó.  
Vinheta do  
programa  
Nunca mais!

Música: A love  
supreme /  
Artista: John  
Contrane /  
Álbum: A love  
supreme,  
1965.

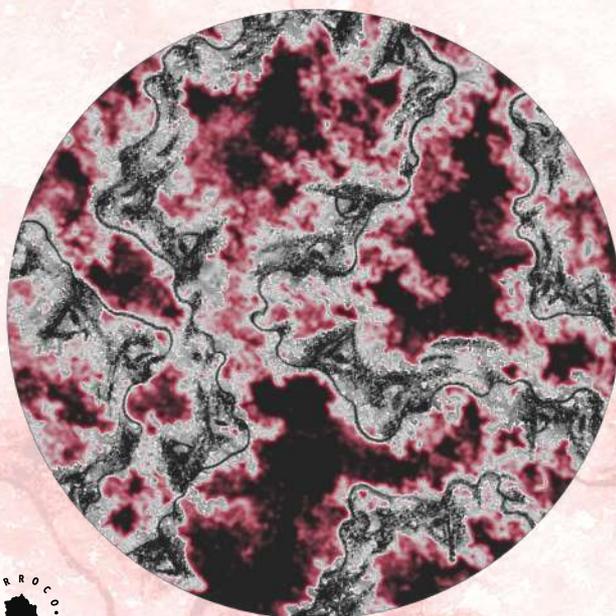


Imagem de vírus.

Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar pra quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra  
(EVARISTO, p. 121, 2017).

E.V. - Caríssimas e caríssimos ouvintes estamos de volta.

A civilização Ocidental, é a civilização das padronizações, das espe-



Vai a BG

cialidades, não é uma civilização para amadores. Nossas ações de criar vazios em torno de si, eliminar a biodiversidade, impor monoculturas, produzem uma grande quantidade de acidentes, uns visíveis outros não. Em um desses acidentes, o vírus SARS-Cov-2 saltou de alguma espécie para os humanos. A corrida, agora, é para se especializar no vírus, mas ele já é especialistas em nós, já que, pelo menos uma centena de animais convivem com ele, menos os humanos.

Ele, o vírus, revelou que, nem tudo na natureza está sujeito a desaparecer à revelia das especialidades humana.

Ele, o vírus, evidenciou um limite, mas, como já foi dito aqui, a humanidade, não dá sinais de mudança. Para tanto, inventamos, uma infinidade de próteses, ou melhor, remendos, que nos permitem manter nossa forma de vida e produção, nossas interações desastrosas. Só para citar algumas: antibióticos, antidepressivos, preservativo sexual, máscaras, conservantes, pesticidas, automóveis. As vacinas, que tomamos desde nosso nascimento, também são remendos da nossa existência. A pandemia está impondo novos modelos de remendo, além da vacina, em nossas vidas, já por demais remendadas. Achile Mbembe nos alerta sobre isto, vamos ouvi-lo:

Em breve, não será mais possível delegar a própria morte a outras pessoas. Elas não morrerão mais em nosso lugar. Seremos simplesmente condenados a assumir, sem mediação, nosso próprio falecimento. Haverá cada vez menos oportunidades de dizer adeus. A hora da autofagia está se aproximando e, com ela, o fim da comunidade - porque dificilmente haverá comunidade digna desse nome quando dizer adeus, isto é, recordar os vivos, não for mais possível. Um mero remendo não será suficiente. No meio da cratera, será preciso reinventar literalmente tudo, começando pelo social. Quando trabalhar, se abastecer, se informar, manter contato, nutrir e conservar os laços, se falar e trocar, beber junto, celebrar cultos e organizar funerais só puder acontecer por intermédio de telas, é hora de nos darmos conta de que estamos cercados, de todos os lados, por anéis de fogo. Em grande medida,



o digital é o novo buraco escavado no chão pela explosão. Ele é o bunker onde o homem e a mulher isolados são convidados a se esconder, ao mesmo tempo trincheira, entranhas e paisagem lunar (MBEMBE, 2020).

Sem encontros presenciais, *nunca mais* o corpo, agora mediado por telas...

Uma nota ouvintes: A pandemia de Covid-19 acelerou o processo de digitalização das sociedades. Isso é perceptível na necessidade de isolamento preventivo, nos hábitos de higiene, na presença das plataformas de comércio digital, na disseminação do trabalho remoto. Todas essas mudanças, implicam em uma sobrecarga nos níveis de degradação do meio ambiente, pelo descarte de material de proteção e higiene, pelo aumento de demanda na produção de componentes eletrônicos. O resultado, dessas mudanças se traduzem em: mais água poluída, mais resíduos plásticos na natureza, mais feridas abertas no corpo da terra pela mineração.

Nossa situação é trágica, os remendos frágeis. O confinamento em trincheiras mediadas por telas, subtrai o corpo, agora achatado no plano da tela, e a voz, agora digitalizada, nos impondo interações artificializadas. Sem a presença do outro, a comunicação não passa de um intercâmbio de informação. Nos encontros mediados por telas, as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual. A comunicação digital é somente visual, estamos perdendo todos os sentidos, não só a audição. “Quando estamos na rede, não escutamos o outro, só fazemos barulho”, diz o filósofo coreano Byung-Chul Han<sup>1</sup>.

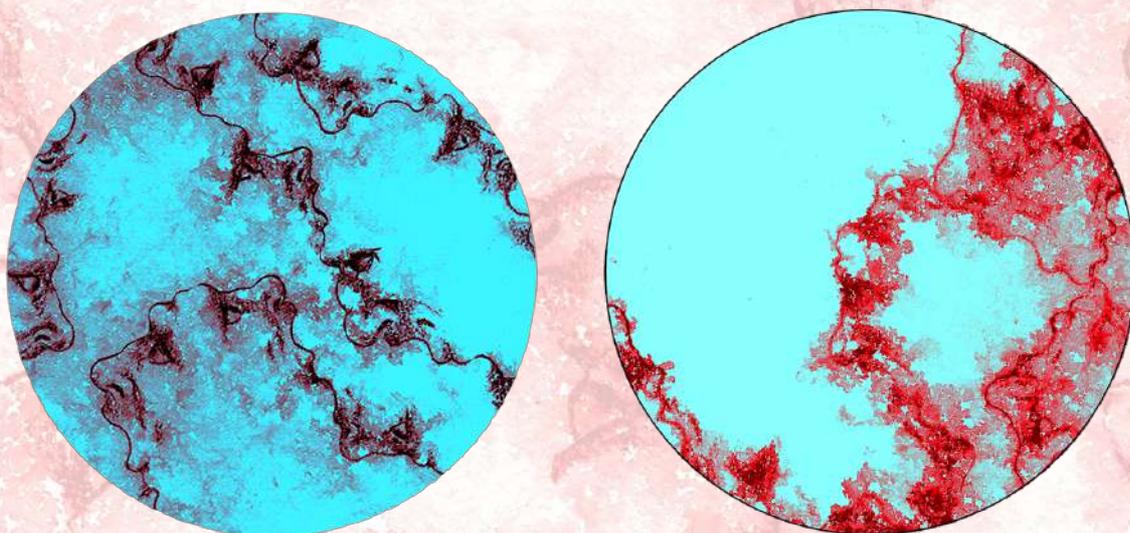
Mas as trincheiras mediadas por telas não é opção para a grande maioria da população.

É consenso que o SARS-Covi-2 não faz distinção em seu contágio. Independente de classe social ou gênero, o potencial de contágio é o mesmo, pelo menos fisiologicamente falando, afinal, como já foi dito, o vírus é especialista em humanos.



Porém, as ações de governos e sociedades pelo mundo, podem ampliar ou amenizar o tamanho da tragédia. No Brasil, a necropolítica, praticada pelo estado, foi determinante para produzir dinâmicas diferenciadas de contágio e morte. A quase ausência de ações, por parte do estado, demonstra nitidamente, o valor de algumas vidas, em relação a outras.

O contingente dos que são ignorados ou descartados, pertence, como sempre, aos mesmos grupos racializados: negros e indígenas, os pobres e as mulheres, são maioria das vítimas fatais. Seja pela falta de condições de realizar isolamento social, por questão financeira, que obriga esses grupos a sair de casa em busca do sustento; pelo pequeno espaço das residências que vivem e muitas vezes são divididos com várias pessoas da família; pela ausência de saneamento básico e água encanada para manter as medidas de higiene; pela dificuldade de acesso a tratamento de saúde, principalmente na fase aguda da doença; pelas doenças adquiridas pelos mais pobres, decorrente de má alimentação, como: diabetes, hipertensão e obesidade, que potencializam a infecção da doença; pela completa ausência de campanhas educativas de combate ao vírus.



Duas imagens de vírus isolado em laboratório.



Para concluir o morticínio, o incentivo “assassino” das autoridades ao contágio, com o falso pretexto de se criar uma imunidade de rebanho.

Sem fôlego e privados de aparelhos respiratórios, eles partiram subitamente, como se as escondidas, sem qualquer possibilidade de se despedir. Seus restos foram imediatamente cremados ou enterrados. Em solidão. Era preciso, nos disseram, desfazer-nos deles o mais rápido possível. (MBEMBE, 2020)

Esse pequeno relato pandêmico de Achille Mbembe se completa com outro, mais radical, ou que, está na origem deste, de que jamais aprendemos a morrer, por que nunca aprendemos a viver com os vivos, a nos importar com os danos que causamos nos pulmões da terra e em seu organismo.

As catástrofes costumam causar grande comoção, quando o número de vítimas é quantificável, em dezenas, centenas, ou mesmo milhares de mortes. Um acidente aéreo, um atentado a bomba, o rompimento de uma barragem, mais uma chacina nas periferias do mundo. Esses eventos costumam causar grande comoção, mas no caso de pandemias, como a de covid-19, em que os números de vítimas são superlativos e a mortandade fora de controle, a reação da maioria é de torpor, sem reação diante das mortes, que logo se transformam em estatística e as pessoas que se vão, número de obituário.

Caras e caros ouvintes, ouviremos agora, um sopro poético com Maya Angelou:

Se hoje eu seguir a morte,  
descendo seus desertos sem trilhas,  
e salgar minha língua com lágrimas endurecidas  
pelo fim do meu precioso tempo  
que corre  
precipitado  
apressado  
naquela caverna prometida,  
Você faria a graça de ficar de luto por mim?  
(ANGELOU, p. 40, 2020).



No artigo “Nem luto, nem melancolia”<sup>01</sup>, o poeta Mauro Iasi expõe duas evidências que caracterizam o surgimento da humanidade como civilização. A primeira é quando, mais ou menos há cento e trinta mil anos, os humanos passaram a enterrar seus mortos, de forma ritualizada, com uso de urnas, artefatos e rituais fúnebres. Para falar da segunda, ele menciona a antropóloga norte americana Margaret Mead, que aponta como primeira evidência do que seria civilização humana, a descoberta, do fóssil de um fêmur humano cicatrizado, pois isso indicaria que o grupo, a qual pertencia, não o teria abandonado a morte, cuidando do seu ferimento.

Cuidar do outro em vida e na morte é, portanto, o que nos fez humanos.

A civilização Ocidental, há muito tempo, vem perdendo o contato com a morte. Os velórios em residência quase não acontecem. O Ocidente depurou os seus espaços da presença da morte, como se fosse algo infeccioso, sujo. Há um menosprezo tão forte pela morte, que em geral, quando se envelhece, logo se antecipam e depositam seus velhos em asilos e hospícios. É uma civilização que se distancia da morte, se antecipando a ela.

Mas como tomar distância da morte, se ela é o marco da existência de cada um de nós. Vamos escutar Walter Benjamin sobre os instantes que antecipam a morte:

O momento que o saber e a sabedoria, o acúmulo de tudo que vivemos, que é a substância de nossas existências, de nossa história, assumem, pela primeira vez uma forma transmissível. É no momento da morte que o inesquecível aflora, de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor (BENJAMIM, p. 207, 1994).

A pandemia de covid-19, radicalizou nosso distanciamento da morte. Sem visitas, sem despedidas, sem velórios, sem funerais, sem flores. A pandemia nos impôs um distanciamento total do contato com a





morte, mas também do contato com os vivos. É também, a pandemia da saudade. Na falta dos encontros, muitos partiram de saudade, de distâncias, de lonjuras.

Edmar Leão, *um homem sentimental*, foi funcionário público e produtor rural. Quando se aposentou, realizou um sonho seu: morar no Nordeste Paraense. Lúcia, sua grande paixão, continuou morando em Belém. Os *encontros* potencializavam a *paixão*. Com a pandemia e a necessidade de isolamento, ela ficou na cidade e ele à espera do próximo *encontro*. O tempo foi passando, a vacina não veio e a *saudade* foi debilitando a saúde de Edmar... ele não suportou a lonjura de Lúcia. Quando partiu, era um mar de *saudade*.

Ainda sobre Edmar, distâncias, lonjuras, saudades e perdas, Dimitria Leão, sua neta, nos conta:

“minha mãe demorara a quantidade de anos de sua própria idade, e necessitou cumprir o percurso do caminho inverso ao de nossa família, pelos rios amazônicos, indo para onde vieram, para que vislumbrasse, o motivo de seu pai construir uma palafita - tipo de casa que condizia com a cheia e a vazante dos rios - em um terreno seco, que parecia nunca ter enchido nem secado, na cidade de Peixe-Boi. O motivo simples era que, foi dessa forma que ele sempre viu, durante toda a vida de seus olhos, que as casas existiam e deveriam existir.”

A pandemia segue, e seu ritmo é marcado pelas mortes, uma sinfonia macabra, um véu sonoro e monotonal, um “gemido cósmico”.



Vinheta da  
Rádio  
Catimbó.  
Vinheta do  
programa  
Nunca mais!  
Música :  
Sulamericano  
/ Artista:  
Bahiana  
Sistem /  
Álbum:  
Sulamericano



Vai a BG

Música e  
efeitos de  
suspense  
Vai a BG

E.V. - Alô ouvintes, estamos de volta e antes de dar prosseguimento ao programa, transmitiremos a sessão Direito de resposta, em acordo com o processo legal.

O vírus SARS-Cov-2 tornou-se a peste que todos temem, a peste que aciona o gatilho da morte; o mórbido, o funesto; a própria morte, sem cheiro e invisível. Ele, o vírus, é a corrupção e falência instantânea do nosso corpo. Mas, apesar de invisível e silencioso, ele é muito real, e, em nome de sua concretude, concederemos a ele o direito de resposta. Com a palavra, o SARS-Cov-2:

Queridos humanos,

Parem com seus ridículos apelos à guerra. Parem de me lançar esses olhares de vingança, desliguem a aura de terror com que embrulham o meu nome. Nós, os vírus, desde a origem bacteriana do mundo, somos o verdadeiro contínuo da vida na terra, sem nós, vocês nunca teriam visto a luz do dia, [nem mesmo as células existiriam].

Nós somos seus ancestrais, como as pedras e as algas, e bem mais do que os macacos. Nós estamos onde vocês estão e também onde não estão. Parem de dizer que sou eu quem os está matando. Vocês não estão morrendo por causa do que causo a seus [corpos], mas porque deixaram de cuidar dos seus semelhantes. Se vocês não tivessem sido tão vorazes uns com os outros e com tudo o que vive neste planeta,...se não tivessem transformado a ainda ontem exuberante, caótica, infinitamente povoada amplitude do mundo - ou melhor dito, dos mundos - num vasto deserto para monocultura do mesmo e do mais,... [se] não tivessem convertido praticamente todos em cópias redundantes de uma mesma forma insustentável de vida, não estariam agora, [apavorados em] morrer como moscas abandonadas na água da sua civilização adocicada... lembre-se, que foram vocês que inventaram o Antropoceno, foram vocês, [com seus passos desastrosos] que reivindicaram toda a honra da catástrofe; os mais honestos de vocês sabem bem disso: não tenho outro cúmplice que não [vocês]: a sua própria organização social, a loucura de "grande escala" da sua economia, [o seu domínio sobre a vida e a morte], o seu fanatismo do sistema. Apenas os sistemas são "vulneráveis". O resto vive e morre. Só há vulnerabilidade para aquilo que aspira o controle, para a sua própria extensão... Olhem para mim com cuidado: sou apenas [mais uma] face da morte que reina (ANÔNIMO, 2020).





Vocês acabaram de ouvir na sessão direito de resposta, a fala do vírus SARS-Cov-2. Esta fala, conclui nossas observações sobre o processo de adoecimento em avançado estágio e a crise civilizatória que atravessamos.

Nos perguntamos: o que terá acontecido a humanidade, para ter transformado a “exuberante, caótica, infinitamente povoada amplitude do mundo num vasto deserto para monocultura?” o que terá transformado os humanos em uma espécie tão destrutiva?

Para pensarmos em tais questões, vamos recorrer a noção de “autopoiese”<sup>03</sup>, dos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela<sup>04</sup>. Autopoiese, vem do grego poiese, referente à produção, e significa autoprodução. Autopoiese é o centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos, onde se incluem todos os organismos vivos, desde o nível micro celular às comunidades de seres vivos; são sistemas autônomos que se reproduzem e se auto regulam. Segundo Maturana e Varela, todo ser vivo tem uma organização que o define, e para mantê-la ele precisa mudar o tempo todo, se adaptando, se interconectando e interagindo sem alterar sua organização. É justamente, para manter a própria organização que os seres vivos mudam, adaptando-se ao seu ambiente que também se modifica continuamente.

Maturana e Varela, também desenvolveram a ideia de *acoplamento estrutural*, em que *a vida é uma dança*, e os seres vivos para manter sua organização, precisam estar em permanente harmonia com o ambiente e seu entorno. O mundo vivo é uma grande comunidade com variadas formas de vida, todas interagindo, umas com as outras e com o meio o tempo todo. É uma grande teia de consensos que se modificam a partir dos contextos, garantindo assim a coexistência de todos os integrantes dessa imensa rede que é a comunidade de biodiversidade da qual fazemos parte.

Mesmo com atuação voltada a biologia, o trabalho de Maturana e Varela se estendeu para o campo da política. Suas ideias possibilitaram reflexões sobre fenomenologia da política a partir da feno-





menologia da biologia, revelando como o biológico e o cultural se sobrepõem - uma condição essencial à natureza dos seres vivos. Nesse sentido, o que há na natureza é uma grande coexistência de variadas formas de vida que interagem entre si e a melhor forma para compreender essa dinâmica é por meio da noção de cooperação. Mas, quando à natureza se junta a cultura, esta pode se sobrepor àquela, o que parece ter ocorrido com a humanidade, quando a cultura patriarcal se instalou desde o neolítico.

Atenção ouvintes! Nota sobre o patriarcalismo:

A partir de algum momento do neolítico, a mais ou menos dez mil anos, quando houve a grande bifurcação cultural do Ocidente, os povos indo-europeus fizeram uso das armas para promover a passagem da “sociedade de parceria”, até então dominante, para a “sociedade de dominação”, patriarcal. A cultura patriarcal, permeou toda trajetória humana nos últimos seis ou sete mil anos. Essa história é contada na obra *O Cálice e a Espada: nossa história, nosso futuro*, de autoria da socióloga austríaca Riane Eisler, publicada em 2008 pela editora Palas Athena.

Voltando à noção de autopoiese, se a gente pensar pelo viés da cultura, o que chamamos há pouco de *dança da vida*, que é a condição de cada indivíduo produzir o mundo e por ele ser produzido, está em rota de colisão com a ideia predominante hoje, na qual, há uma realidade objetiva independente do observador, que constitui a base da cultura patriarcal; a cultura patriarcal está amparada na apropriação da verdade de que o mundo é uma grande arena regida pela ideia de luta, hierarquia, poder, controle e extração de recursos naturais. Nela, somos educados, a partir da ideia que o mundo já é algo prefixado, em relação às nossas experiências, o que nos faz adotar uma atitude passiva, de não questionamento da realidade. A visão hegemônica atual é de que o mundo é movido pela competição, meritocracia, consumo e acumulação infinita; esta visão



incute nas mentes que não há outra forma de sociabilidade que não tenha como ponto central o capital.

Maturana afirma que o amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e que, conseqüentemente, estamos vivendo, há milênios, sob um paradigma civilizacional totalmente incompatível com os processos de sustentação da vida, o que tem afetado as mais diversas dimensões da experiência humana: científica; econômica; cultural; política; social; religiosa; dentre outras. Para Maturana, do ponto de vista biológico, a aceitação do outro é o que dá origem ao social como acontece em qualquer comunidade de seres vivos. Entretanto, não é isso que ocorre entre os humanos. As sociedades humanas funcionam a partir de uma dinâmica de comportamentos forçados, que é o padrão da cultura patriarcal, na qual se sustenta a visão econômica do mundo. No artigo “Maturana: sem cooperação e alteridade, não há futuro”, o pesquisador Antonio Sales Rios Neto pontua:

A noção de autopoiese, da mesma forma que explica a dinâmica de qualquer comunidade de seres vivos, deveria, também se aplicar aos agrupamentos humanos. No entanto, a cultura patriarcal subverteu essa dinâmica da vida e, como consequência, vivemos uma sociabilidade [adoecida] uma vez que ela privilegia uma ínfima minoria da espécie humana em detrimento de um enorme contingente de indivíduos (RIOS, 2021).

Em 2020, já durante a pandemia, Maturana declarou em entrevista que se não nos “escutarmos” e não nos encontrarmos na mútua aceitação e na colaboração, não geraremos mudança alguma orientada para o bem-estar da humanidade, [e com ou sem pandemia], iremos direto à nossa extinção” (MATURANA, 2020).

Também em entrevista recente, Ailton Krenak falou de sinais de mudança, sobre possíveis perdas do poder patriarcal; que é quase consenso, que a partir de 2035, a governança do planeta vai ter uma mão feminina preponderante; que o poder macho vai ficar de escan-



teio e o patriarcado vai sofrer uma redução de sua influência. Segundo Krenak, parece que tem um movimento que se poderia nomear como planetário, que transcende as escolhas políticas e diz respeito à questão da ecologia - entendendo a questão da ecologia como a capacidade do planeta de incidir sobre a nossa consciência. Falamos a pouco sobre a noção de autopoiese, como a “dança da vida”, e para que a dança permaneça, é necessário música e pensando nisso, vamos ouvir, da poeta e historiadora afro-amazônica, Roberta Tavares, “Orquestra Safônica”, na voz deste que vos fala:

Sagrados sons  
das espumas  
de nossos  
céus-oceanos  
copulando  
em delírio  
em fruição  
convulsão  
sem opostos  
ou falos  
falhos

Femíneo-Atlântico  
a fremir  
a desaguar  
desabrochando  
a tremer  
fl(a)mante  
meu ser  
penetrado  
por tuas  
aureolas  
enrijecidas  
Bocas-pétalas  
flanando





Técnica

Linha do tempo



Locução

Nunca mais

[158]

corpo-fonte  
impelindo  
gemidos-cantos  
Árvores-vulvas  
sorvidas  
por nosso  
mundo-língua  
celeradas  
por nossas  
mãos-terras

Volúpia  
extinguindo  
entardecer  
eternizando  
manhãs

Sagrados sons  
de espumas  
de nossos céus:  
agitações  
de nossos  
mares em  
desvario

(TAVARES, p59;60;61. 2021)

Vocês acabaram de ouvir na Rádio Catimbó “Orquestra Safônica”, um poema de Roberta Tavares.



RÁDIO CATIMBÓ



Técnica

Linha do tempo



Locução

Nunca mais

[159]

Vinheta da  
Rádio Catimbó.  
Vinheta do  
programa  
Nunca mais!  
*Incensom!*  
Música: Oxum  
/ Artista:  
Maracatu  
Estrela  
Brilhante /  
Álbum: Estrela  
Brilhante,  
2002.  
Vai a BG



Caras e caros ouvintes, estamos caminhando para o final do programa. Em nosso editorial poético, vocês ouviram, “nunca mais veio pra ficar”. Esta frase foi pescada da obra “Notas sobre o luto”<sup>02</sup>, de Chimamanda Ngozi Adiche. Trata-se de um relato sobre a morte do seu pai, o Matemático James Adichie durante a pandemia, mas é também uma escuta sobre a memória e a esperança que permanece com aquelas que ficam. E é pelos que ficam que encerraremos o programa, em altíssima intensidade de boniteza, escutando “O apanhador de desperdícios” do poeta Manoel de Barros, na voz deste que vos fala:

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras fatigadas de informar.

Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito as coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundancia de ser feliz por isso

(BARROS, p. 149, 2015).

Caras e caros ouvintes, vocês acabaram de ouvir bonitezas poéticas de Manoel de Barros. Chegamos ao final do programa Nunca Mais, o derradeiro da série **Cantos de aparições**, uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

**Cantos de aparições!** Cantos diversos de diversos cantos!

Neste programa foram citadas diretamente as seguintes autoras e autores: Achille Mbembe; Riane Eisler; Philippe Descola; Maia Angelou; Ailton Krenak; Walter Benjamin; Humberto Maturana; Antonio Sales Rios Neto; Roberta Tavares; Manoel de Barros.

Nosso editorial teve frase pescada de Chimamanda Ngozi Adiche.

Na sessão extra, Direito de Resposta, escutamos uma parte do “monólogo do vírus”, de autor anônimo.

O poema de encerramento do programa, foi de Manoel de Barros.

Participaram deste programa:

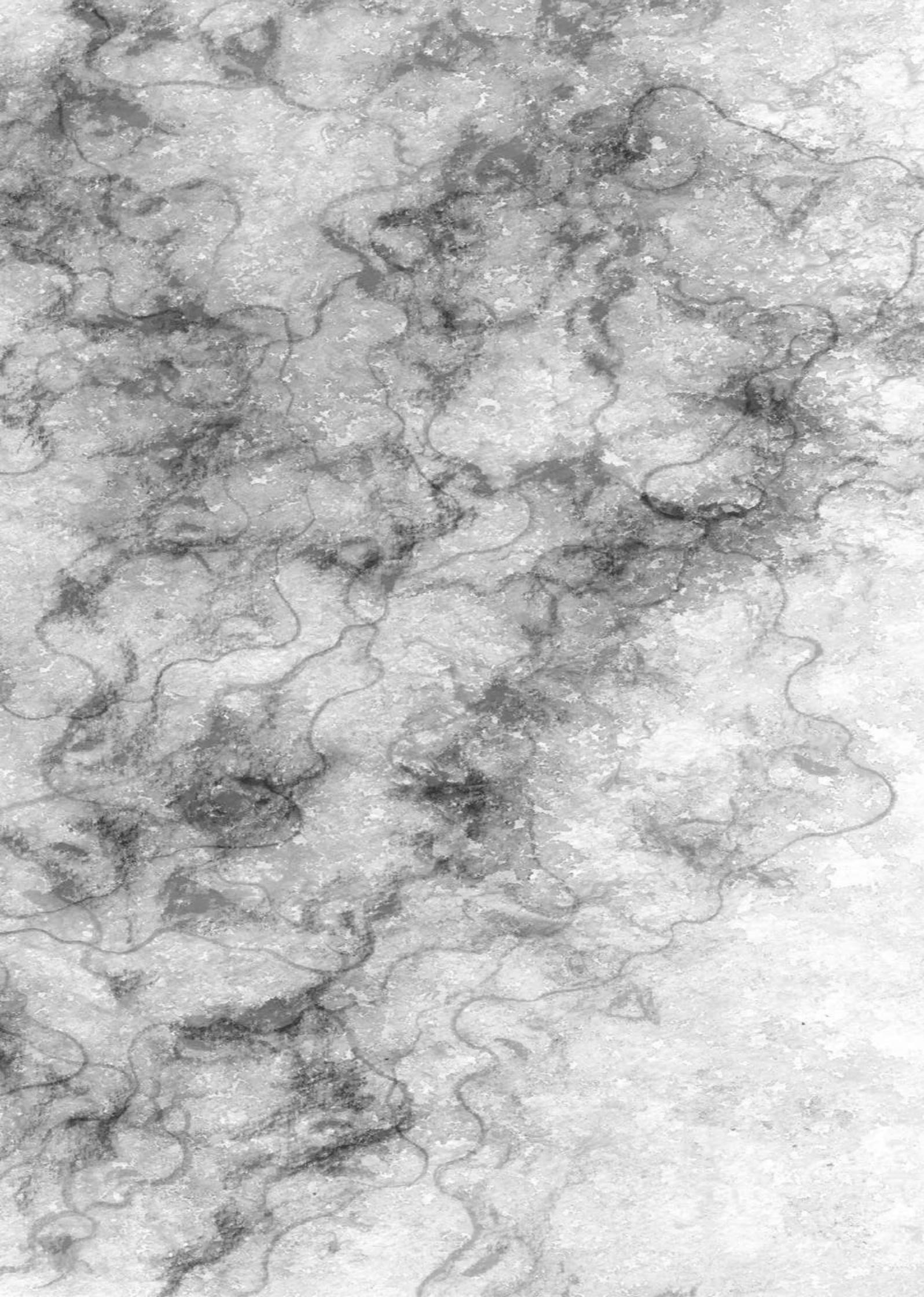
Na técnica, Carolina Lima

Nas vinhetas, Abgail Silva

Na locução, eu, Elsom Veludo

Esta foi uma transmissão da Rádio Catimbó.

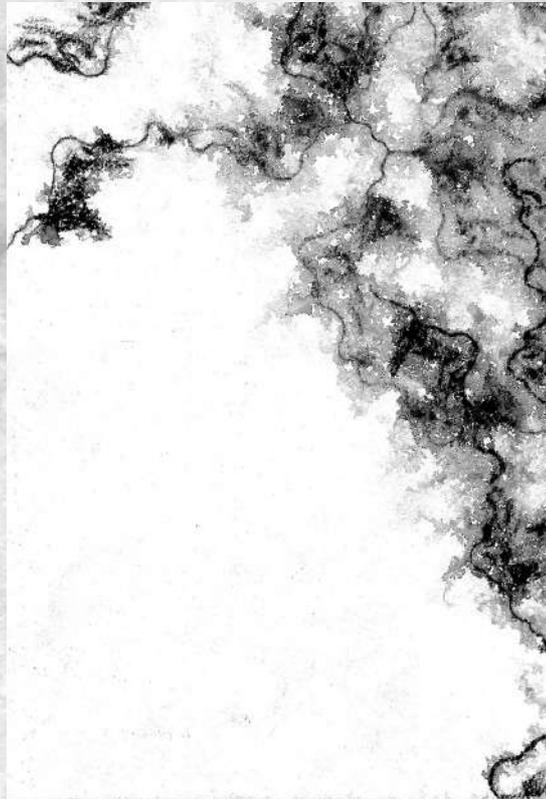
Viva as Mulheres!





**cantos de aparições**  
cantos diversos de diversos cantos

## **Notas & referências**



## **Eu já escuto teus sinais**

### Notas

<sup>1</sup> Todas as coisas existentes no mundo possuem o seu Exu. “Exu é o princípio da existência diferenciada, que leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar”. Citado no livro “Pensar Nagô”, de Muniz Sodré, publicado pela Editora Vozes, 2017.

<sup>2</sup> Nesta obra, Roselee Goldberg atravessa a história da performance no ocidente desde seus primórdios, com Ubu Rei, de Alfred Jarry, passa pelos dadaístas, futuristas italianos, pop art, arte conceitual, até às obras contemporâneas do norte americano Mathew Barney, da Romena Marina Abramovik, da cubana Tania Bruguera, entre outros.

### Referências

GOLDBERG, Roselee. A arte da performance - do futurismo ao presente. Lisboa: editora Orfeu Negro, 2007.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: editora Companhia das Letras, 1993.

ZUNTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: editora Cosacnaify, 2007.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. Brutalismo, entrevista com Achille Mbembe. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BAITTELO, Norval, Júnior. A cultura do ouvir. Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO, 1997.

COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo - espaço de experimentação. São Paulo: editora Perspectiva, 2002.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1977.

BENJAMIN, Walter (1892 - 1940). Magia e técnica, arte e política. São Paulo: editora Brasiliense, 1994.

ARISTÓTELES. Da alma. Lisboa: edições 70 LDA, 2007.

hooks, bell. Olhares negros, raça e representação. São Paulo: editora Elefante, 2019.

HOCKNEY, David. O conhecimento secreto - redescobrimo as técnicas perdidas dos grandes mestres. São Paulo: Cosac & Naify edições, 2001.

BORGES, Rosane. Descolonização do olhar - Imperativo político e estético do nosso tempo. Aula 4 - Somos seres olhados no espetáculo do mundo: a descolonização do olhar na arte, na ciência e na cultura audiovisual. São Paulo: b\_arco editora, 2020.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos / Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: editora Malê, 2017.

### **Navegando nas ondas do rádio**

#### Notas

<sup>1</sup> Arcoverde é um município Brasileiro do estado de Pernambuco, Região Nordeste do país. É localizado no sertão de Pernambuco e pertence à Microrregião do Sertão do Moxotó. Situa-se a Oeste do estado e distante 250km da capital Recife.

<sup>2</sup> Rádio AM é o processo de transmissão através do rádio usando modulação em amplitude. É transmitido em várias bandas de frequência. Caracterizado pelo longo alcance de sinais, foi por oitenta anos o principal método de transmissão via rádio.

<sup>3</sup> Manifesto Futurista Dell'ottobre 1933. Publicato nella "Gazzetta Del Popolo.

<sup>4</sup> Escritos de Antonin Artaud (tradução, prefácio, seleção e notas de Claudio Willer. Porto Alegre. L&PM, 1986), pp. 161-162.

<sup>5</sup> Arthur Leandro (1967 - 2019), nasceu em Belém do Pará. Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (1992); Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Foi professor do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá e da Universidade Federal do Pará. Foi coordenador da REATA - Rede Amazônica de Tradições de Matriz Africana, é Táta Kinamboji / Táta Kisikar'Ngomba ria Numbarandá. Artista titular do conselho de beneméritos - ACESB - Embaixada de Samba do Imperio Pedreirense, conselheiro titular no conselho Municipal de Política Cultural de Belém. Foi Membro do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial / CNPIR - Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humano de 2014 a 2016. Foi conselheiro titular no Colegiado de Culturas Afro-brasileiras do Ministério da Cultura e Conselheiro titular representante das Culturas Afro-brasileiras no Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura / CNPC-MINC de 2012 a 2015. Atuou como Artista Contemporâneo nos temas e linguagens: Culturas afro-brasileiras, linguagens visuais, vivências, vídeo e intervenção urbana.

## Referências

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. Rádios Livres: Reforma Agrária no Ar. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter (1892 - 1940). A hora das crianças: narrativas radiofônicas. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2015.

DELEUZE, GUATTARI. Gilles, Felix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1996)

LEANDRO, Arthur, de Moraes Maroja. "Güera". Amazônia, lugar de experiência / Orlando Franco Maneschy, organizador. Belém: Ed. UFPA, 2013.

## Transições em transmissões

### Notas

<sup>1</sup> Poemas aos homens do nosso tempo". Realização: Ateliê Aberto e Instituto Hilda Hilst, Campinas - SP; Redes visuais FUNARTE, 2014.

- <sup>2</sup> HILST, Hilda. Contos d'escárnio: textos grotescos. Editora Globo, edição 2002. É parte da trilogia erótica de Hilda. “O caderno rosa de Lori Lamby” e “Diário de um sedutor”, completam a trilogia.
- <sup>3</sup> MAMAM - Museu de Arte Moderna Aloizio Magalhães, Recife - PE.
- <sup>4</sup> Residência artística CasaB. Redes Visuais FUNARTE, 2016. Museu Bispo do Rosário, Rio de Janeiro.
- <sup>5</sup> A Colônia Juliano Moreira ocupa uma área de 7 000 000 de metros quadrados, que nos séculos XVIII e XIX, era a fazenda Engenho Novo, que produzia cachaça e açúcar. É formado por cinco Hospitais, um museu, um polo terapêutico, uma unidade CAPS.
- <sup>6</sup> BARRETO, Lima (1881-1922). Diário de hospício / Cemitério dos vivos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- <sup>7</sup> Para escutar Rádio Delírio Cultural acessar o link:  
[https://soundcloud.com/delirio\\_cultural\\_rdpolo](https://soundcloud.com/delirio_cultural_rdpolo)
- <sup>8</sup> RANCIÈRE, Jaques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.
- <sup>9</sup> REGO, Mauro sá. O Rádio como Corpo Sem Órgãos. Artigo, 2015.
- <sup>10</sup> A usina de Santa Terezinha começou a operar em 1929 e chegou a ser a maior produtora de álcool e açúcar do país nos anos 1950. Localizada no município de Água Preta, Zona da Mata Sul de Pernambuco, tinha uma ferrovia própria, que chegou a ter aproximadamente 100 quilômetros de estradas de ferro, 21 locomotivas e mais de uma centena de vagões, utilizados para o transporte de cana, açúcar e álcool. Em 1998, atingida por grave crise, a usina encerrou suas atividades.



## ***Incensom***

### Notas

<sup>1</sup> Uma versão da performance *Incensom* foi apresentada no evento: CRUZAMENTOS DA ARTE. IX Fórum Bienal de Pesquisa em Artes + Encontro Regional da ANPAP + Jornada Arte Educação do Prof-Artes, 2019. Casa das Artes, Belém-PA.

<sup>2</sup> Ver nota 1 do programa “Eu já escuto teus sinais”.

### Referências

AMADOR, Zélia, de Deus. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. Artigo. XI CONLAB - Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.

## **Mensagens Sonoras**

### Notas

<sup>1</sup> As informações técnicas desse paragrafo, foram obtidas no artigo “Jonh Cage e o silêncio”, de autoria de Gabriela Garcia. Editora Zumbido, 2019.

## Histórias de escutas

### Notas

<sup>1</sup> **Criado-mudo, (2019)**. Este texto é parte da obra *Criado-mudo*, realizada na disciplina de Seminários Avançados II. A obra, uma instalação, é composta de uma pequena mesa de madeira com gaveta, uma luminária, um microfone com pedestal e uma caixa de som com amplificador. Sobre a pequena mesa, com gaveta entreaberta, uma luminária ilumina a mesinha e seu entorno. O microfone, ligado a uma caixa de som amplificada e apontado para a gaveta entreaberta da mesinha, sugere a captura do som que sai da mesma. Após breve silêncio, em tom soturno, uma voz quebra o silêncio do ambiente e *fantasmagoricamente* começa a *falar*. A princípio chamando a atenção para o fato de que, a voz que está falando, sai dali. Para isso descreve alguns detalhes do contexto em que está inserido, bem como suas características físicas: aqui, ao lado da escada...aqui em baixo da luminária...a mesinha de gaveta aberta. Desta forma a cada montagem, o texto é atualizado, em função do ambiente onde estará ocorrendo. Este aspecto caracteriza a obra como uma prática para *site specific*. *Outro aspecto que tende a variar em outras montagens, é o design dos objetos que compõem a instalação. Por exemplo: a mesa de cabeceira utilizado para esta montagem, poderia ser um modelo atual Tok Stok ou qualquer outro que cumpra a mesma função de um “criado-mudo”*.

Sua fala, não possui pretensões poéticas, é seca e cortante, já o ato da fala, é um convite a fabulação, sendo está uma fabula de terror e violência.

<sup>2</sup> Edgar Quinet (1803-1875), historiador, filósofo e pensador político, republicano e anti-clerical.

<sup>3</sup> KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>4</sup> Big data é a área do conhecimento que estuda como tratar, analisar e obter informações a partir de conjuntos de dados grandes demais para serem analisados por sistemas tradicionais.

### Referências

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*; tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* / Paulo Freire. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2019.

CRUZ, Eliana Alves. *Nada digo de ti, que em te não veja* / Eliana Alves Cruz. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução: Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2008.x

NACÃO ZUMBÍ. *Da lama ao caos*. Recife: Gravadora CHAOS, 1994.

## **Nunca mais**

### Notas

<sup>1</sup> Byung-Chul Han, é filósofo sul coreano, é um dos mais reconhecidos dissecadores dos males que acometem a sociedade hiperconsumista e neoliberal depois da queda do muro de Berlim.

<sup>2</sup> Mauro Iasi, no artigo “Nem luto, nem melancolia”. Blog Boi Tempo, 2020.

<sup>3</sup> Humberto Maturana, falecido em 2021, doutorou-se em Biologia por Harvard (1958), trabalhou em neurofisiologia no MIT (Massachusetts Institute of Technology) e também transitou pela filosofia, antropologia e algumas áreas específicas da medicina como anatomia, genética e cardiologia, com um interesse permeado pela compreensão dos seres vivos

e, especialmente, do humano e da relação entre humanos; Francisco Varela, falecido em 2001, com quem ele concebeu na década de 1970 a noção de autopoiese (autoprodução, a criação de si), conceito que extrapolou o domínio da biologia e foi incorporado em outras áreas da ciência e da filosofia, tendo sido utilizado por nomes reconhecidos como Felix Guattari, Gilles Deleuze, Niklas Luhmann, Antonio Negri e outros.

<sup>4</sup> O termo “autopoiese”, vem do grego *poiesis*, referente à produção, significa autoprodução. Foi utilizado pela primeira vez no mundo acadêmico em 1974, em um artigo escrito por Maturana, Varela e Ricardo Uribe para explicar como os seres vivos produzem continuamente a si mesmos.

#### Referências

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *O direito universal a respiração*. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: Editora n-1, 2020.

MBEMBE, Achille. *O racismo anti-negro funciona da mesma maneira que um vírus*. Coleção Pandemia Crítica. São Paulo: Editora n-1, 2020.

MBEMBE, Achille. *Entrevista com Achille Mbembe*. Tradução Ana Cláudia Holanda. Editora n-1, 2020.

DESCOLA, Philippe. *Nos tornamos um vírus para o planeta*. Coleção Pandemia Crítica. Editora n-1, 2020.

ANGELOU, Maya. *Poesia Completa / Maya Angelou*; tradução de Lubi Prates. Bauru-SP: Astral Cultural, 2020.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BENJAMIN, Walter (1892 - 1940). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

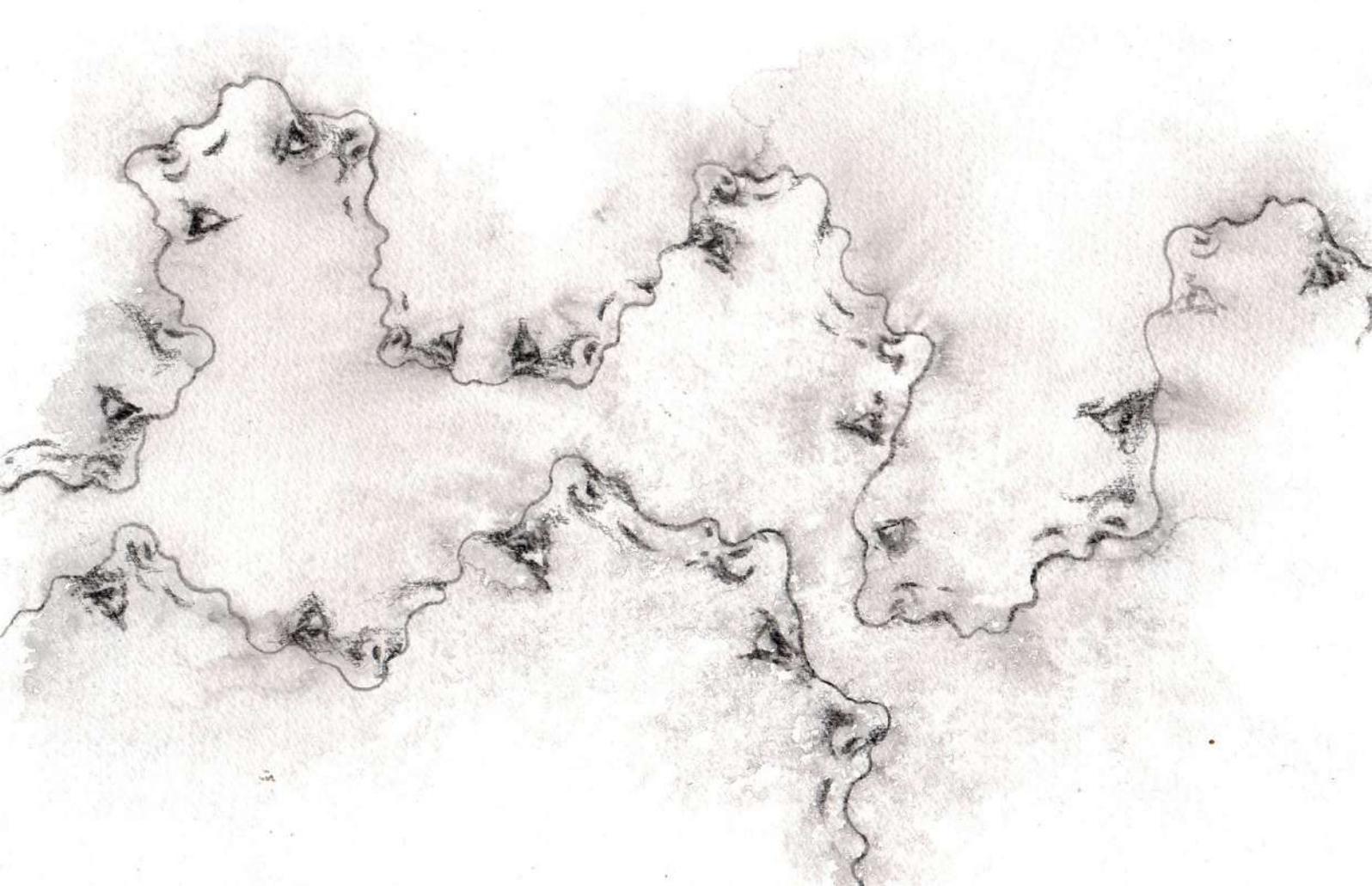
TAVARES, Roberta. Lugar de se morrer é também o poema / Roberta Tavares. Belém-PA: Editora da Autora, 2021.

ANÔNIMO. Monologo do vírus. Coleção Pandemia Critica. São Paulo: editora n-1, 2020.

RIOS, Antônio Sales, Neto. Maturana: sem cooperação e alteridade, não há futuro. Artigo. Site Outras Palavras, 2021.

DUARTE, Luiza/GORGULHO, Victor (org.). No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

BARROS, Manoel de. Meu quintal é maior do que o mundo / Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.



**MIN • BARR • CO  
RÔTICO • O**

